



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
Departamento de Literatura
Programa de Pós-Graduação em Letras
MESTRADO EM LITERATURA

ELISABETE SAMPAIO ALENCAR LIMA

A CASA: ARQUITETURA DO TEXTO
UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A ORIGEM DO ROMANCE DE NATÉRCIA CAMPOS

FORTALEZA
2009

ELISABETE SAMPAIO ALENCAR LIMA

A CASA: ARQUITETURA DO TEXTO
UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A ORIGEM DO ROMANCE DE NATÉRCIA CAMPOS

Dissertação submetida à Coordenação do Curso
de Pós-Graduação em Letras, da Universidade
Federal do Ceará, como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em Letras.

Área de concentração: Literatura

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Neuma Barreto
Cavalcante

FORTALEZA
2009

"Lecturis salutem"

Ficha Catalográfica elaborada por
Telma Regina Abreu Camboim – Bibliotecária – CRB-3/593
tregina@ufc.br
Biblioteca de Ciências Humanas – UFC

L697c

Lima, Elisabete Sampaio Alencar.

A casa [manuscrito] : arquitetura do texto uma investigação sobre a origem do romance de Natércia Campos / por Elisabete Sampaio Alencar Lima. – 2009.

183f. : il. ; 31 cm.

Cópia de computador (printout(s)).

Dissertação(Mestrado) – Universidade Federal do Ceará,Centro de Humanidades,Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza(CE), 19/05/2009.

Orientação: Profª. Drª. Maria Neuma Barreto Cavalcante.

Inclui bibliografia.

1-CAMPOS,NATÉRCIA,1938-2004 .A CASA – CRÍTICA E INTERPRETAÇÃO.
2-CRÍTICA GENÉTICA.3-CRÍTICA TEXTUAL.4-CRIAÇÃO(LITERÁRIA, ARTÍSTICA, ETC).5-ÁGUA NA LITERATURA.I- Cavalcante, Maria Neuma Barreto, orientador.
II-Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Letras. III-Título.

CDD(22^a ed.) B869.34

42/09

ELISABETE SAMPAIO ALENCAR LIMA

A CASA: ARQUITETURA DO TEXTO
UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A ORIGEM DO ROMANCE DE NATÉRCIA CAMPOS

Dissertação submetida à Coordenação do curso de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras. Área de Concentração: Literatura.

Aprovada em _____ / _____ / _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria Neuma Barreto Cavalcante
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr^a. Elza Assumpção Miné
Universidade de São Paulo (USP)

Prof^a. Dr^a. Vera Lúcia Albuquerque de Moraes
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus
A minha família
Aos meus amigos
Aos professores
A todos aqueles que me fizeram
acreditar que seria possível chegar ao dia de hoje.

AGRADECIMENTOS

À professora e amiga Neuma Cavalcante pela preciosa orientação e dedicação;
Às professoras Vera Moraes e Elza Miné;
Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará;
Aos meus professores e colegas de curso;
À família Campos pela generosidade e confiança;
À Neide Lopes, Eugênia Queiroz, Regina Fiúza, Carolina Campos, Margarita Solari, Helena Lutésia e ao Sâenzio de Azevedo;
Aos funcionários da biblioteca do Centro de Humanidades, em especial Ana Elizabeth, Telma, Neuma, Pedro, pela colaboração;
À FUNCAP, pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa auxílio;
À minha família pelo apoio incondicional e extrema compreensão;
Ao Pedro Luz pelo incentivo e apoio;
Ao professor Eduardo Luz pela leitura.

“3:40hs da madrugada. Os lobisomens já voltaram a sua primitiva forma. Hoje é 9 de setembro de 1998. Ouço música. Acabo de escrever a última palavra no meu romance!

Meu romance! Nunca pensei que o escrevesse!

Será ele do meu pai! Dei a ele na madrugada de 23 de Agosto de 1998, quando senti emocionada, chorando que eu gostaria que ele lesse e ele iria apreciar o que eu escrevera. Estou feliz. Muito. Este mês faço “Setembro o maio do outono”... Dia 30 de Setembro dia de São Jerônimo. 60 anos. Neste ano três livros meus virão a lume. “Jamais deux sans trois”... A última palavra que no meu romance escrevi foi tempo quando coloquei o provérbio “ninguém pode por rédeas no tempo”
Natércia Campos

Acho que o escrevi em um mês e meio. Fora o 1º capítulo este foi escrito há uns três anos!

Estou louca para comer uma maçã; mas o medo é grande! Principalmente agora que terminei estas páginas onde falo de assombros...

Estou amando esta madrugada

Abri a janela do meu quarto para ver o mar, o céu, as luzes. Minhas filhas e o meu filho dormem e eu os abençôo.”

(Natércia Campos)

RESUMO

Esta pesquisa procura entender os processos de criação do romance *A Casa* (1999), de Natércia Campos, e apresentar os resultados obtidos com o estudo dos manuscritos e da documentação paratextual encontrados no acervo pessoal da escritora. Tem como hipótese que três textos, “O espelho”, “Infância no Minho” e “O Rasto” - com estruturas diferentes e escritos, provavelmente, em épocas diferentes - teriam contribuído para a criação do romance. Essa hipótese apontou uma nova direção ao nosso trabalho: não mais a proposta inicial do estudo genético do romance *A Casa*, observando seu processo escritural, e não mais o emprego da mesma metodologia num tema do livro. Aplica alguns pressupostos da Crítica Genética - cujo objeto é o manuscrito literário e o objetivo é levantar hipóteses sobre o processo de criação do escritor, a partir das marcas deixadas por ele no caminho da sua escritura - para possibilitar a leitura, transcrição e interpretação dos documentos formadores do *corpus*. Apresenta os resultados obtidos.

Palavras-chave: Natércia Campos, Acervo de Escritores, *A Casa*, Crítica Genética.

ABSTRACT

This research aims to understand the creation process of the novel *A Casa* (1999), by Natércia Campos, and present the results of the study of manuscripts and paratextual documents found in the writer's collection. It assumes that three texts, "O espelho", "Infância no Minho" and "O Rastro" – with different structures and, probably, written at different times - contributed to the creation of the novel. This hypothesis gave a new direction to our work: no longer the original proposal of the genetic study of the novel *A Casa*, neither observing its writing process nor using the same methodology in book's a theme. It applies some assumptions of Genetic criticism – whose object is the manuscript book and the aim is to raise hypotheses about the writer's creation process, using the marks left in the writing path - for reading, transcription and interpretation of the documents that form the corpus . It presents the results.

Keywords: Natércia Campos, Writers' Collection, *A Casa*, Genetic Criticism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 NOS ESPAÇOS DA CRÍTICA GENÉTICA	13
1.1 Como surgiu a Crítica Genética	13
1.1.1 “O brasileiro não tem memória”	19
1.1.2 Natércia Campos e Literatura Cearense	21
1.1.3 3x4 e <i>Poesia Plural</i>	23
1.1.4 O acervo de Natércia Campos	25
2 OS CAMINHOS DA CRIAÇÃO	29
2.1 O que narra <i>A Casa</i>	29
2.1.1 As águas.....	36
2.1.2 Novas descobertas	38
2.1.3 “O espelho”	53
2.1.4 As versões de “Infancia no Minho” e “O Rasto”	55
3 O SURGIMENTO DO ROMANCE <i>A CASA</i>	66
3.1 O corpus	66
3.1.1 “Infância no Minho” e “O Rasto”	68
CONCLUSÃO.....	119
REFERÊNCIAS	122
ANEXOS	127

INTRODUÇÃO

A criação do primeiro Arquivo-Museu de Escritores Cearenses (AMEC), atualmente sediado no segundo andar da biblioteca do Centro de Humanidades, nasceu da iniciativa da Prof^a Dr^a Neuma Cavalcante ao escolher como objeto de pesquisa, no concurso para professora visitante da Universidade Federal do Ceará (UFC), a organização do acervo de um escritor cearense sob o título “O Arquivo Pessoal de José Maria Moreira Campos: memória de uma vida criativa”. Esse projeto visava a organizar e indexar os documentos pessoais do titular. Como resultado, mostraria as possibilidades de pesquisa que tais documentos oferecem e a necessidade de se incentivar a preservação de acervos particulares. O projeto recebeu apoio do ICA (Instituto de Cultura e Arte), então dirigido pela Prof^a Dr^a Angela Gutiérrez, que, também preocupada com questões relacionadas à preservação da memória, definira como uma das metas para a Casa de José de Alencar – sob a administração do ICA – torná-la um centro de referência para a pesquisa e a documentação da cultura cearense.

O Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFC, também reconhecendo a atualidade dessas iniciativas, abriu uma linha de pesquisa direcionada à organização, exploração e divulgação de acervos de escritores. A UFC coloca-se, assim, em consonância com outras Instituições voltadas à aquisição e preservação de fontes primárias que permitem aos estudiosos e pesquisadores debruçarem-se sobre esses documentos para analisá-los, decifrá-los e interpretá-los.

Ainda no início do arrolamento dos documentos do acervo de Moreira Campos, a filha, Natércia Campos, faleceu, e suas filhas solicitaram à Professora que incluisse seu acervo no projeto. Formou-se, então, uma equipe para realizar esse trabalho.

Natércia Campos, escritora premiada, foi funcionária da Secretaria de Cultura e do Desporto do Estado do Ceará. Iniciou-se na literatura com o conto “A Escada” e, desde então, não parou de escrever, lançando: *Iluminuras* (1988), *Por terras de Camões e Cervantes* (1998), *Noite das Fogueiras* (1998), *A Casa* (1999) e *Caminho das Águas* (2001). Mais considerações sobre a autora serão feitas no primeiro capítulo, “Nos Espaços da Crítica Genética”.

Como integrante da equipe encarregada da organização do acervo dos Campos, desde 2005 trabalhamos na higienização, catalogação e indexação de documentos pertencentes a Natércia Campos, mais especificamente na então classificada série Material Extraído de Periódicos. Durante esse período, lemos também sua correspondência e manuscritos; dentre estes, os originais do romance *A Casa*, livro publicado em 1999, premiado e indicado na lista do vestibular da Universidade Federal do Ceará em 2004.

Antes mesmo de elaborarmos um projeto para ingresso no programa de mestrado da Universidade Federal do Ceará, a organização do Acervo já dava seus frutos, pois trabalhamos na montagem de exposições, para dar ao público uma amostra do trabalho então realizado; fazíamos palestras sobre o método empregado, a fim de divulgar essa nova modalidade de pesquisa no Ceará. Com o mesmo objetivo, já como mestranda, participamos de congressos, encontros e seminários, com apresentação de resultados parciais da pesquisa.

Para melhor desempenho na organização do material, doado pela família Campos, era preciso conhecermos as técnicas arquivísticas; assim formamos o grupo de estudos “Da raiz à flor”, coordenado pela professora Neuma Cavalcante e composto por mim, por Isabel Gouveia e Terezinha Melo; líamos e discutíamos obras de Segismundo Spina, Luis Fagundes Duarte e Pierre-Marc de Biasi. Participamos também da oficina “Normas de Preservação de Documentos Públicos”, organizado pelo Arquivo Público do Estado do Ceará e Arquivo Nacional. Iniciamos ainda uma oficina de encadernação com o técnico da Biblioteca do Centro de Humanidades, Pedro Alves.

À medida que fomos criando intimidade com o Acervo, percebemos a riqueza de possibilidades que oferece e, entre tantas, optamos pelo trabalho com os manuscritos. Decidimos, então, apresentar um projeto de pesquisa para concorrer a uma vaga no Programa de Mestrado em Literatura Brasileira da UFC. Como somente Ítalo Gurgel, aqui no Ceará, havia trabalhado com manuscritos em sua dissertação – “Uma leitura íntima de *Dôra, Doralina: A lição dos manuscritos*” (2001), não existia uma linha de pesquisa específica nesse campo; e nosso projeto “*A Casa: arquitetura do texto*” vinculou-se à linha “Literatura e História”. No ano seguinte, 2007, o Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira implantou a linha de pesquisa “Arquivo de escritores: organização, preservação, exploração e divulgação.”

A documentação relacionada ao romance de Natércia Campos é muito extensa: abrange cartas, rascunhos, pesquisas e manuscritos da obra em várias fases de elaboração; um exemplar em brochura, enviado para o Prêmio Osmundo Pontes de Literatura e a primeira

edição de 1999; disquetes, material extraído de periódicos, quatro versões completas digitadas e uma incompleta, cujo volume foi desmembrado e o verso da folha utilizado como rascunho.

A extensão desse conjunto documental e a visibilidade da obra, em parte devido ao vestibular, despertaram nosso interesse e foram decisivos na escolha do objeto de pesquisa. A par disso, notamos a escassez de trabalhos sobre o livro de Natércia. Fora um pequeno número direcionado aos vestibulandos, nem todas as críticas endereçadas à autora tiveram divulgação pública, permanecendo guardadas em seu acervo.

Quanto à metodologia a ser utilizada no desenvolvimento de nossa pesquisa, a que mais atendia às necessidades do projeto eram os pressupostos teóricos da Crítica Genética.

Dentre vários teóricos da Crítica Genética, optamos metodologicamente pelas obras de Almuth Grésillon e Pierre-Marc de Biasi, que respondem com maior pertinência ao tipo de material do qual nos ocupamos. Com relação à obra de Grésillon, utilizamos suas informações sobre objeto e objetivo da Crítica Genética. A autora não apresenta de forma didática as fases do processo criativo, no entanto nos leva a reflexões sobre a teoria. Já a obra de Pierre-Marc de Biasi normatiza a classificação e as etapas do processo de criação, sugerindo a abordagem crítica dos manuscritos. Por tal motivo, elegemos a obra desses teóricos como suportes fundamentais. Ao longo da dissertação, a apresentação da metodologia será desenvolvida e explicitada na análise dos manuscritos.

Organizamos a dissertação em três capítulos: o primeiro, “Nos espaços da Crítica Genética”, procura mostrar o surgimento dessa técnica e os métodos por ela utilizados para o tratamento do manuscrito moderno e destaca tanto a importância da criação do AMEC para a preservação da cultura quanto a relevância de Natércia Campos na Literatura Cearense. O segundo, “Os caminhos da Criação”, apresenta o dossiê de três textos: “O Espelho”, “O Rasto” e “Infância no Minho”. O terceiro, “O surgimento do romance *A Casa*”, destaca a participação desses textos na gênese do romance. Por fim, a conclusão traz reflexões sobre o processo de criação da escritora. A bibliografia elenca obras ligadas diretamente à pesquisa: obras de Natércia Campos; trabalhos sobre Natércia; discurso de posse na Academia Cearense de Letras, obras teóricas sobre Crítica Genética e Crítica Textual, dicionários e obras de Teoria Literária.

Anexas estão as entrevistas realizadas com familiares e amigos de Natércia Campos e a cópia do Termo de Cessão do seu acervo à Universidade Federal do Ceará.

1 NOS ESPAÇOS DA CRÍTICA GENÉTICA

1.1 Como surgiu a Crítica Genética

Ao analisarmos um texto literário, podemos enfatizar o autor, a recepção da obra ou o leitor, mas tendo sempre como pontos de partida o tripé composto de autor, obra e leitor, como nos ensina Antonio Candido¹, em *Formação da Literatura Brasileira*:

Quando nos colocamos ante uma obra, ou uma sucessão de obras, temos vários níveis possíveis de compreensão, segundo o ângulo em que nos situamos. Em primeiro lugar, os fatores externos, que a vinculam ao tempo e se podem resumir na designação de sociais; em segundo lugar o fator individual, isto é, o autor, o homem que a intentou e realizou, e está presente no resultado; finalmente, este resultado, o *texto*, contendo os elementos anteriores e outros, específicos, que transcendem e não se deixam reduzir a eles.

A Crítica Genética, tendo como objeto o manuscrito moderno, representa um apoio confiável ao crítico literário, fornecendo-lhe dados sobre o texto, tais como a datação, o contexto em que foi escrito, a dinâmica da escritura, o movimento das variantes que podem esclarecer o texto final. O manuscrito moderno, segundo Almuth Grésillon², opõe-se ao manuscrito antigo em todos os aspectos:

O primeiro é um manuscrito de ‘autor’, o segundo, em sua grande maioria, um manuscrito feito pelo copista. O primeiro é um documento particular, no qual o autor consigna para si mesmo os estados sucessivos de um texto em elaboração, o segundo é um documento feito para ser publicado, uma vez que, até a invenção da imprensa (e ainda bastante tempo depois), o livro era manuscrito e somente esse manuscrito tinha a função de garantir a circulação dos textos. O primeiro é um documento de criação, o segundo, um documento de reprodução e de transmissão resultando disto que a crítica genética não é possível no sentido estrito senão a partir dos manuscritos modernos.

Vale lembrar que consideramos manuscritos também os textos impressos ou datilografados, mas que tenham anotações autógrafas ou colagens.

A técnica para estudo do manuscrito moderno foi desenvolvida na França, nos anos 60, (*Centre National de la Recherche Scientifique – CNRS*, 2004), quando uma pequena

¹ CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993. p.33. vol. I

² GRÉSILLON, Almuth. *Elementos de Crítica Genética: ler os manuscritos genéticos*. Tradução de Cristina de Campos Velho Birck...[et al]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p.110 e 111.

equipe de pesquisadores encarregou-se de organizar os manuscritos do poeta alemão Heinrich Heine, que haviam sido comprados pela *Bibliothèque Nationale* de Paris. Esses manuscritos foram encontrados às margens do rio Sena, onde o poeta viveu durante vinte e cinco anos, após ter fugido da Alemanha durante o governo de Metternich.

Embora os manuscritos já fizessem parte de acervos de bibliotecas, não havia sido consolidada uma metodologia específica para seu tratamento e exploração, e pela primeira vez eram vistos como objetos de estudo e não apenas como patrimônio cultural. Mas ainda não se dispunha de experiências anteriores para o trato desse tipo de material (cartas, manuscritos, anotações, etc). Nas palavras de Almuth Grésillon (2007, p 7-18)³:

Os melhores dentre eles eram especialistas em Heine, mas nenhum tinha em sua bagagem qualquer teoria da escrita literária, nem uma experiência prática do manuscrito. O que os reunia era um desejo comum de aprender na prática para responder ao desafio, e apreender a materialidade dos rascunhos para classificar, datar, transcrever e editar a coleção de Heine.

Foi um período rico de discussões motivadas pela inquietação sobre o tratamento a ser dispensado ao manuscrito moderno. O resultado dos estudos apresentados em Simpósios e divulgados em revistas foi a normatização de uma técnica a que chamaram Crítica Genética.

Herdeira da experiência da Filologia⁴, com manuscritos e edições para estabelecimento do texto crítico, a Crítica Genética fornece mecanismos para a interpretação da evolução do processo criativo, tendo como base os manuscritos modernos, qualquer que seja sua extensão (fragmentos, esboços, esquemas, textos incompletos), formas (manuscritos, datiloscritos, impressos, colagem) e suporte (folhas avulsas, cadernos, cadernetas, recortes). Utiliza também paratextos (cartas, entrevistas) que possam iluminar a trajetória do texto.

Aceitando a posição dos que consideram que a Crítica Genética beneficiou-se da tradição filológica e dos passos por ela definidos – recensio, estemática, collatio – bem como de outros campos de decifração da escrita, como a Codicologia – para conhecimento do

³ GRÉSILLON, Almuth. Alguns pontos sobre a História da Crítica Genética. *Revista do Instituto de Estudos Avançados*.v.11. n. 11. p.7-18. abril 1991.

⁴ Essa filiação não é aceita unanimemente pelos teóricos da Crítica Genética; por exemplo, Grésillon diz: “Os inícios reais da crítica genética atual fizeram-se, pois, é importante frisar, fora de qualquer ambição teórica e mesmo desconectados de qualquer tradição filológica, principalmente de uma certa tradição francesa, indo de Lanson a J. Pommier, passando por Albalat, Rudler, Audiat e alguns outros. Também é absurdo declarar hoje que o ponto de partida das pesquisas atuais teria sido fornecido pela ‘ contestação’ dessa tradição (Falconer 1988, p.279). Esta tradição não foi nem contestada nem esquecida nem desprezada, muito simplesmente ela não estava na ordem do dia quando, em 1968, foi necessário realizar o mais urgente para que alguns germanistas viessem decifrar a escritura gótica, instruir-se com seus colegas dos manuscritos antigos, a fim de aprender o bê-a-bá da codicologia e inspirar-se nas grandes empresas editoriais alemãs, para saber como descrever e representar variantes.”

material utilizado na produção do manuscrito - não poderíamos deixar de estudar e citar alguns filólogos, como Segismundo Spina⁵, que diz:

A Filologia concentra-se no texto, para explicá-lo, restituí-lo à sua genuinidade e prepará-lo para ser publicado. A *explicação do texto*, tornando-o inteligível em toda a sua extensão e em todos os seus pormenores, apela evidentemente para disciplinas auxiliares (a literatura, a métrica, a mitologia, a história, a gramática, a geografia, a arqueologia etc.), a fim de elucidar todos os pontos obscuros do próprio texto. Esse conjunto de conhecimentos complicados, dando a impressão de verdadeira cultura enciclopédica de quem os pratica, constituindo o caráter erudito da Filologia. Aliás, [...] nasceu assim a filologia alexandrina. A *restauração* do texto, numa tentativa de restituir-lhe a genuinidade, envolve um conjunto de operações muito complexas, mas hoje estabelecidas com relativa precisão: é a *crítica textual*, que também foi conhecida e praticada pelos filólogos alexandrinos; a *preparação do texto*, para editá-lo na sua forma canônica, definitiva, também apela para um conjunto de normas técnicas, hoje também sistematizadas e mais ou menos universalmente respeitadas. A explicação do texto, a sua restituição à forma original através dos princípios da crítica textual, constituem aquilo que podemos chamar de *função substantiva* da Filologia; a Edótica compreende essa operação da crítica textual e a organização material e formal do texto com vistas à publicação.

Além de Spina, citamos Giuseppe Tavani e Luiz Fagundes Duarte, que se permitem transitar entre os conceitos de Filologia e Crítica Genética. A leitura dos seus textos nos mostrou que, em nosso trabalho, teríamos que ampliar o diálogo e solicitar o concurso de outras disciplinas. Cada caso traz consigo suas especificidades, o que nos leva à flexibilização das normas. Segundo Tavani (1988), “[n]ota-se uma como que não perfeita correspondência entre a teoria e a práxis, no sentido de que a teoria se revela demasiado abstrata para que seja diretamente transponível na prática, e a práxis se manifesta sempre – ou frequentemente – muito menos convincente que a teoria”. Já em Luiz Duarte, colhemos os fundamentos para a descrição dos suportes e os tipos de interferências no manuscrito estudado, fases também necessárias na aplicação da crítica genética. Usamos como guia seu livro *A Fábrica dos Textos* (1993) e *A Capital! Começos duma carreira* (1992) seu estudo filológico à edição crítica da obra de Eça de Queirós.

No entanto, Crítica Genética, a nosso ver, distingue-se da Crítica Textual e da Edótica, por não visar a um fim, isto é, não cabe a ela escolher o melhor texto ou o mais original, seu objetivo é avaliar a criação do autor e os diversos momentos da criação, é observar a obra enquanto ela se faz, analisar a trajetória percorrida desde os primeiros esboços – até mesmo de uma idéia comunicada em carta a um amigo – caso o texto venha a ser

⁵ SPINA, Segismundo. *Introdução à Edótica: Crítica Textual*. 2^a edição. São Paulo; Ars Poética: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. p. 82.

publicado, e, mesmo se ficar inacabado: por morte do autor, por desvio dele para outros interesses, enfim, por motivos que só irão participar do processo perifericamente.

Gustavo Lanson, Daniel Mornet, Gustave Rudler e Pierre Audiat estão entre os teóricos que estabeleceram alguns princípios nos quais a Crítica Genética iria apoiar-se.

Lanson, nos *Essais de méthode de critique et d'histoire littéraire* (1910), relata o trabalho que o crítico tem para buscar as informações sobre o autor e a obra em livrarias, bibliotecas, diários particulares, correspondência; procurar traçar paralelos entre elementos afins das obras e agrupar as que se assemelham. Como observa Jean-Yves Tadié⁶, algumas análises de Lanson não são finalistas, não admitem que o último texto seja o melhor ou definitivo. Na verdade, a Crítica Genética não busca um texto final, mas sim o processo.

Daniel Mornet utilizou os catálogos de bibliotecas como fonte para seus estudos. Foi o pioneiro nesta nova abordagem e lançou uma pergunta básica, anunciada por tantos outros estudiosos: o que liam esses homens? A partir daí, a busca de novas abordagens tem-se ampliado significativamente.⁷ Grandes ou pequenos conjuntos de livros, com proprietários sistemáticos ou dilettantes, passaram a ser vasculhados através de fontes cartoriais e trouxeram novos subsídios para os historiadores que privilegiavam também o contexto social do período investigado.⁸

Gustave Rudler, professor em Oxford, publicou *Techniques de La critique et de l'histoire littéraire* (1923), em que se vê a evolução do processo mental da escrita. Segundo Ítalo Gurgel⁹ “Sua teoria visava determinar a ‘fórmula total’ do escritor, pressupondo ele que os manuscritos deveriam reconstituir sua fisionomia sentimental, ideológica e sensorial.”

Audiat, em sua tese *La biographie de l'oeuvre littéraire*, busca a “idéia geradora” de uma obra. Nas palavras de Tadié, “ele propõe ‘desdobrar a obra anteriormente dobrada’, imitando ‘o ato pelo qual a obra foi criada’, ‘reconstituindo e revivendo a vida mental de um escritor em determinado período’. Só então o crítico torna-se realmente escritor e essas duas

⁶ TADIÉ, Jean-Yves. A Crítica Literária no Século XX. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1992. p.288.

⁷ Ver Michel Marion. *Recherches sur les bibliothèques privées à Paris au milieu du XVIII^a siècle* (1750-1759). Paris: Bibliothèque Nationale, 1978. p. 45-8; Robert Darnton. *Boemia literária e Revolução. O submundo das letras no Antigo Regime*. Trad. de Luis Carlos Borges. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 168-79. Esses dois autores enfatizam a importância pioneira dos trabalhos de Mornet. Ler também Daniel Mornet, *Comment étudier un auteur de troisième ou de quatrième ordre. Romantic Review, XVIII* [1936], p. 204-16 e *Histoire de la Littérature française classique, 1660-1700*. Paris, 1947

⁸<http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&client=firefox-a&rls=org.mozilla:pt-BR:official&hs=Com&q=daniel+mornet&start=10&sa=N>

⁹ GURGEL, Ítalo. *Uma leitura íntima de Dôra*, Doralina: a lição dos manuscritos. Fortaleza: Casa José de Alencar, 1997. p.58.

categorias de homens das letras param de se opor.”¹⁰ Com essa forma de pensar, introduziu na crítica a noção de tempo, distinguindo as etapas da criação.

Beneficiária de todas essas reflexões do estudo do manuscrito moderno, bem como do legado da filologia, a técnica que seria chamada Crítica Genética realiza a normatização dessas preocupações sobre a obra “in fieri”.

Quando nos remetemos ao momento em que surge a Crítica Genética - fim dos anos 60 e início dos 70 - devemos lembrar que o Estruturalismo estava em voga. E a nova técnica se volta contra essa corrente, mas ao mesmo tempo usa o rigor investigativo empregado por ela.

Almuth Grésillon (1991, p.7-18) descreve com precisão a identificação e a dissociação entre Crítica Genética e Estruturalismo:

Herdando dessa corrente o rigor metodológico, a crítica genética, embora fazendo romper o fechamento do texto, foi utilizada para isolar e descrever as diferentes fases dos antetextos (notas documentárias, pesquisas, menções epistolares, notas de trabalho, roteiros, planos, resumos, primeiro esboço redacional, rascunhos elaborados, passagens a limpo, cópias, provas corrigidas); e estabelecer, em função dos hábitos variáveis dos escritores, tipologias antetextuais. Com o mesmo rigor, a análise material do manuscrito, que acrescenta ao antigo exame filológico as vantagens da informática e da análise do papel, mas que é uma coisa bem diferente do “positivismo com lente” (M. Crouzet 1989, p. 12), chega a classificações genéticas de muito grande precisão.

O percurso da Crítica Genética até a atualidade organiza-se, ainda segundo Grésillon, em três momentos: o primeiro, “germânico-ascético” (1968-75), fase inicial em que os pesquisadores do CNRS procuravam aprender como tratar os manuscritos. No segundo, “momento associativo-expansivo” (1975-1985), os estudos passam a ser mais gerais, não apenas se concentrando na decifração da escrita de Heine, mas estendendo-se a Proust, Zola, Valéry e Flaubert. Foi nesse período que outros países, como o Brasil, passaram a valorizar o patrimônio literário e buscaram a ajuda na experiência francesa. O terceiro, mais amadurecido, é o “momento justificativo-reflexivo”, vivido na atualidade, estágio de novos questionamentos sobre os limites da Crítica Genética e a tentativa de consolidá-la como ciência.

No Brasil, essa técnica foi introduzida por Philippe Willemart, Professor - Titular de Literatura Francesa da Universidade de São Paulo, ao organizar o I Colóquio de Crítica Textual - O manuscrito Moderno e as Edições. Nessa mesma ocasião, foi fundada a

¹⁰ TADIÉ, Jean-Yves. *A Crítica Literária no Século XX*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1992. p.292

Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário (APML), que já organizou diversos congressos (1988, 1991, 1994, 1997, 2000, 2003, 2006, 2009). Tem como principal órgão de divulgação a revista *Manuscritica*, fundada em 1990. Atualmente essa associação tornou-se mais abrangente e modificou seu nome para Associação de Pesquisadores de Crítica Genética (APCG), por aplicar essa técnica a diversos campos da arte e não apenas à Literatura.

Seguindo os passos indicados por Pierre-Marc de Biasi, veremos que a análise de um manuscrito passa por fases que permitem identificar a cronologia da gênese de uma obra.

O estabelecimento dos documentos – procurando sempre confirmar a autenticidade dos documentos, o crítico deve fazer o inventário de todos os testemunhos da obra escolhida para análise, daí resultando o “dossiê genético”. Essa primeira fase da pesquisa pode demorar anos.

Especificação das peças – consiste em separar cada documento de acordo com a fase de elaboração;

Classificação genética - procura identificar os rascunhos e esboços tendo como critério a similaridade, no eixo paradigmático, e uma sequência cronológica, num eixo sintagmático.

Decifração e transcrição – para classificar os documentos, na maioria das vezes, é necessário um trabalho de decifração da escrita e transcrição rigorosa de cada rasura, mancha ou anotações encontradas no fólio.

Uma das fases mais complexas de uma análise genética é a identificação da ordem cronológica dos testemunhos. No nosso caso, por exemplo, apenas dois manuscritos estão datados.

Para estabelecer a cronologia dos manuscritos, fazemos uso da Codicologia, que, como já vimos em Spina e agora reiteramos nas palavras de Biasi, é a “ciência dos suportes materiais da escrita: tintas, lápis, papéis, filigranas, etc. A composição química de uma tinta, a presença de um tipo particular de filigranas (todos os papéis continham até o século XX) no papel utilizado pelo autor, a própria natureza desse papel (espessura, cor, dimensão, etc.) podem tornar-se indícios particularmente preciosos para classificar e datar documentos problemáticos.”¹¹ Conseguimos datar alguns manuscritos, no acervo de Natércia Campos, analisando seus elementos externos: cor e tamanho da folha, se estavam datilografados ou digitados no computador.

¹¹ BIASI, Pierre-Marc. In: *Métodos críticos para a análise literária*. Vários autores. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 27.

A Crítica Genética busca sua consolidação através da delimitação bem definida de “seu objeto: os manuscritos literários, na medida em que portam o traço de uma dinâmica, a do texto em criação. Seu método: o desnudamento do corpo e do processo da escrita, acompanhado da construção de uma série de hipóteses sobre as operações escriturais. Sua intenção: a literatura como um *fazer*, como atividade, como movimento.”¹² Esses três elementos norteadores da Crítica Genética oferecem ao crítico um subsídio seguro para a formulação de uma opinião, livrando-o de incertezas e divagações.

Os estudos genéticos da obra de arte vêm se desenvolvendo e despertando interesse. Isso é comprovado pela produção acadêmica, que tem ampliado a investigação de manuscritos brasileiros em diferentes regiões do País, como na Universidade de São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal do Espírito Santo, Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal Fluminense e, mais recentemente, Universidade Federal do Ceará.

1.1.1 “O brasileiro não tem memória”

Ao longo da vida, acumulamos papéis, objetos, cartas, fotografias, agendas, diários e outros materiais que, se isolados do conjunto, poderiam não ter sentido. Por exemplo: coleções de chaveiros, folhas secas dentro de um livro, tampas de vinho... Compõem o que Philipe Artières chama de “arquivamento do eu” e responde a uma exigência social, ou intenção autobiográfica. Os documentos de identificação: certidões, diplomas, registros, documentos de identidade, vida escolar, fotografias, têm função prática, pois com esses papéis monta-se o *curriculum vitae*. Mas, além desse aspecto circunstancial, também é possível extrair deles “lições do passado, para preparar o futuro, mas, sobretudo para existir no cotidiano.”¹³

Não é diferente com pessoas que possuem um destaque social, político ou cultural - músicos, escritores, artistas. Todos formam seus acervos e felizmente alguns deles encontram-se dispostos a cuidar desses documentos e torná-los disponíveis para estudiosos e

¹² GRÉSILLON, Almuth. *Elementos de Crítica Genética: ler os manuscritos modernos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p.19.

¹³ ARTIÈRES, Philippe. “Arquivar a própria vida”. In *Estudos Históricos: arquivos pessoais*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, v. 11, n. 21, p.9-32, 1998.

pesquisadores. As cartas e fotografias, por exemplo, contam muito sobre o momento histórico e a vida do titular. Observando sua biblioteca, acompanhamos seus interesses de leituras, o gosto pessoal e também as tendências e o desenvolvimento editorial de uma época. Procedimentos de escritura nos serão mostrados pelos seus manuscritos e rascunhos. O conjunto desses documentos contribui para que entendamos melhor a memória individual do titular e o contexto em que viveu. Essas memórias individuais irão conformar a memória nacional.

A preservação do legado de artistas e escritores é um ato responsável, que tem levado instituições a investirem na formação de pesquisadores e na aquisição de técnicas específicas. Famílias de escritores já confiam que o legado cultural herdado estará seguro e constituirá um verdadeiro celeiro de pesquisas, que permite ver na obra além do que foi publicado.

Cada acervo contém a sua especificidade e demanda uma forma diferenciada de tratamento. Mas, para todos, há um procedimento comum: organizar, preservar, explorar e divulgar o conteúdo existente em todos eles.

Concordamos com Maria Zilda Cury¹⁴ quando diz que “[a] organização de acervos e a abertura de suas portas a um público mais amplo, além do mais, indicam uma visão mais democrática das possibilidades de acesso à cultura e para uma tentativa de retomada da memória no seu aspecto efetivamente coletivo, comunitário”.

No Brasil equipamentos culturais – de iniciativa pública e privada - dedicam-se à aquisição e manutenção de acervos. As instituições privadas são geralmente motivadas pelo interesse da família: Fundação Casa de Jorge Amado (BA), Casa de Juvenal Galeno (CE), Casa de Gilberto Freire (PE), Casa de José Américo (PB), Arquivo de Érico Veríssimo (RS), Fundação Câmara Cascudo (RN). Instituições públicas que também abrigam esse tipo de material são, por exemplo: Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-SP), Acervo de Escritores Mineiros, Centro de Estudos Literários (UFMG), Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ), Biblioteca Pública do Rio de Janeiro, Centro de Estudos Murilo Mendes (UFJF), Centro de Pesquisas Literárias da PUCRGS (RS), Instituto Moreira Salles (SP), esta uma empresa mista.

Uma das funções de Instituições culturais, como as Universidades, é a divulgação e preservação da cultura, cumprindo o papel que lhe cabe perante a sociedade. Esse é o objetivo da Universidade Federal do Ceará, que busca aprimorá-lo e ampliá-lo desde sua

¹⁴CURY, Maria Zilda. “Acervos: gênese de uma nova crítica”. In: *A trama do arquivo*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1995.

instalação.¹⁵ Para tanto, incorpora à sua administração o MAUC (Museu de Arte da UFC), As Casas de Cultura Estrangeira, A Casa de José de Alencar, entre outros.

Procurando, mais uma vez, colocar-se em consonância com sua época e ciosa de sua responsabilidade na preservação da memória nacional, a Universidade Federal do Ceará apóia a proposta de criação do primeiro Arquivo-Museu de Escritores Cearenses.

A concretização dessa iniciativa só foi possível através do ato responsável da família Campos, ao confiar na UFC como a instituição tutelar e propagadora do legado de Moreira Campos e Natércia Campos, que tanto contribuíram para que a literatura local se destacasse e agora, aceitando a doação dos acervos de ambos, assume a responsabilidade de criar condições para manutenção, preservação e divulgação desse novo bem patrimonial.

1.1.2 Natércia Campos e a Literatura Cearense

Natércia Maria Alcides Campos, filha de José Maria Moreira Campos, professor da UFC, crítico literário e escritor, e Maria José Alcides Campos, era funcionária da Secretaria dos Negócios do Interior e da Justiça do Ceará. Nasceu em Fortaleza, Praia de Iracema, em 30 de setembro de 1938. Na infância gostava de ouvir as histórias contadas pelo pai e de ler Monteiro Lobato, irmãos Grimm, Andersen e Perrault. Com apenas 17 anos, casou-se com José Emanuel Pápi Saboya, filho de Nadir Roquelina Pápi de Saboya, primeira dama do teatro cearense e filha do segundo casamento do escritor Antônio Pápi Junior. Da união de Natércia e José Emanuel nasceram seis filhos, Caterina, José Thomé, Clarissa, Rodrigo, Emmanuela e Carolina. Durante os seus 65 anos de vida, Natércia fez várias viagens e algumas delas ficaram registradas em suas obras, como é o caso da viagem feita a Portugal e Espanha, que inspirou o *Por Terras de Camões e Cervantes* e *A noite das fogueiras*. O cruzeiro pela região Norte do Brasil gerou o *Caminho das Águas*. Sua mais longa e produtiva viagem, porém, foi aquela realizada ao sertão nordestino, conduzida pelas obras de Câmara Cascudo, Oswaldo Lamartine e Gustavo Barroso, e que marcou o seu único romance, *A Casa*.

¹⁵ Art. 4º. - A Universidade tem por objetivo preservar, elaborar, desenvolver e transmitir o Saber em suas várias formas de conhecimento, puro e aplicado, propondo-se para tanto:

- a) ministrar o ensino para formação de quadros destinados às atividades técnicas e aos trabalhos da cultura;
- b) realizar pesquisas e estimular criações que enriqueçam o acervo de conhecimentos e técnicas nos setores abrangidos;
- c) estender à comunidade o exercício das atividades de ensino e pesquisa.

http://www.ufc.br/portal/images/stories/_files/auniversidade/estatuto/estatuto_ufc.pdf (horário 16:09) dia 11/03/09.

Sua amiga Eugênia Queiroz relembra, em entrevista que nos concedeu, o deslumbramento de Natércia pelo Sertão: “A *Natércia nasceu na praia de Iracema, nunca morou no sertão, porém tinha uma verdadeira fascinação e falava no Sertão como se lá tivesse vivido.*”¹⁶

Em 2 de junho de 2004, a escritora faleceu vítima de câncer.

Natércia Campos estreou como escritora nas páginas do suplemento literário de “O Povo”¹⁷, jornal de Fortaleza. Sua carreira inicia-se com o conto “A Escada”, que escreveu na Espanha, quando fora visitar seu primeiro neto, no ano de 1984. Foi publicado na coletânea *Quem Conta um Conto* (editora Expressão - SP, 1987), na *Revista de Letras*, v. I, Fortaleza (Edições UFC, 1988) e no *Almanaque de Contos Cearenses* (editora Bagaço, 1997). Este seria apenas o começo de uma brilhante trajetória que nos traria outras histórias, como *Iluminuras* (1988), livro dedicado a seu mestre Câmara Cascudo¹⁸; *Por Terras de Camões e Cervantes* (1998) que, segundo Regina Fiúza, amiga da escritora, era, a princípio, uma carta destinada ao poeta Jorge Medauar e que depois de muita insistência por parte de Regina, transformou-se no livro; *A noite das fogueiras* (1998), que teve como título inicial *A noite das bruxas*; *A Casa*, lançado em 4 de agosto de 1999 e *Caminho das Águas*, um relato de viagem, em 2001. Escreveu ainda um poema intitulado “Nada mais efêmero e eterno”, publicado no jornal *O Povo* em 11 de novembro de 1991¹⁹. Publicou na coletânea *3 x 4*, organizada por Margarita Solari e lançada no dia 15 de março de 1991, um texto sem título²⁰, em *18 Posters-Poemas*, lançado em outubro de 1991, outro texto sem título. Em dezembro de 1991 poema “Alvíssaras” em *Poesia Plural 2*, coletânea também organizada por Margarita Solari. Organizou os dois volumes de contos – *Obra Completa* – de Moreira Campos (1996) e *Em alpendres d'Acauã* (2001), de Oswaldo Lamartine. Teve participação nas antologias *O Talento Cearense em Contos*, - com “Penitentes” (1996)- *Antologia do Conto Cearense*, com “O Jardim” (1990) e em *Letras ao Sol* - Antologia da Literatura Cearense, com o conto “Eles”, organizada por Oswald Barroso e Alexandre Barbalho (edições Fundação Demócrata Rocha, 1998). O ensaio “A alma bíblica do sertão encourado” foi publicado no livro *Estandartes das Tribos de Israel* (Banco Safra, 2001).

Recebeu vários prêmios, o primeiro deles no Concurso Literário do Banco Sudameris, em nível nacional, que lhe foi outorgado pela Academia Botucatuense de Letras

¹⁶ Eugênia Queiroz, amiga de Natércia Campos, trabalhou com ela na Secretaria da Cultura e Desporto do Estado.

¹⁷ Informação encontrada no Currículo de Natércia Campos sem data e sem título da colaboração.

¹⁸ Discurso de posse de Natércia Campos, na Academia Cearense de Letras. “Para o Mestre Luís da Câmara Cascudo, minha magia e meu real”

¹⁹ Esta relação poderá sofrer alteração após a organização completa do Acervo.

²⁰ Textos integrais de *3x4*, *Poesia Plural* e *Poesia Plural 2* anexo.

pelo conto “A Escada”, em 1987. Seu segundo prêmio veio no ano seguinte, na categoria Conto, na IV Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, com o livro *Iluminuras*. Foi agraciada, em 1998, com o prêmio Osmundo Pontes de Literatura pelo livro *A Casa*. Após essa premiação, Natércia pediu à amiga Regina Fiúza que fizesse a revisão do texto para a primeira edição. “*O sonho dela era publicar por alguma editora do Rio de Janeiro ou de São Paulo (...) Na época Natércia tentou conseguir a publicação por uma editora do Rio. Todos gostaram muito, mas infelizmente não saiu a edição tão esperada.*”²¹(2008). O quarto prêmio foi no ano de 1999, na categoria Crônicas, Prêmio Ideal Clube de Literatura, por “Vôos”.

Foi membro da Academia Cearense de Letras, eleita por unanimidade, em 2002. Em sua posse, foi recebida pelo poeta Artur Eduardo Benevides, passando a ocupar a cadeira número 6, cujo patrono é Antônio Pompeu de Sousa Brasil.

Participou também da Academia Fortalezense de Letras e integrou a Sociedade Amigas do Livro. Em 2004 seu romance *A Casa*, foi selecionado para integrar a lista do vestibular da Universidade Federal do Ceará - UFC. Com essa inclusão, a autora, que até então era conhecida pelos seus contos, passou a assumir um lugar de destaque também como romancista.

Exerceu cargo público na Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, no setor de editoração, e coordenou o *stand* do escritor cearense, desde a primeira Feira do Livro, em 1996. Exerceu seu último cargo público no Conselho Estadual de Preservação do Patrimônio Cultural do Estado do Ceará. Vale a pena lembrar que Natércia, ao concordar com a doação do acervo de seu pai à UFC, mostrou seu zelo pela preservação da memória cultural, função que já exercia na Secretaria.

1.1.3 3x4 e Poesia Plural

Em 15 de maço de 1991, na galeria Ignez Fiúza, Natércia Campos, Margarita Solari, Helena Lutescia e Arlene Holanda lançaram cartões poemas na coletânea intitulada *3x4*. Os cartões eram ilustrados por Pablo Manyé e Tarcísio Garcia.

No final do ano de 1991 surgiu no Ceará o grupo “Poesia Plural”, formado por 18 autores cearenses que cansados da falta de apoio oficial à literatura formaram a cooperativa.

²¹ Entrevista de Regina Fiúza, Diretora Administrativa da Academia Cearense de Letras e amiga de Natércia Campos.

Margarita Solari descreve como nasceu o grupo:

Um grupo poético formado na minha casa nos começos do ano 1991, onde nos reuníamos uma vez por semana todas as quartas feiras o horário? Qualquer. A minha casa estava aberta o dia todo para os amigos e a poesia. Tinha almoço, merenda o que quiseram simples e todo ao estilo nordestino. Os poetas participantes Airton Monte e Arlene de Holanda ela além de poeta, foi a responsável por toda a parte gráfica da edição e a grande amiga cheia de energia para levar adiante este projeto cultural: Barros Pinho, Batista de Lima, Dimas Macedo, Diogo Fontenelle, Fernando Neri, Glícia Rodriguez, Gilmar Chaves, Helena Lutescia, João Dummar, Jorge Piero, Juarez Leitão, Lindacy Gondim, Luciano Maia, Luciola, Andrade Maia, Margarita Solari, Natércia Campos Embora Natércia não tivesse poemas entrou sem problema, pois sua prosa poética encaixava perfeitamente em nossa linguagem poética.

O lançamento da primeira coletânea de posters-poemas, em 29 de outubro de 1991, reuniu o trabalho de Airton Monte, Arlene Holanda, Barros Pinho, Batista de Lima, Dimas Macedo, Diogo Fontenele, Fernando Néri, Glicia Rodrigues, Gilmar Chaves, Helena Lutescia, João Dummar, Jorge Pieiro²², Juarez Leitão, Lindacy Gondim, Luciano Maia, Luciola Andrade Maia, Margarita Solari e Natércia Campos. Cada autor participava com um poema, devidamente ilustrado pelos artistas plásticos Eurico Bivar, Otto Cavalcanti, Ana Beatriz, Pablo Mayé e Tarcísio Garcia e pelos fotógrafos Marcos Guilherme e Tibico Brasil.

Foi sobre a noite do lançamento dos posters-poemas a crônica “Porta de Academia”, de Moreira Campos, do dia 30 de outubro.

Foi uma bela noite de arte o lançamento de **Poesia Plural** no Ideal Clube. São dezoito posters-poemas de poetas nossos contemporâneos, atuais, atuando. O título não poderia ser mais feliz: **Poesia Plural**. A poesia em bloco, em conjunto. Traz assim a oportunidade de apresentar-nos, de uma só vez, um grupo de poetas conscientes de sua missão. Já fizemos experiência semelhante quando o lançamento de postais-poemas, ao tempo de Pedro Lira, mas sem êxito, o triunfo, alcançado desta vez. É esta ainda uma maneira de vencer a crise editorial que vivemos.

Estão ali os seguintes e respeitáveis nomes, por ordem alfabética: Airton Monte, Arlene Holanda, Barros Pinho, Batista de Lima, Dimas Macedo, Diogo Fontenele, Fernando Néri, Glicia Rodrigues, Gilmar Chaves, Helena Lutescia, João Dummar, Jorge Pieiro, Juarez Leitão, Lindacy Gondim, Luciano Maia, Luciola Andrade Maia, Margarita Solari e Natércia Campos.

Na impossibilidade de falar individualmente sobre cada um deles, por falta de espaço, meço todos pela mesma grandeza, muitos fortemente experimentados no fenômeno, no fazer poético. Descobridores do mistério, decifradores da Esfinge, sabido que a Poesia é um instante, um momento, uma visita, “a alegria de um barco voltando”. É tudo isso e a vida.

²² Agradecemos ao escritor Jorge Pieiro pela preciosa colaboração.

Sei que foi uma noite encantadora, de convívio, de intimidade, animada por aquela força que está sempre presente ao espírito do homem, a poesia, que todos eles tanto souberam enriquecer.

Eu os chamaria de “dezoito da Fortaleza poética”.

Em dezembro de 1991, ocorreu o lançamento de *Poesia Plural 2*, além dos autores já citados participou também o poeta Adriano Espínola. Moreira Campos comenta a publicação com o texto “Poucas Palavras e Muita Poesia”:

Mais uma vez aqui está, em parte ponderável, aquele talentoso Grupo que nos deu POESIA PLURAL e ao qual chamarei de “Fortaleza Poética”. Nesta publicação, com a mesma denominação, dando assim continuidade ao projeto.

Poesia e prosa poética é a mensagem deste elenco de jovens e contemporâneos, muitos deles largamente donos do ofício, do fazer poético, do seu mistério e revelação. Mais do que nunca, precisamos da presença da Poesia, neste mundo de violências, técnicas e perplexidades. Apenas pela voz desta, resgata-se o ser. De resto, é resposta eloquente aos que afirmam a sua morte, quando, bem ao contrário, o homem, sem o seu exercício, se esvazia. Somente ela é capaz de resgatá-lo. Mora na sensibilidade e percepção de cada um de nós, embora a sua revelação caiba aos eleitos, como no caso.

Ao grupo desejo, merecidamente, todo êxito possível e deixo aqui a expressão do meu respeito e aplauso.

Em setembro de 1992, ocorreu a segunda exposição dos posters-poemas. Nessa ocasião o evento foi no shopping Iguatemi e a mostra permaneceu por uma semana.

Com a ida de Margarita Solari para Espanha (1996) o grupo perdeu força e os participantes foram construindo carreiras independentes.

1.1.4 O acervo de Natércia Campos

O acervo de Natércia Campos começou a ser organizado em agosto de 2004, em sua residência na Rua Nunes Valente 240 apt. 402 - Meireles. O material reunido pela família estava acondicionado em caixas e pastas numeradas. O primeiro contato com a documentação foi realizado por Isabel Gouveia e Terezinha Melo sob a coordenação da professora Dr^a Neuma Cavalcante. Após o levantamento de todos os itens, no período de agosto a setembro de 2004, os documentos foram trazidos para uma sala no 2º andar da Biblioteca do Centro de Humanidades.²³ De janeiro a março de 2005 o material passou pela fase da higienização, mas

²³ Agradecemos ao professor Francisco Jonatan Soares - diretor das bibliotecas da UFC - e a Ana Elizabeth Albuquerque - chefe da Biblioteca do Centro de Humanidades - a gentileza de abrigar o Acervo no espaço destinado a coleções especiais.

com o recebimento de outros volumes entregues pela Dr^a Carolina Campos, a equipe precisou parar a higienização e catalogar a nova remessa, essa fase durou de março a maio de 2005. Terminado o inventário prévio, tínhamos uma lista para o primeiro momento (agosto/setembro) e outra para o segundo (março/maio) e uma terceira que reuniu as duas anteriores, seguindo o critério de classificação tipológico. A partir de julho do mesmo ano, passei a integrar a equipe e a ajudar na higienização dos documentos.

Paralelamente, era feito o Inventário do Acervo de Moreira Campos que, juntamente com o de Natércia Campos, foi enviado aos familiares. Estes, cientes do conteúdo do espólio, elaboraram um termo cessão em sistema de comodato, assinado por todos os filhos. No dia 2 de outubro de 2007, os dois acervos foram oficialmente entregues à Universidade Federal do Ceará, que promoveu uma solenidade no auditório de sua Reitoria. Estiveram presentes os filhos, amigos e familiares de Natércia Campos e Moreira Campos. A mesa foi composta pelo Magnífico Reitor professor Ícaro de Sousa Moreira, pelas professoras Angela Gutiérrez, Vera Moraes e Neuma Cavalcante e pela filha de Natércia, Dr^a Carolina Campos. O termo de cessão à UFC foi assinado pelo Magnífico Reitor Ícaro Moreira, a curadora Neuma Cavalcante e as testemunhas Elisabete Sampaio, Isabel Gouveia e Terezinha Melo. Ainda durante a cerimônia foi lançado o livro *Tributo a Moreira Campos e Natércia Campos*, organizado pelas professoras do Departamento de Literatura da UFC e então diretoras da Casa de José de Alencar, Angela Gutiérrez e Vera Moraes que, desde o início reconheceram o valor da proposta e incentivaram o trabalho fornecendo material de consumo e divulgando essa iniciativa através da imprensa. Após a assinatura do termo, foi aberta a exposição “Acervos Culturais do Nordeste”, na sala de convivência da reitoria, com uma mostra dos Acervos (correspondências, fotografias, cadernetas, manuscritos, tapetes, prêmios) de Moreira e Natércia Campos.

Ao longo de sua vida, Natércia foi formando um acervo que reúne os mais diversos tipos de documentos textuais, além de objetos e peças de bordados, principalmente em ponto cruz, que cobrem um extenso período de 1946 (revista *Clã*, dez de 1946) a 2004 (Revista SAL, abril de 2004), ano de sua morte. O Inventário Prévio permitiu uma classificação do material em séries e subséries, atendendo ao tipo de documento e de suporte:

Documentação Pessoal: documentos referentes à vida da escritora, por exemplo: passagens aéreas, certidão de casamento, comprovantes de pagamentos bancários. Esses documentos são indispensáveis para exposições e documentários e fonte segura para seus biógrafos, fornecendo-lhes dados precisos e até corrigindo algumas informações veiculadas erroneamente pela internet e por outros meios de comunicação. Essa série é muito reduzida,

pois documentos importantes, como identidade, passaportes, vida escolar, etc, encontram-se ainda com a família.

Correspondência: de familiares, de amigos, de trabalho e de terceiros: tanto ativa quanto passiva, esta fotocopiada. As cartas - passivas ou ativas - de um acervo nos dão uma visão das relações afetivas e intelectuais do escritor e, como consequência, da vida cultural da cidade. Essa série nos ajuda também para apreensão da recepção das obras. Muitas vezes, nessas correspondências, são discutidos assuntos de cunho literário, a opinião de outro autor sobre o texto a ser publicado e até correções que devem ser feitas. Esses comentários são preciosos na elaboração de textos acadêmicos e de biografias. Mostram-nos também a personalidade do escritor. Uma particularidade do Acervo de Natércia Campos são as photocópias já citadas. A escritora tinha o hábito de guardar a cópia das cartas enviadas por ela. Este hábito possibilitará estabelecer o diálogo entre os correspondentes.

Material áudio - visual: constituído por disquetes, fitas de vídeo, fita cassete, esta série nos permite saber mais sobre os gostos da escritora, conhecer os momentos que mereceram sua atenção e foram registrados. Fotografias de festas, prêmios, reuniões com amigos, familiares e registro de viagens marcam uma época e podem indicar as amizades e como eram as reuniões de família ou servir como registro de viagens. Serão utilizadas em exposições, documentários e publicações. Retratam os costumes, a moda, os acontecimentos sociais. Podem ser fonte para biografias de outras personalidades que aparecem nessas fotografias, filmes ou vídeos.

Material Extraído de Periódicos: recortes, geralmente, sobre a escritora celebrando algum lançamento ou premiação de livro, ou matérias de terceiros, sobre diversos assuntos. Alguns deles, segundo nossa pesquisa, serviram de informação para o livro *A Casa*. Esta série, além de nos revelar o momento histórico e a recepção da obra, pode ser útil para datação de textos e, provavelmente, para organizar a trajetória da escritora. Há no acervo de Natércia reportagem sobre uma casa mal-assombrada que, segundo observamos, trouxe-lhe informações arquiteturais para a construção d'*A Casa*.

Biblioteca: formada de livros que trazem colaboração da autora e de terceiros com e sem dedicatória, e revistas (tanto de literatura como sobre a confecção de tapetes). Muitas vezes a documentação bibliográfica nos orienta sobre a preferência do proprietário e as influências sofridas por ele. No caso de Natércia, a sua obra deixa transparecer a leitura dos livros de Câmara Cascudo e Oswaldo Lamartine. Grande leitora que era, esperávamos uma razoável quantidade de livros, mas, para nosso pesar, quase todos foram doados a Escolas Públicas e à Academia Cearense de Letras. Não duvidamos de que serão bem cuidados e que

teremos acesso a eles. Mas, ao serem tombados como parte do acervo geral, a história do objeto livro e as marcas deixadas nele pelo leitor/escritor serão praticamente apagadas, uma vez que se misturarão às marcas de outros leitores que frequentam a biblioteca. As marcas deixadas pelo leitor - interrogações, expressões, frases, comentários – transformam-se algumas vezes num conjunto de informações que poderão ser usadas na elaboração de outros textos.

Manuscritos de obras: esta série abriga os originais de obras publicadas e inéditas, manuscritas, datilografadas, impressas, com ou sem correções de terceiros, ou interferências autógrafas.

Esta última série gerou a subsérie **Manuscritos - estudos e rascunhos:** anotações de pesquisa, transcrições de leituras, rascunhos, esboço de textos em suportes variados, desde cadernos, cadernetas, versos de folhas já utilizadas até fragmentos de papéis. Esta subsérie nos possibilita desvelar os segredos do processo de criação de obras. Segundo Louis Hay, o manuscrito é o coração da gênese literária. Do seu estudo poderão surgir edições genéticas, edições comentadas, ensaios, o que dará à critica literária elementos seguros para análise da obra. O acervo de Natércia reúne uma grande quantidade de manuscritos, pois a escritora reformulava diversas vezes seu texto. Em entrevista, ao comentar sobre a escritura de *Noite das Fogueiras*, Neide Lopes²⁴ (2008) diz:

Ela escreveu a historinha original e depois foi ampliando, com pesquisas sobre as lendas e mitos dos países, quer dizer, era dessa forma que ela escrevia: fazia a estrutura, aquele início, e ia acrescentando informações, complementando e era tudo a mão, gostava de escrever com lápis, porque ela apagava, riscava, recortava, juntava, era uma construção. E eram sempre recheados de informações e conteúdos que resultavam de pesquisas e do seu conhecimento universal.

Outros: reunião de objetos feitos por Natércia ou recebidos por ela, como quadro de bruxa, caixa de madeira, bonecas de panos, bordados, tapetes.

A exploração e a divulgação de todos esses materiais deverão estar, obviamente, de acordo com as cláusulas estabelecidas no termo de cessão.²⁵

No capítulo que segue, trabalharemos com a formação do dossiê e resumo de *A Casa* e das três narrativas, “O espelho”, “Infância no Minho” e “O Rasto”, com presença no romance.

²⁴ Neide Lopes, amiga de Natércia e funcionária da Secretaria da Cultura e Desporto do Estado.

²⁵ Ver reprodução anexa.

2 OS CAMINHOS DA CRIAÇÃO

2.1 O que narra *A Casa*

Após a classificação do material em séries escolhemos trabalhar com os manuscritos de obras, mais especificamente os testemunhos da elaboração do livro *A Casa*.

A Casa, narradora em primeira pessoa do romance, fala sobre a trajetória de sua construção no sertão do Nordeste e das várias gerações que nela habitaram. Com o primeiro dono, o minhoto Francisco José Gonçalves Campos, veio o conhecimento sobre a cultura portuguesa, através dele, acompanhamos a forma como, aos poucos, essa cultura se enraizou e misturou-se ao costume do sertanejo.

A saga dos moradores da casa é vivida intensamente pela narradora, que assiste aos nascimentos e às mortes: “Lembro-me da primeira vez e havia de ser nas trindades, quando Ela aqui chegara em missão”(CAMPOS, 1999). As mortes somam-se à vinda de outros viventes, que unem suas memórias à da Casa: “Nascimentos foram tantos por mim vivenciados que suas repetições me fizeram confundir as mães.”²⁶

Com o passar dos anos, muitas mudanças ocorreram em sua estrutura, à medida que mudavam também os costumes sertanejos. O progresso levaria a casa a ficar submersa nas águas de uma bacia hidráulica.

Para escrever esse romance, como dissemos, Natércia fez pesquisas, estudos, leituras, consultas a amigos, anotando, rascunhando, passando a limpo várias vezes. Esse caminho foi documentado e guardado em gavetas, pastas, cadernos.

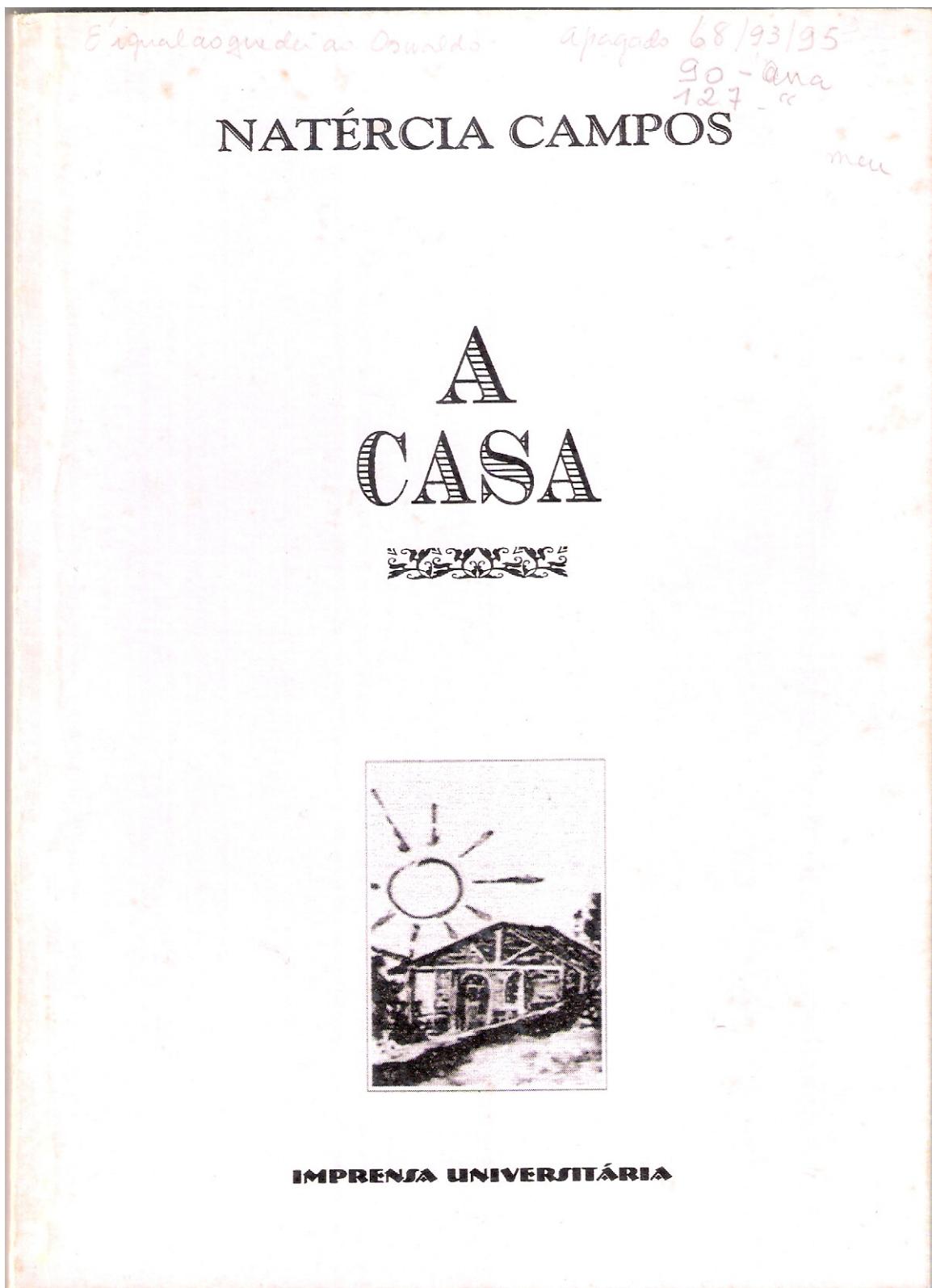
Ao elegermos como tema de nossa pesquisa o processo de construção *d'A Casa*, tratamos de reunir todo material encontrado – cartas, rascunhos, pesquisas e manuscritos em diversas fases de elaboração – e formamos seu dossiê:

- três cadernos 14 x 20 cm, com aproximadamente 50 folhas e três 20 x 30 cm, com aproximadamente 96 folhas;
- quatro disquetes;
- dez recortes extraídos de periódicos (*O Povo* e *Diário do Nordeste*, jornais de Fortaleza);

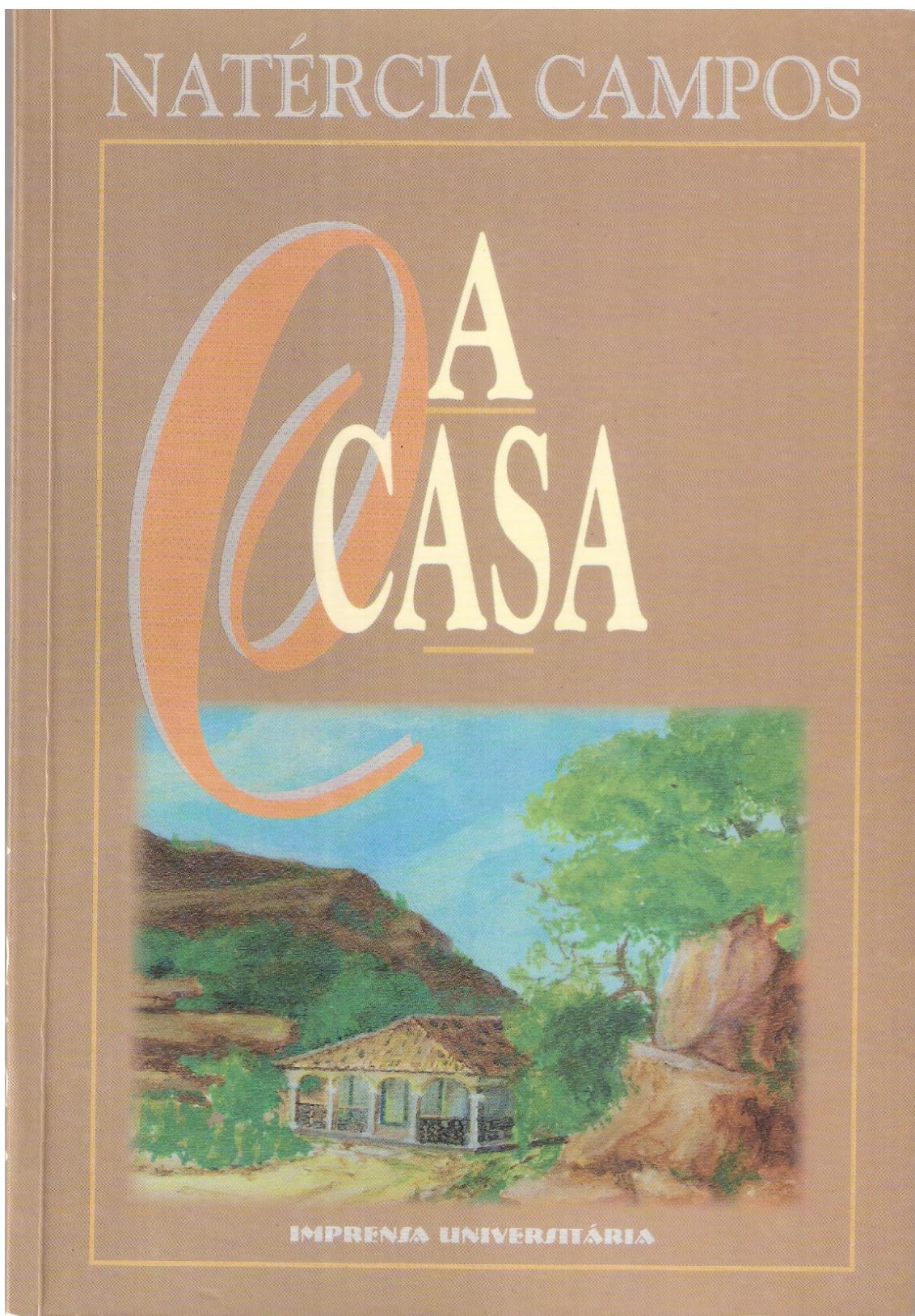
²⁶ CAMPOS, Natércia. *A Casa*. Fortaleza; Imprensa Universitária. 1999. p. 27

- quatro versões completas digitadas em folha de papel sulfite, em bom estado de conservação;
- uma versão digitada incompleta, em folha de papel sulfite;
- três exemplares em brochura enviados para o concurso Prêmio Osmundo Pontes de Literatura, com anotações autógrafas;
- edição de 1999 (Fortaleza: Imprensa Universitária) com anotações autógrafas (o que chamamos de exemplar de trabalho) e uma cópia da edição de 1999, sem anotações;
- edição de 2004 (Fortaleza: Imprensa Universitária).

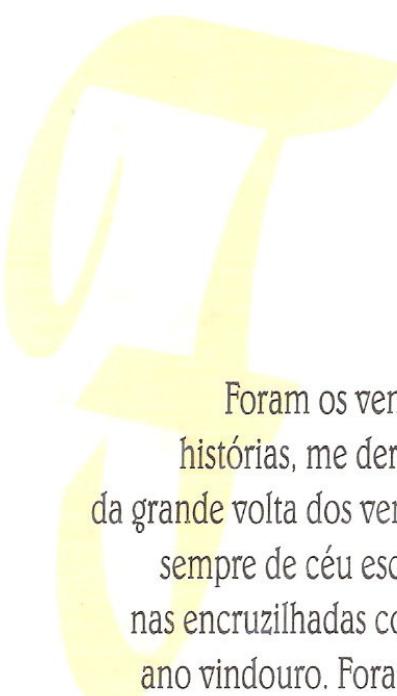
Computando as versões digitadas, teríamos 1.658 páginas, sem contarmos os documentos pré-redacionais, todos a serem organizados cronologicamente, descritos e cotejados para levantamento das variantes. A complexidade da descrição e transcrição dessa quantidade de manuscritos num período de dois anos mostrava-se inviável, por isso consideramos mais realista reduzirmos o *corpus* e determo-nos num dos temas recorrentes do romance.



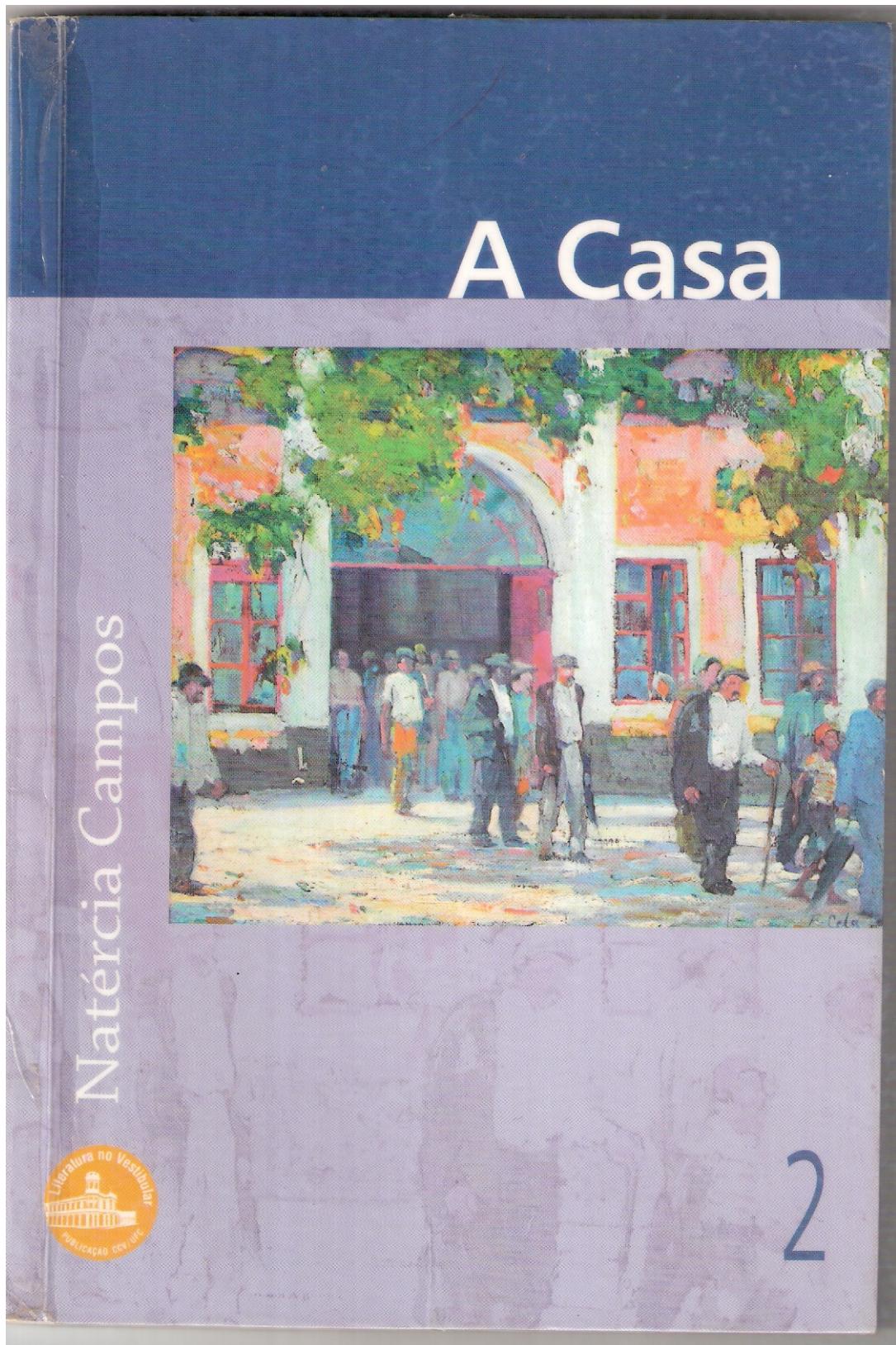
Exemplar do romance enviado para o Concurso Osmundo Pontes de Literatura, 1998.
Anotação manuscrita: É igual ao que dei ao Oswaldo
Apagado 68/93/95
90 – Ana
127- “
meu



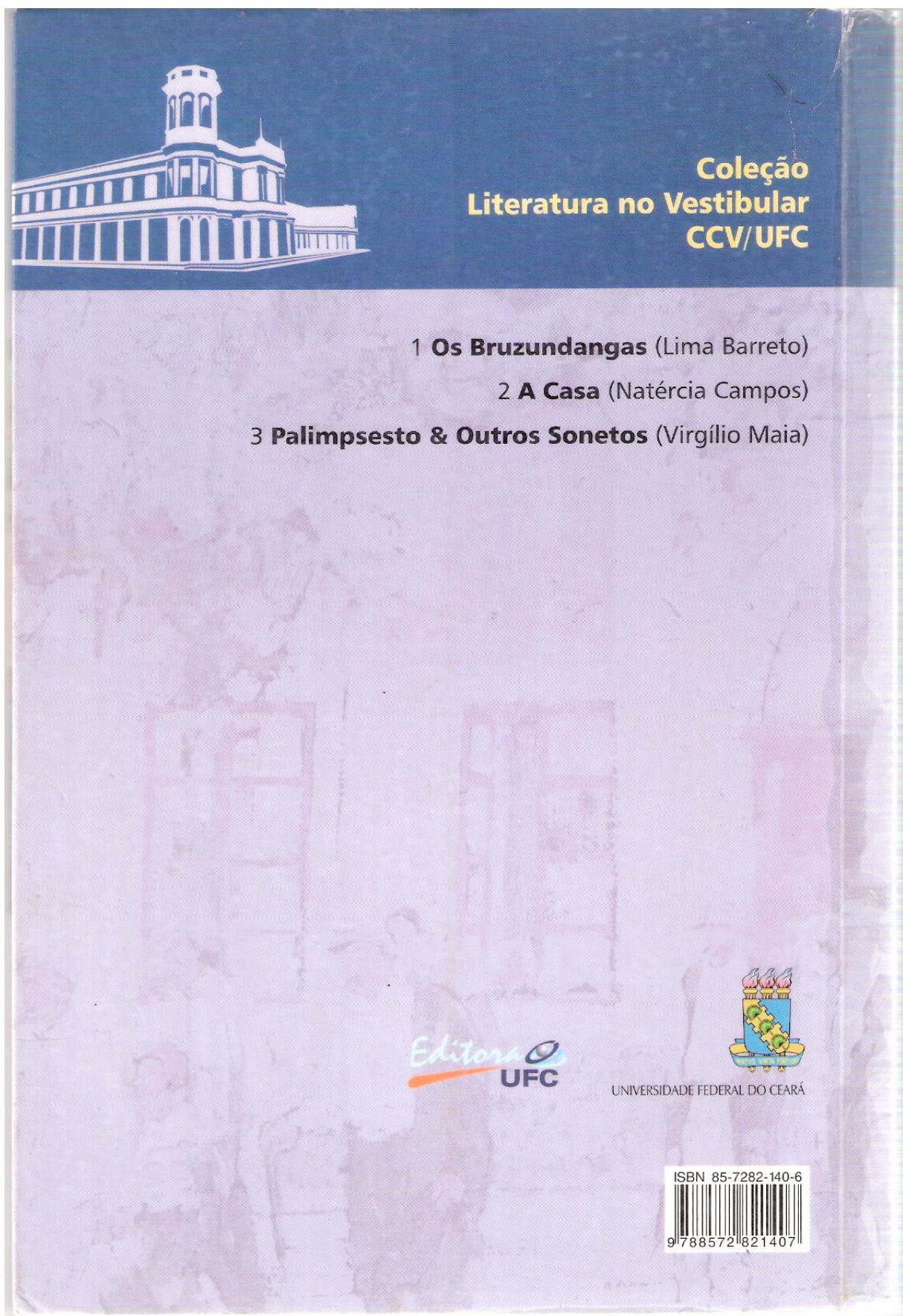
Exemplar da 1^a edição (1999), com anotações autógrafas (o que chamamos de exemplar de trabalho).



Foram os ventos que me contaram histórias, me deram ciência. Na época da grande volta dos ventos, depois de agosto sempre de céu escampo, se podia ouvir nas encruzilhadas como seria o tempo no ano vindouro. Foram eles nos seus ciclos que me disseram da magia e força das palavras pronunciadas a desalojar o que está emparedado, accordando reminiscências, atiçando a memória. Os segredos se desassossegam. Circulam. Os mortos acodem ao serem invocados seus nomes.



Edição de 2004, publicada pela CCV, UFC.



4^a capa.

2.1.1 As águas

Mesmo numa leitura descomprometida, salta aos olhos a importância do elemento água na narrativa, sob as diversas formas que ela assume: mar, açude, rio, chuva. Seu primeiro dono, vindo de Portugal, cruzou o “mar oceano” – e, depois de várias gerações, a casa foi submersa pelas águas de uma bacia hidráulica, fechando um ciclo. A história da água é impregnada de lendas, contos, tragédias, que destacam seu poder vital e, no Nordeste do Brasil, carrega-se de simbologia, sua força revelando-se até quando ausente, recebendo o epíteto fatídico: flagelo da seca. Câmara Cascudo, pesquisador sempre citado por Natércia Campos em suas obras, registra no conto popular “A Causa da Seca no Ceará”²⁷ que narra a origem da estiagem.

Em priscas eras, os cearenses malquistaram-se com o Bom Jesus. Resolveram então expulsá-lo do Ceará. Para esse fim, prepararam uma jangada e nela puseram o Santo com os mantimentos que julgaram necessário para a longa travessia que, a seu juízo, ia mesmo empreender. Desfraldaram a vela da embarcação e impeliram o Santo de mar a fora, rumo a Portugal donde procedera.

O Bom Jesus, na agoniada viagem, já muito distante das praias cearenses, ‘entre o mar e o céu’, sentiu sede. Por esquecimento, ou mui propositadamente, os seus perseguidores não haviam acondicionado água na jangada. Nem uma gota sequer existia do precioso líquido...

Nesse transe doloroso, sedento de sede, o Bom Jesus proferiu então estas palavras: “Sim cearenses ingratos e maus; vocês também não terão água quando tiverem sede.”

O Vento Leste, que passava, acolheu as palavras do aflito Santo e, varrendo do céu todas as nuvens, trouxe para o Ceará a primeira seca.

Em *A Casa*, a narradora atribui aos índios cariris a criação da Seca.

Meus alicerces foram feitos muito depois que a lagoa de águas salinas se evaporou. A causa foi o aprisionamento da fonte por gigantesca pedra ali colocada com magia e silêncio pelos índios Cariris que fixaram com cera de abelha e miolo de braúna para que nenhum filete d’água viesse a escorrer. Havia sido esta raça dizimada pelos invasores brancos, e os que se salvaram, antes de serem expulsos de seus vales de intensos verdes, fecharam a grande nascente e o enfeitiçaram em Sertão.²⁸

Optamos, então, por trabalhar com a elaboração tema água e sua presença -quase personagem - no romance. Para esse recorte selecionamos a documentação referente e montamos novo dossier.

²⁷ CASCUDO,Câmara. *Contos Tradicionais do Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000. p. 286

²⁸ CAMPOS, Natércia. *A Casa*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1999. p. 21.

Vivemos, na prática, a pena de Sísifo, mito ao qual se recorre para representar o eterno recomeçar, e que simboliza o trabalho do cientista, do pesquisador.

Terminada a recolha, percebemos que ainda tínhamos um “dossiê” muito extenso e a complexidade da descrição do *corpus* significativa, já que quase todos os testemunhos estavam escritos em fragmentos de papéis sem pauta, sem data e a mão.

- 588 manuscritos em várias fases de elaboração;
- três com medidas 14 x 20 cm, com aproximadamente 50 folhas;
- e três 20 x 30 cm, de 96 folhas;
- 137 impressos;
- 8 recortes de jornais (*O Povo* e *Diário do Nordeste*);
- os quatro exemplares de *A Casa*, digitados, completos;
- uma versão digitada, faltando algumas páginas;
- três exemplares de *A Casa*, enviados para o concurso Osmundo Pontes (estes exemplares foram devolvidos à autora após o concurso);
- 1^a edição 1999 (Fortaleza: Imprensa Universitária);
- edição não numerada, para o vestibular (Fortaleza: Imprensa Universitária, 2004).

Após a análise desse dossiê resolvemos não trabalhar com a edição enviada para o prêmio Osmundo Pontes, pois a autora retrabalhou o texto para a 1^a edição de 1999. Excluímos também a edição de 2004 que, embora tenha acatado as mudanças indicadas, realizou outras não autorizadas, por exemplo, retirada das epígrafes e dos espaços entre os parágrafos finais. Em entrevista que nos concedeu, Sânzio de Azevedo²⁹ (2008) diz:

Quanto à publicação do livro, eu já disse em alto e bom som em todas as reuniões que a Natércia morreu com desgosto com essa mania do vestibular de tirar as introduções, as epígrafes. Eles tiraram as epígrafes, isso é um absurdo, porque elas são parte integrante do livro. Logo se vê que quem determinou isso não entende nada de literatura. [...] Ela ficou com mais desgosto porque tiraram a dedicatória ao pai e deixaram uma epígrafe do Câmara Cascudo.

Para complementar nosso trabalho de pesquisa, fazíamos, paralelamente, entrevistas com familiares e amigos, a fim de colhermos mais dados sobre a escritora e seu

²⁹ Rafael Sânzio de Azevedo, amigo de Natércia Campos, por ela sempre consultado, é poeta, ficcionista e, especialmente, ensaísta brasileiro. Filho do poeta e pintor Otacílio de Azevedo, foi desenhista de rótulos de aguardente, foi revisor no jornal *O Estado de S. Paulo*, cursou Letras na Universidade Estadual do Ceará (UECE) e atualmente é professor do curso de Letras da Universidade Federal do Ceará. Membro da Academia Cearense de Letras desde 1973, vem desempenhando um papel importantíssimo como pesquisador, especialmente no que diz respeito às letras do Ceará.

legado. Através dessas entrevistas e com a pesquisa no acervo, para coletarmos os testemunhos do processo de criação do novo tema escolhido, descobrimos informações relevantes para a criação do romance e que não eram do conhecimento do público, mesmo o acadêmico. Diante dessas preciosas informações, decidimos, outra vez, mudar nosso objeto de estudo, não mais discussões em torno do tema da água e de seu processo criativo, mas uma questão muito anterior: o surgimento, propriamente dito, do romance.

2.1.2 Novas descobertas

O encontro e a leitura de três manuscritos nos sugeriram novos e mais ousados caminhos. No primeiro momento, veio-nos a idéia de que esses três manuscritos, sob os títulos “O espelho”, “Infância no Minho” e “O Rasto” – com estruturas diferentes e escritos, provavelmente, em épocas diferentes - teriam contribuído para a criação do romance. Essa hipótese apontou uma direção diferente ao nosso trabalho: não mais o estudo genético do romance *A Casa*, observando seu processo escritural, e não mais o emprego da mesma técnica num tema do livro. Estávamos diante do texto d’ *A Casa* no seu nascedouro. A pedra de Sísifo rolou novamente ladeira abaixo e tivemos que pegá-la para levá-la ao alto da montanha. Iríamos em busca da origem do romance, onde nasceu, para depois, em trabalhos futuros, seguirmos os passos de sua escritura.

“O espelho” conta a trajetória de um espelho centenário, vindo de além-mar. O narrador-personagem acompanha os episódios ocorridos na vida de uma jovem de cabelos ruivos, a primeira figura que ele refletira. Observa sua vida, volta aos momentos importantes vivenciados por ela: o casamento, os saraus que ocorriam no salão, a sua infidelidade e a perda do filho mais velho. O espelho acompanhou alguns fatos históricos, como a Primeira Guerra Mundial, a criação da luz elétrica, e a narrativa se encerra com a lembrança desses acontecimentos. Encontramos três momentos escriturais dessa narrativa:

- um conjunto de folhas amareladas grampeadas e colocadas com fita adesiva, formando um bloco intitulado *My (note)book of Literature 5/05/85*, manuscrito a tinta azul e preta;
- dois cadernos de espiral 14 x 20 cm, folhas pautadas e amareladas, ambos em bom estado de conservação, contendo os rascunhos de “O espelho”, mas sem título;

- alguns fragmentos de folha de papel sulfite, contendo pesquisas sobre espelho e *art-nouveau*.

A “Infância no Minho” são registros autobiográficos de lembranças, histórias, de tradições e lendas portuguesas que foram contadas à escritora pela sua contadora de histórias.

Desses relatos, organizados em um texto, constam no acervo os seguintes testemunhos:

- duas versões datilografadas, fotocópia, em folha de papel sulfite, amarelada (versão I, 23 x 33 cm, 15 páginas, versão II, 21,5 x 31,5 cm, 15 páginas);
- uma versão digitada, em bom estado de conservação, com anotações manuscritas a grafite (versão III, 21,5 x 39,5 cm, 20 páginas).

“O Rasto”, narrativa em terceira pessoa, conta a história de um garoto que, ao andar, mal deixava o rastro no chão. Essa característica fizera dele um bom caçador. Ele e sua mãe – abandonada pelo marido, um cigano - tiravam da caça o sustento e temiam apenas as cobras. Certo dia, o cigano volta; não aceitando sua presença, o menino sai sem rumo, com a “espingarda, o badaneco, a quicé e o fumo”. Depois de muito caminhar, chega a um povoado, seguindo um *rastro de lã*. “Naquele lugar, onde o algodão espalhava suas raízes a invadir a várzea e as caatingas, ele ficou a tirar seu sustento no rastejo e morte às cobras, a serviço dos donos das terras.” Passado muito tempo, o menino, agora adulto, sentiu saudades da mãe e quis voltar, mas antes iria cumprir sua última empreitada com o dono da terra. Nesse tempo ele não mais rezava a oração de São Bento, que a mãe lhe ensinara. “O rasto da velha cobra com seu chocalho era um fio ante seus olhos a desenrolar-se, seguindo para o distante grotão. Devia estar a esperá-lo, enrodilhada. Era só encontrá-la.” No dia seguinte, os almocreves avistaram as pegadas do rastejador de cobra e as seguiram, chegando ao grotão onde ele havia se refugiado após receber o bote mortal. “Benzeram-se e um dos homens varreu o chão, apagando o rastro. Costume dos antigos, disse ele, a fim de dificultar aos mortos o regresso à aldeia.”³⁰

O tema deste texto está presente no folclore brasileiro e português. O rasto, segundo Câmara Cascudo,³¹ alude à despedida: “E de mim se esqueça logo... Meu rasto varram no chão. Apagar ou varrer o rasto era semelhante a apagar ou raspar o nome, símbolo terrível do olvido.” O rastro de lã serve para indicar o caminho para se chegar a um povoado. Natércia Campos utilizou essas informações em seu texto, demonstrando a seriedade e

³⁰ Os trechos entre aspas são da versão digitada da narrativa.

³¹ CASCUDO, Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. 6^a ed. Belo Horizonte; Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. p.664.

compromisso em seguir a voz de uma autoridade. Citando um trecho da entrevista de Neide Lopes (2008), temos um exemplo deste trabalho:

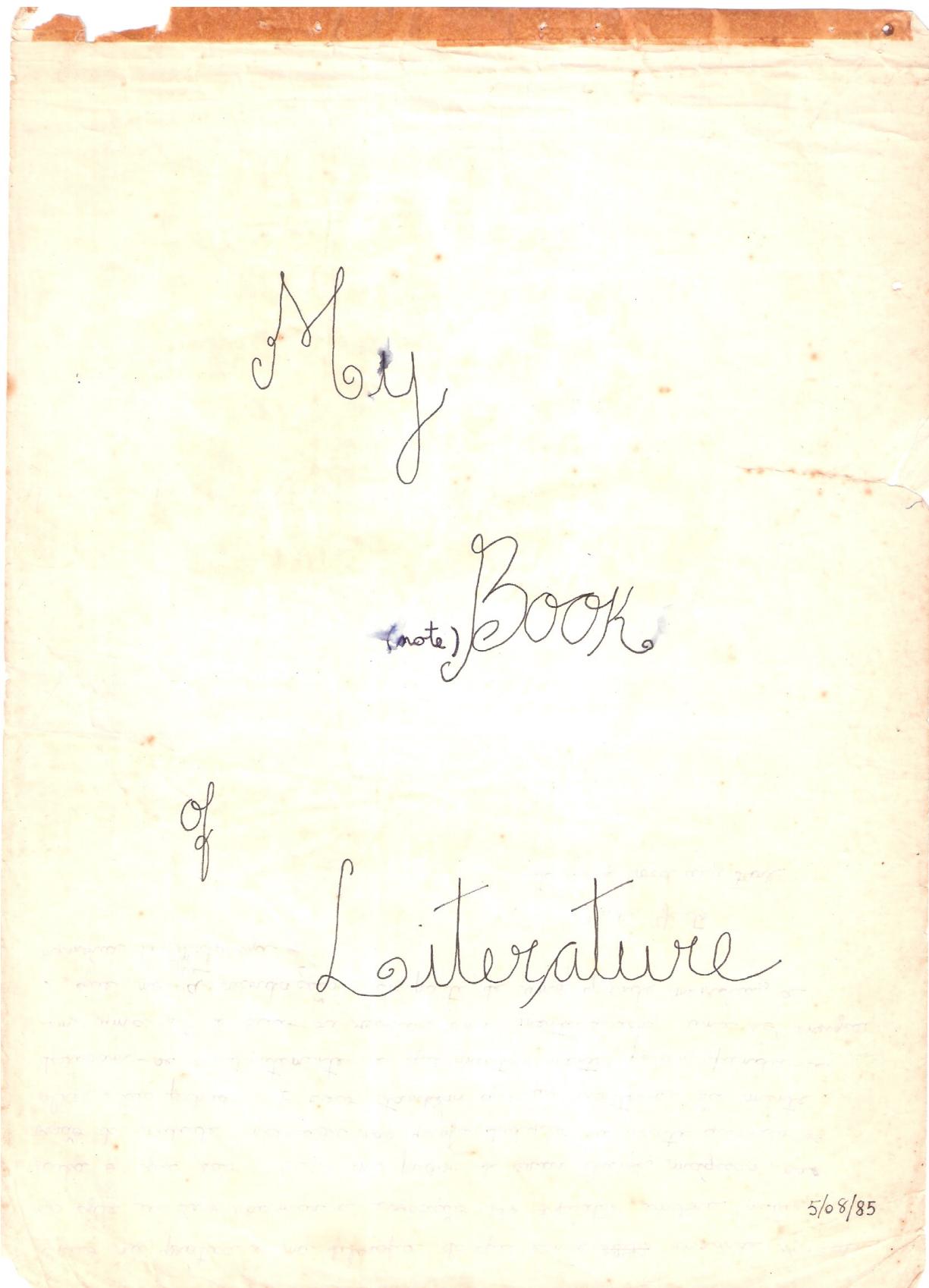
Mesmo tendo pesquisado em Câmara Cascudo ela gostava de interrogar, comparar, até pra ver se havia diferença na forma de fazer de cada localidade. Ela tinha um conhecimento muito grande dos mitos, das lendas, da história dos santos, do modo de viver do povo sertanejo. Amava Câmara Cascudo e leu toda a sua obra, sabia tudo de Sertão. Eu realmente conhecia, mas sem essa preocupação de prestar atenção no “como fazer” e então, quando ela me interrogava sobre algo, a minha informação era baseada na memória da minha infância no interior.

Recolhendo os documentos relativos a essa narrativa, obtivemos o terceiro dossiê:

- uma versão datiloscrita em folha de papel sulfite, amarelada, com anotações manuscritas a grafite (versão I 35, 5 x 25,5 cm, 14 páginas);
- três versões digitadas, em folha de papel sulfite, todas com anotações autógrafas, em bom estado de conservação (versão II 21 x 29 cm, 11 páginas, versão III 21 x 29 cm, 14 páginas, versão IV 22 x 32 cm, 18 páginas.).

Recorremos à Codicologia, observando as dimensões e a cor da folha de papel e o instrumento utilizado, como descrito no dossiê, para identificar a cronologia das versões.

Dos três dossiês deveríamos escolher, de cada narrativa, a versão (ou lição) cuja elaboração estivesse mais desenvolvida para cotejá-la com a versão de *A Casa* publicada em 1999.



Capa do bloco “My (note)Book of Literature”.

Eduardo Gómez

Manuscrito de “O espelho”, bloco “My (note)book of Literature”.

Há um século cheguei de
 uma longa viagem por mar.
 Estava tão cuidadosamente
 embalado que nem a tempestade
 que desabou e quase fez
 nosso barco a nau, me causou
 o menor dano. Aborreci-me
 demais nesta travessia pois
 era em torno de mim tudo
~~seus~~ hermético, sem a menor
 vestia de luz causando-me
 desconforto. Sentia a pressão
 do que me envolvia mas não
 conseguia neste espaço de tempo
 luxear nada. Lembro-me que
 no meu desembarque houve também
 extrema precariedade. Colocaram-
 me num outro transporte
 todos sacolejante e enfadonho
 onde tive pela primeira vez
~~de~~ receio de algo me trincar.
 Inexplicavelmente evitamos
 e pelo movimento que senti

Melancolia. Nem durda a luz
 difundia-se iluminando
 tudo quase sem deixar
 vestígios de sombra. ~~Muitas~~^{As}
 imagens reflevidas em mim eram
 claras, transparentes mas aquele
 ar difuso, aquela penumbra que
 havia + agasalhava as sombras ~~não~~
~~havia +~~ e isto me confraguia
 profundamente.

Na madrugada desta nova
 luz meu encanto aconteceu
 trazendo-me de soldado como
 uma procura ^{angustiada} de antigas imagens
 as velas, os candelabros, os
 castiçais, o belo lustre e os candeeiros
 broa com a luz de gaz e só assim
 pude conciliar em mim estas
 nuances de claridade e
 transparências. Ficou-me desde
 esta noite uma certa
 magia e ^{habituei-me} a procurar
 refúgio neste minha misteriosa e
 indecifrável magia que me foi
 dada pelo ^{meu} antigo mestre ^o Capivis

Manuscrito de “O espelho”, caderno.

8) O Venetians, Magos dos espelhos
 Este dom me acompanharia a
 existência através dos ~~anos~~ ^{anos}. Eu recolheria
 as imagens e as suas reproduções
~~forrariam como uma Galáxia de dentro de~~
~~gigante assim eu desfazendo.~~
 assim & tinha por mim a incumprida
 del posteriormente, mostrava d alguma
 escollidos estas imagens.

As seriam vistas seriam provavel-
 mente perpetuadas e difundidas -

Final

As imagens dariam uma visão
 do Homem das destruições sisté-
 mática da natureza, das vital impor-
 tâncias de preservar o habitat
 costumes e valores que só através da
 cultura e da arte são encontrados em
 que quando através do amor a educação que
 a essência de vida + pura, si a
Final amores desordenada em
 busca de fantasias mundanas
 radicais que só prejudicam o Homem
 na sua individualidade. Esta
 sede é pesada do poder o
 aproxima inexoravelmente de
 sua própria decadência e extinção.

Manuscrito de "O espelho", caderno.

Voz das Farpas??

Quase sempre são as mulheres, contadoras de histórias, a perpetuarem nas longas noites, sob a proteção e vigília de alguma luz, a história sem fim, como fizeram Scherezade das "Mil e uma noites" e nossas velhas tias e amas pretas, envolvendo-nos de encantamento. O poder da palavra atravessa o silêncio, evoca todo o mundo da fantasia, do extraordinário, das regiões enevoadas dos sonhos.

Hojeuento a vocês, por palavras escritas, cuja ressonância desejo que soe como murmúrios d'água de uma nascente nas almas dos que me "escutam". Nasci e vivi em praia, na nossa praia de Iracema. No entanto a infância que eu acalento dentro do meu imaginário são dois mundos entrelaçados: o "de Entre-Douro-e-Minho" e o do nosso sertão.

Estas infâncias a mim legadas hibernam como as estrelas extintas, que continuam a enviar seu rastro de luz através do Tempo.

Talvez esta saudade que eu tenha de coisas que não vivi seja um eco de velhas histórias contadas à luz das lamparinas. Talvez...

Certeza tenho que estes dois berços, plenos de profundo misticismo, rezas, agouros, meizinhos, viventes, cheiros, canções, lugares, superstições e credices foram também embalados pelas sagas e epopéias de enfeitiçantes livros.

Assim vejo-me além-mar, ibérica, em busca do Novo Mundo, "Ultra aequinoetiale non peccatur" e sob a proteção do Cruzeiro do Sul. É pois, envolta em mística cautela que procuro penetrar neste mundo de antanho. Mundo cravado onde me amparo. Lateja inconsciente as fagulhas de luz das lembranças de um tempo, remoto, arcano, acasalado na memória pedindo ressurreição.

História Campesina

"Mulheres no mercado da montanha,
campos abertos, pálido trigal,
e o mar gemendo numa dor estranha,
bicho vencido, aos pés do pinheiral,
e o casarão do amigo em meio à serra,
e os rios a descer entre vinhedos
sobre o sangue dos rios e da terra,
vilas, barcos, touradas, arvoredos,
o pão-de-ló na quinta, o arroz-de-pato
que mãos amadas sabem preparar...
Mas onde me perdi? Este retrato
dói de escrever? Dói mais de recordar.
Sangram nêle sobreiros mutilados
na desordem dos sonhos acordados."

Oaylo Costa ,filho

Infância no Minho

Quase sempre são as mulheres, contadoras de histórias, a perpetuarem nas longas noites, sob a proteção e vigília de alguma luz, a história sem fim, como fizeram Scherezade das "Mil e uma noites" e nossas velhas tias e amas pretas, envolvendo-nos de encantamento. O poder da palavra atravessa o silêncio, evoca todo o mundo da fantasia, díj extraordinário, das regiões enevoadas dos sonhos.

Hojeuento a vocês, por palavras escritas, cuja ressonância desejo que soe como murmúrios d'água de uma nascente nas almas dos que me "escutam". Nasci e vivi em praia, na nossa praia de Iracema. No entanto a infância que eu acalento dentro do meu imaginário são dois mundos entrelaçados: o "de Entre-Douro-e-Minho" e o do nosso sertão.

Estas infâncias a mim legadas hibernam como as estrelas extintas, que continuam a enviar seu rastro de luz através do Tempo.

Talvez esta saudade que eu tenha de coisas que não vivi seja um eco de velhas histórias contadas à luz das lamparinas. Talvez...

Certeza tenho que estes dois berços, plenos de profundo misticismo, agouros, meizinhos, viventes, cheiros, canções, lugares, superstições e credices foram também embalados pelas sagas e epopeias de enfeitiçantes livros.

Assim vejo-me além-mar, ibérica, em busca do Novo Mundo. "Ultra aequinoetiale non peccatur" e sob a proteção do Cruzeiro do Sul. É pois, envolta em mística cautela que procuro penetrar neste mundo de antanho. Mundo cravado onde me amparo. Lateja inconsciente as fagulhas de luz das lembranças de um tempo, remoto, arcano, acasalado na memória pedindo ressurreição.

Máteria Campea

"Mulheres no mercado da montanha,
campos abertos, pálido trigal,
e o mar gemendo numa dor estranha,
bicho vencido, aos pés do pinheiral,
e o casarão do amigo em meio à serra,
e os rios a descer entre vinhedos
sobre o sangue dos rios e da terra,
vilas, barcos, touradas, arvoredos,
o pão-de-ló na quinta, o arroz-de-pato
que mãos amadas sabem preparar...
Mas onde me perdi? Este retrato
dói de escrever? Dói mais de recordar.
Sangram nêle sobreiros mutilados
na desordem dos sonhos acordados."

Ovílio Costa, filho

Manuscrito de "Infância no Minho", versão II.

INFÂNCIA NO MINHO

Quase sempre são as mulheres, contadoras de histórias, a perpetuarem nas longas noites, sob a proteção e vigília de alguma luz, a história sem fim, como fizeram Scherezade das "Mil e Uma Noites" e nossas velhas tias e amas pretas, envolvendo-nos de encantamento.

O poder da palavra atravessa o silêncio, evoca todo o mundo da fantasia, do extraordinário, das regiões enevoadas dos sonhos.

Hoje conto à vocês, por palavras escritas, cuja ressonância desejo que soe como murmúrios d'água de uma nascente nas almas dos que me "escutam."

Nasci e vivi em praia, na nossa praia de Iracema. No entanto a infância que eu acalento dentro do meu imaginário são dois mundos entrelaçados: o de "Entre - Douro - e - Minho" e o do nosso sertão.

Estas infâncias a mim legadas hibernam como as estrelas extintas, que continuam a enviar seu rastro de luz através do tempo.

Talvez esta saudade que eu tenha de coisas que não vivi seja um eco de velhas histórias contadas à luz das lamparinas. Talvez...

Certeza tenho que estes dois berços, plenos de profundo misticismo, rezas, agouros, meizinhos, viventes, cheiros, canções, lugares, superstições e credíncies foram também embalados pelas sagas e epopéias de enfeitiçantes livros.

Assim vejo - me além - mar, ibérica, em busca de Novo Mundo, "Ultra aequinoetiale non peccatur" e sob a proteção do Cruzeiro do Sul.

É pois, envolta em mística cautela que procuro penetrar neste mundo de antanho. Mundo cravado onde me amparo. Lateja inconsciente as fagulhas de luz das lembranças de um tempo, remoto, arcano, acasalado na memória pedindo ressurreição.

*"Mulheres no mercado da montanha,
campos abertos, pálido trigal,
e o mar gemendo numa dor estranha,*

“Infância no Minho”, versão III digitada.

~~FE~~
 Rasto velho
 com histórias
 demais.

O R A S T O

"E como encontraram,
 Tal qual encontrei;
 Assim me contaram,
 Assim vos contei!"

Lá para os confins do Reino-das-Pedras, escondido pelas furnas escarpadas do Cerro Corá, ele nascera. A mãe notara que o menino, desde os primeiros passos, pisava tão leve a causar-lhe sempre susto, quando sua sombra dela se acercava. Costumava dizer que ele não deixava rastro no chão, como se seus pés fossem forrados de algodão mocó ou pena de pássaro.

Não deixava vestígio nem direção do rumo. Lembrava o pai, cigano, que com ela vivera pouco, só o tempo para resguardar-se de algo que o perseguia.

Tinha aquele intuições estranhas, vivendo sempre alerta ao menor rumor.

Havia sumido em direção às distantes rochas no bafo morno de certa tarde, deixando nela um filho e histórias de bichos, de bruxedos e de outros reinos.

O menino cresceria, aprendendo com ela a viver do mato e trouxera de nascença o dom e a experiência de um rastejador. Arrancava o seu sustento da caça miúda, que ele desentocava onde ela se escondesse, dentro dos grotões, dos cerrados, das moitas do úmido olheiro, dos lajedos, das gargantas de serra alcantilada e das lapas de pedra.

Era capaz de tirar um rastro de bicho de pisada leve, ao

... filhos novos à terra — carcomida

Manuscrito "O Rastro", versão I.

*S. pág.
10/15*

O RASTO

"E como encontraram,
Tal qual encontrei;
Assim me contaram,
Assim vos contei!"

Lá para os confins do Reino-das-Pedras, escondido pelas furnas escarpadas de Acauã, ele nascera. A mãe notara que o menino, desde os primeiros passos, pisava tão leve a causar-lhe sempre susto, quando sua sombra dela se acercava. Costumava dizer que ele não deixava rasto no chão, como se seus pés fossem forrados de algodão mocó ou pena de pássaro.

Não deixava vestígio nem direção do rumo. Lembrava o pai, cigano, que com ela vivera pouco, só o tempo para resguardar-se de algo que o perseguiu.

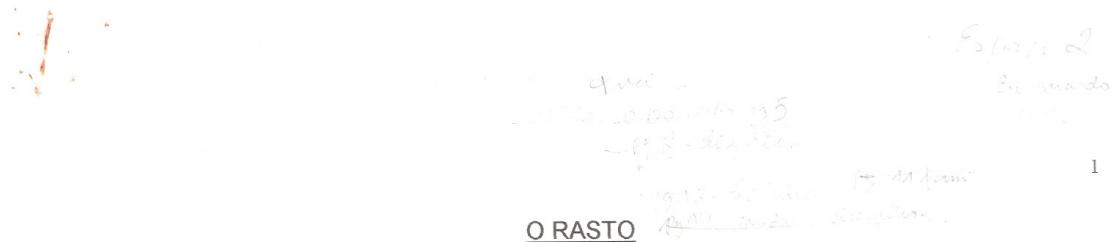
Tinha aquele intuições estranhas, vivendo sempre alerta ao menor rumor.

Havia sumido em direção às distantes rochas no bafo morno de certa tarde, deixando nela um filho e histórias de bichos, de bruxedos e de outros reinos.

O menino crescera, aprendendo com ela a viver do mato e trouxera de nascença o dom e a experiência de um rastejador. Arrancava o seu sustento da caça miúda, que ele desentocava onde ela se escondesse, dentro dos grotões, dos cerrados, das moitas do úmido olheiro, dos lajedos, das gargantas de serra alcantilada e das lapas de pedra.

Era capaz de tirar um rastro de bicho de pisada leve, ao esmiuçar a terra ressequida, as folhas secas, a tora carcomida de árvore, gravetos partidos e, nos ramos altos, quando a caça era graúda, ele levantava o rosto, a rastejar no ar.

Manuscrito “O Rasto”, versão II.



"E como encontraram,

Tal qual encontrei ;

Assim me contaram,

Assim vos contei ! "

Lá para os confins do Reino-das-Pedras, escondido pelas furnas escarpadas de Acauã, ele nascera. A mãe notara que o menino, desde os primeiros passos, pisava tão leve a causar-lhe sempre susto, quando sua sombra dela se acercava. Costumava dizer que ele não deixava rasto no chão, como se seus pés fossem forrados de algodão mocó ou pena de pássaro.

Não deixava vestígio nem direção do rumo. Lembrava o pai, cigano, que com ela vivera pouco, só o tempo para resguardar-se de algo que o perseguia.

Tinha aquele intuições estranhas, vivendo sempre alerta ao menor rumor.

Havia sumido em direção às distantes rochas no bafo morno de certa tarde, deixando nela um filho e histórias de bichos, de bruxedos e de outros reinos.

O menino crescera, aprendendo com ela a viver do mato e trouxera de nascença o dom e a experiência de um rastejador. Arrancava o seu sustento da caça miúda, que ele desentocava onde ela se escondesse, dentro dos grotões, dos cerrados, das moitas do úmido olheiro, dos lajedos, das gargantas de serra alcantilada e das lapas de pedra.

Manuscrito "O Rasto", versão III.

III

corrigir pg 4
agosto pg 14

1

Lá para os confins do Reino-das-Pedras, escondido pelas furnas escarpadas de Acauã, ele nascera. A mãe notara que o menino, desde os primeiros passos, pisava tão leve a causar-lhe sempre susto, quando sua sombra dela se acercava. Costumava dizer que ele não deixava rastro no chão, como se seus pés fossem forrados de algodão ~~moco~~ ou pena de pássaro.

Não deixava vestígio nem direção do rumo. Lembrava o pai, cigano, que com ela vivera pouco, só o tempo para resguardar-se de algo que o perseguia. Tinha aquele intuições estranhas, vivendo sempre alerta ao menor rumor.

Havia sumido em direção às distantes rochas no bafo morno de certa tarde, deixando nela um filho e histórias de bichos, de bruxedos e de outros reinos.

O menino crescera, aprendendo com ela a viver do mato e trouxera de nascença o dom e a experiência de um rastejador. Arrancava o seu sustento da caça miúda, que ele desentocava onde ela se escondesse, dentro dos grotões, dos cerrados, das moitas do úmido olheiro, dos lajedos, das gargantas de serra alcantilada e das lâpas de pedra.

2.1.3 “O espelho”

Demos ao texto “O espelho” um tratamento diferenciado, isto é, não fizemos cotejo entre suas três versões para escolher aquela de nível mais elaborado, pois não era relevante para o nosso objetivo, uma vez que, de todas as suas versões, apenas o objeto espelho e sua origem foram conservados no romance. Para apresentar os trechos que permaneceram, fizemos a transcrição convencionando a utilização dos seguintes sinais:

[*] rasura

[↑] entrelinha superior

Negrito: destaque nosso para facilitar a leitura

a) Manuscrito (ver imagens a seguir):

...] como é belo na [*sua] [*seu] forma[*com][↑emoldurado com tanta arte por] [*estão moldura preciosa com] [*ouro com]querubins, laços, flores e filigranas em ouro (...)

Há um século cheguei de uma longa viagem por mar (...),

Esta magia me fora dada pelo artesão Laurentis o Veneziano, Mago dos espelhos;

b) Livro *A Casa*, 1999:

(...) o belo espelho oval, emoldurado por querubins, laços e folhas de acanto de madeira. (p.48),

Viera de longa viagem. O Bisneto que o trouxera contara que o espelho fora feito pelo artesão Laurentis, O Veneziano, de alcunha “o mago dos espelhos”

(...).(p. 48).

O espelho terá no romance um papel testemunhal com grande carga simbólica, e aqui, retornamos ao estudo de Jack Tresidder³²: “Em quase toda parte, os espelhos têm sido

³² TRESIDDER, Jack. *O Grande Livro dos Símbolos*/ Jack Tresidder : tradução de Ricardo Inojosa- Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. p. 131.

associados à magia e, sobretudo a adivinhações por poderem refletir acontecimentos passados ou futuros, assim como os do presente.”

Nossa cultura conserva, até hoje, a presença muito forte dessa crença, desde os nossos índios da era cabralina, que ficavam fascinados pelos espelhos, mas os temiam porque lhes roubavam a alma e a aprisionavam. Natércia Campos, nesse entremear de lendas, histórias, causos da cultura, principalmente, nordestina, que é o seu livro *A Casa*, não poderia marginalizar um objeto/signo que se liga à eterna procura do homem pelo “outro”.

Natércia não mostrou o espelho como um mero objeto refletor e de visão limitada; em três momentos da narrativa é possível notar que o espelho estava diretamente relacionado à figura da morte. O primeiro momento acontece quando o artesão Laurentis não vê seu reflexo. No segundo, a Casa lembra: “Presenciei durante várias gerações a chegada Dela abrindo portas, refletindo-se no grande espelho ao invadir meus espaços e muito aprendi sobre suas metamorfoses e disfarces.”³³ E o terceiro quando o Bisneto vê a morte chegar: “Ele a viu chegar pelo espelho. Seus olhos a fixaram levemente surpresos. Enfrentou-a sem medo. O espelho trincou de alto a baixo e só notaram quando mais velas foram acesas naquela sala onde o velaram.”³⁴ Aqui praticamente a lâmina de cristal se personifica, preferindo não mais enxergar.

Nas gerações seguintes o preceito de derramar água foi sendo esquecido e outros costumes surgiram, entre eles, os cantos entoados nos velórios diante do morto, as excelências, e o de cobrirem com crepes na primeira semana dos lutos e nas noites de trovoadas e relâmpagos o belo espelho oval, emoldurado por querubins, laços e folhas de acanto de madeira. Viera de longa viagem. O Bisneto que o trouxera contara que o espelho fora feito pelo artesão Laurentis, o Veneziano, de alcunha “o mago dos espelhos” e que o homem não vira o reflexo de sua imagem ao terminar de polir a película metálica. Certeza teve de que a ausência de seu “duplo” não reproduzida, era sinal de que a morte dele se aproximava. A mercê desta crença, invadiu-lhe a tristeza que o levou a adoecer vindo a finar-se. Três razões, dissera o Bisneto, o fizeram desejar possuí-lo: ao mirar sua figura que o espelho lhe devolvera nítida, cristalina, por não existir um espelho na Trindades e pelo mistério que o cercava.³⁵

Encontramos nessa última citação do romance *A Casa* a retificação do verbete do dicionário de símbolos de Tresidder: “A superstição muito difundida de que partir um espelho traz má sorte se liga às noções primitivas de que o reflexo de uma pessoa contém parte da força de sua vida, ou uma ‘alma’ gêmea”.

³³ Campos, Natércia. *A Casa*. Imprensa Universitária - UFC, 1999. p27.

³⁴ *Ibid*, 1999. p 121.

³⁵ *Ibid*, 1999. p. 48.

2.1.4 As versões de “Infância no Minho” e “O Rasto”

Utilizamos o critério de cores – para melhor visualização - e sinais gráficos para identificação das variantes.

- <> acréscimos;
- <> supressões;
- <> substituição;
- <> interferência do pesquisador;
- <*> rasura;
- <↑> entrelinha superior;
- <+> sobreposição;
- [] observações paratextuais feitas pela autora.

As células que estão em branco têm o texto igual ao da célula da esquerda, imediatamente anterior.

Numeramos com algarismos romanos (I, II, III) as versões de “Infância no Minho”. Como observamos, apenas a versão I não possui título.

<I>	<II>	<III>
ver “A noite das Fogueiras?? <Ms. margem superior esquerda>	Infância no Minho < manuscrito a grafite>	Infância no Minho, <Ms. margem superior centralizado>
(L.4/5) encantamento. O poder		(L.4-5) encantamento. <§> O poder
(L.6/7) sonhos. Hoje		(L. 6/7) sonhos. <§> Hoje
(L.8/9) “escutam”. Nasci		(L.8/9) “escutam”. <§> Nasci
(L.11/2) sertão. Estas		(L. 11/2) sertão. <§> Estas
(L. 13/4) do Tempo. Talvez		(L. 13/4) do <t>empo. Talvez
(L.15/6) Talvez...Certeza		(L.15/6) Talvez... <§> Certeza
(L.19/20) livros. Assim		(L.18/19) livros. <§> Assim
(L.57/8) os San do	(L.57/8) os San[tos] do	(L.55) os San<tos> do
(L.58) do sol-pôsto e de		(L. 55/6) do sol-po<^>sto e de
(L.63/4) das adivinhas, das		(L.60) das ad<i>vinhas, das
(L.68/9) Névoa. Perdura		(L.65/6) Névoa. <§> Perdura
(L.85) Sinto o gôsto do		(L.79) Sinto o go<^>sto do
(L.89/0) ceia. [ou cheiro do fogo!] Vejo	(L.89/0) ceia. Vejo	(L.82/3) ceia.<§> Vejo

(L.106/7) sepulturas. Assim		(L.99/00) sepulturas. <§> Assim
(L.119/20) dormir”. “Fora em		(L.109/10) dormir”. < “ >Fora em
(L.139/40) No retorno para		(L. 129) No reto<^>rno para
(L.140/41) pois, o deus do		(L. 130) pois, o <D>eus do
(L.153/54) má-tenção. Certa		(L.140/41) má-tenção.< §> Certa
(L.160/162) corredia. [Havia a quadrinha:] <Ms. Margem esquerda, a grafite> “Todas		(L. 147- 149) <Havia a quadrinha:> “Todas
(L.166/167) Precursor, [mandrágora] <Ms. Margem esquerda>floresce	(L.166/167) Precursor,<mandrágora> floresce	
(L.226) podiam serem doadas	(L.226) podiam ser[*em] doadas	(L.208) podiam ser doadas
(L.228) aflorando quan- assim	Aflorando quan-[do] <Ms. Na linha> assim	Aflorando quan<do> assim
(L.260-262) roda: prata, descubra o rosto que queremos ver sua cara” e		(L.240-242) roda: prata,/ descubra o seu rosto/ que queremos ver a cara” ³⁶
(L.277) parenta aparecia	(L.277) parenta [↑Portuguesa Contadora de Historias do Minho] aparecia	(L.258) parenta<Portuguesa Contadora de Historias do Minho> aparecia
(L. 282) Jorge. Ela	(L.282) Jorge[”]. Ela [?/] < Ms. margem esquerda>	(L.262) Jorge<” >. Ela
(L.283) dizer uma estâncias		(L.262/3) dizer uma<s> estâncias
(L. 293-299) “A bruxa nasce- A feiticeira faz- se.”/ [“Noite das Fogueiras”?]< margem esquerda> “As bruxas cumprem um fado que Deus lhes deu./ As feiticeiras agem por arte do Demônio./ As bruxas tornam-se invisíveis./ As feiticeiras têm o poder de fazer feitiços em questões/ de amor e são adivinhadeiras. As	(L. 293-299) “A bruxa nasce- A feiticeira faz- se.”/ “As bruxas cumprem um fado que Deus lhes deu./ As feiticeiras agem por arte do Demônio./ As bruxas tornam-se invisíveis./ As feiticeiras têm o poder de fazer feitiços em questões/ de amor e são adivinhadeiras. As	(L. 273-279) “A bruxa nasce- A feiticeira faz-se.”/ “As bruxas cumprem um fado que Deus lhes deu./ As feiticeiras agem por arte do Demônio./ As bruxas tornam-se invisíveis./ As feiticeiras têm o poder de fazer feitiços em questões/ de amor e são adivinhadeiras. < §> As bruxas

³⁶ Nos manuscritos I e II o texto é corrigido; no Ms III tem estrutura de quadrinha.

bruxas		
(L.302-304) As Meigas da Galiza vestem-se de branco e confundem-se com os mortais e com as nuvens. Fôra	(L.302-304) [*As Meigas] [↑As bruxas]↓ da Galiza[↑chamam-se Meigas, elas] vestem-se de branco e confundem-se com os mortais e com as nuvens.<seta ligando nuvens a Fora, anot. A grafite> Fôra	(L. 282/3) <As bruxas da Galiza chamam-se Meigas, elas> vestem-se de branco e confundem-se com as nuvens. Fôra
(L.315) de líquens e verdes		(L.293) de li< `>quens e verdes
(L.365) vezes, sobrevoam		(L.337) vezes< , > sobrevoam
(L.373/374) reino. < §> A primavera		(L.344) reino< §> A primavera
(L.392) de Castela eram		(L.360) de <c>astela eram
(L.407) quase nú, a limpar as estrebaria		(L. 373/4) quase nu< `>, a limpar estrebarias
(L.414) irmãos, a côrte	(L.414) irmãos, a[`?] côrte	(L.379) irmãos, < `>a côrte
(L.426) levou a loucura		(L. 390) levou < `>a loucura
(L. 437/8) atemorizadas. Mas		(L. 399/0) atemorizadas. <§> Mas
(L.440/1) O Profeta Elias		(L.402) O <p>rofeta Elias
(L. 442) O Profeta lhe		(L.403) O <p>rofeta lhe
(L.457) o [+o]imperador escutou		(L.417) o imperador escutou
(L.458) clementes sôpros de		(L.418) clementes so< ^>pros de
(L.476) os Pesadelos.” Aconselhava-me		(L.436) os <p>esadelos.” Aconselhava-me
(L.483) tua casa.” E		(L. 443) tua casa. < ” > E
(L.538) uma quinta, árvore		(L.497) uma <Q>uinta, árvore
(L.540/1) li: <parágrafo>“Diz-se		(L.500) li: < §> “Diz-se
(L.5435/44) meio-dia “quando s anjos	(L.5435/44) meio-dia “quando [o]<manuscrito>s anjos	(L.502/503) meio-dia <”>quando <o>s anjos
(L.565/6) mansietude. Meus		(L.524/5) mansietude. < §> Meus
(L.588-590) [“O rumor antigo conta” Camões Natércia Campos]		(L.542-544) <“O rumor antigo conta.” Camões Natércia> <Campos>

<manuscrito: margem inferior>		
-------------------------------	--	--

Ao analisar a tabela, é possível notar que as alterações feitas estão relacionadas a correções de: acentuação, pontuação e uso da letra maiúscula e minúscula. Entre parênteses informamos o número da linha do manuscrito e entre colchetes o número da página da dissertação. Seguem os exemplos, marcados em negrito para destacar o texto de Natércia Campos:

- (L.293, [p. 57]) de li~~'~~quens e verdes;
- (L. 390, [p. 57]) levou <~~'~~>a loucura;
- (L.418, [p. 57]) clementes so~~'~~[^]pros de;
- (L.337, [p. 57]) vezes~~,~~ sobrevoam;
- (L.403, [p. 57]) O <p>rofeta Elias;
- (L.497, [p. 57]) uma <Q>uinta, árvore.

Os acréscimos são, em sua maioria, de parágrafos:

- (L.82/3, [p.56]) ceia.< §> Vejo;
- (L. 399/0, [p. 57]) atemorizadas. <§> Mas;
- (L.524/5, [p.55]) mansietude. < §> Meus.

Não há mudanças referentes ao conteúdo do texto, apenas a escrita usada passou a ser a da norma padrão. Elegemos a versão III como texto base para realizar o cotejo com o texto de *A Casa* (1999).

Utilizamos a mesma legenda de cores da tabela anterior.

- <> acréscimos;
- <> supressões;
- <> substituição;
- < > interferência do pesquisador;
- <*> rasura;
- <↑> entrelinha superior;
- <+> sobreposição;
- [] observações paratextuais feitas pela autora.

As células que estão em branco têm o texto igual ao da célula da esquerda, imediatamente anterior.

Também numeramos a tabela comparativa de “O Rasto”, com algarismos romanos (I,II, III, IV).

O Rasto <I>	O Rasto <II>	O Rasto <III>	< IV >
“E como encontraram, Tal qual encontrei; Assim me contaram, Assim vos contei!”	“E como encontraram, Tal qual encontrei; Assim me contaram, Assim vos contei! ”		<Sem anotações manuscritas>
<Anotações manuscritas a grafite:> [Rasto velho com histórias demais!]	<Anotações manuscritas a grafite:> [Espaço 1/1/5]	<Anotações manuscritas a grafite:> [+Tirar da “Casa”] Tirei [título, o Boitatá pg5, pg 2-dez reis, pg 8 raspa de Juá, pg 12-Boitatá. Pg 11 fami pg 14 mudar p/ chocinhos Espaço 2 Eu guardo certíssimo]	<Anotações manuscritas tinta vermelha:> III <manuscrito a grafite> [corrigir pg 1 Ageritar pg 14]
(L.5) escarpadas do Cerro Corá, ele nasceria. A mãe	(L.5) escarpadas de <Acauã>, ele nasceria. A mãe		
(L. 10) algodão mocó ou pena de pássaro.			(L. 6) algodão [*mocó] ou pena de pássaro.
(L.36) um côco. No	(L.36) um co<^>co. No		
(L.45) nas moedas de dez-réis, que	(L. 38) nas moedas de dez-réis, que	(L.34) nas moedas de [*dez-réis], que	(L. 45)nas <moedas>, que
(L. 51-56) desgraça. <§>Aprendera que as adivinhas corujas e o gavião de vôo alto assistiam, durante o tempo em que, na terra, os animais dormiam, os ocultos assombros. Eram eles adivinhadores de perigos e o menino, ao ver distanciar-se nos céus o gavião, pressentia que algum	<§>Aprendera que as adivinhas corujas e o gavião de vôo alto assistiam, durante o tempo em que, na terra, os animais dormiam, os ocultos assombros. Eram eles adivinhadores de perigos e o menino, ao ver distanciar-se nos céus o gavião, pressentia que algum		

malefício estava prestes a acontecer. <§>Tinha	malefício estava prestes a acontecer.> <§> Tinha		
(L.66/7) calor.< §> Ao	(L.51) calor. < §> Ao		
(L. 69-74) fogo. <§> Sabia que só os cachorros percebiam estes longos assobios, e que teimassem em acuar a caça, a caipora os açoitaria até uivarem de dor, com sua chibata-cipó, da espinhosa japecanga. Na	(L. 54/5) fogo.< §> <Sabia que só os cachorros percebiam estes longos assobios, e que teimassem em acuar a caça, a caipora os açoitaria até uivarem de dor, com sua chibata-cipó, da espinhosa japecanga.> Na		
(L.77- 89) mãe cortava a maniçoba	(L. 58-69) mãe <cortara> a maniçoba		
(L.90/1) pegajoso. <§> A mãe	(L.68) pegajoso. <§> A mãe		
(L. 100-105) limites. <§>Ela criara em cega obediência, a pisar no rasto, seguindo-lhe fiel a trilha. O menino ao acordar, estendia-lhe a mão pedindo a bênção e, à noite, era também este seu último gesto antes de adormecer. <§> Com	(L.77/8) Limites. <§>Ela criara em cega obediência, a pisar no rasto, seguindo-lhe fiel a trilha. O menino ao acordar, estendia-lhe a mão pedindo a bênção e, à noite, era também este seu último gesto antes de adormecer. <§> Com		
(L. 122/130) valor. O bando de porcos do mato, montaria da caipora, os queixadas e caititus, comedores de raízes, eram vistos a correr com rapidez nas brenhas emaranhadas. Tinhama eles ataque repentina	(L 92/3) valor. <O bando de porcos do mato, montaria da caipora, os queixadas e caititus, comedores de raízes, eram vistos a correr com rapidez nas brenhas emaranhadas. Tinham eles ataque repentino e feroz e seus		

<p>e feroz e seus fojos, a mãe e o menino os armavam em profundas covas, que cavavam e depois vedavam disfarçados por feixes de ramos, garranchos e terra.</p> <p>A mãe ensinara-o a barrar as trilhas com espinhosos cardeiros e pedregulhos para forçar a caça a percorrer a senda onde estavam armados os fojos cobertos pela folhagens.</p> <p><§>Menino</p>	<p>fojos, a mãe e o menino os armavam em profundas covas, que cavavam e depois vedavam disfarçados por feixes de ramos, garranchos e terra.</p> <p>A mãe ensinara-o a barrar as trilhas com espinhosos cardeiros e pedregulhos para forçar a caça a percorrer a senda onde estavam armados os fojos cobertos pela folhagens.></p> <p><§>Menino</p>		
(L.152) ao perspassarem vagarosas			(L.122) ao pe[*r]spassarem vagarosas
(L. 155) avistar a cobra-de-fogo, o Boitatá, que		(L.102) avistar a cobra-de-fogo, o [*Boitatá], que	(L.125) avistar a cobra-de-fogo, <Boitatá>, que
<p>(L.196- 218) dali. Uma curiosa princesa o libertou e, desde então, tornou-se cativa numa distante floresta. Certa vez, um príncipe caçador, avistou a solitária princesa e ao ouvir sua história ensinou-lhe a descobrir com cautela e agrado onde estava guardada a vida da fera. Foi no pendor do sol que a princesa chamou o Bicho Manjaléu para recostar-se no seu colo, começando a pôr cafunés na sua cabeça. Ele amansou-se, sonolento, e ela baixinho perguntou-lhe onde estava presa sua alma, a sua vida, e o Bicho Manjaléu,</p>	<p>(L. 149/0) dali <:> <Uma curiosa princesa o libertou e, desde então, tornou-se cativa numa distante floresta. Certa vez, um príncipe caçador, avistou a solitária princesa e ao ouvir sua história ensinou-lhe a descobrir com cautela e agrado onde estava guardada a vida da fera. Foi no pendor do sol que a princesa chamou o Bicho Manjaléu para recostar-se no seu colo, começando a pôr cafunés na sua cabeça. Ele amansou-se, sonolento, e ela baixinho perguntou-lhe onde estava presa sua alma, a sua vida, e o Bicho Manjaléu,</p>		

e o Bicho Manjaléu, rendido, foi devagar lhe revelando; “Minha	rendido, foi devagar lhe revelando;> “Minha		
(L. 211- 219) morrerei”. O príncipe ao saber do segredo logo caçou o porco-espinho e o Bicho Manjaléu começou a adoecer murmurando: “Minha bela, estou me sentindo doente/ alguém está mexendo na minha vida” No dia em que conseguiram apagar a chama da vela o Bicho Manjaléu morreu, quebrando-se para sempre o encanto, e, a princesa livre retornou com o príncipe ao reino de Castela”. O sono	(L.156/7) morrerei”. <O príncipe ao saber do segredo logo caçou o porco-espinho e o Bicho Manjaléu começou a adoecer murmurando: “Minha bela, estou me sentindo doente/ alguém está mexendo na minha vida” No dia em que conseguiram apagar a chama da vela o Bicho Manjaléu morreu, quebrando-se para sempre o encanto, e, a princesa livre retornou com o príncipe ao reino de Castela”.> O sono		
(L. 224/5) guia-de-caça. <\$> Evitava	(L. 161) guia-de-caça. <\$> Evitava		
(L.245-250) tontos. A mãe, na hora dele se deitar pesado de sono, advertia: -“menino não deve dormir sem rezar, senão na hora de visagem desce o morcego da escuridão para chupar sangue e, desde daí, ele vira lobisomem”. <\$> A noite	(L. 179/0) tontos. <A mãe, na hora dele se deitar pesado de sono, advertia: -“menino não deve dormir sem rezar, senão na hora de visagem desce o morcego da escuridão para chupar sangue e, desde daí, ele vira lobisomem”> <\$> A noite		
(L. 253) raspas da árvore dos juás, escutara		(L. 166) raspas [*da árvore dos juás] [↑do juá], escutara	(L. 201) raspas da árvore <dos juás>, escutara
(L.287) varas com as peles para	(L. 212) varas com<a> as peles para		(L. 234) varas com<a> as peles para

(L.320 – 326) espinhosos e nas cercas de avelós. O homem			(L. 267 – 273) espinhosos [↑ da jurema] [*e nas cercas de avelós.] O homem
(L.323/4) em rama que se libertava dos fardos que o prendiam. O algodão			(L.270/1) em rama que se libertava dos [*fardos] [↑sacos] [↑disformes das cangalhas] que o prendiam. O algodão
(L.325) estreitas trilhas, parecendo			(L. 272) estreitas [*trilhas] [↑veredas], parecendo
(L.331/2) As cobras venenosas, as de sangue frio, traiçoeiras, ele as matava.		(L. 228) As cobras venenosas, [*as] [↑as mais famintas.] de sangue frio[+, e] traiçoeiras, ele as matava.	(L. 278, 279) As cobras venenosas, <as mais famintas,> de sangue frio e traiçoeiras, ele as matava.
(L. 347- 352) Cobra-Grande, a Boiúna e a		(L.240-249) Cobra-Grande, a [*Boiúna] e a	(L. 296) Cobra-Grande, <a Boiúna> e a
(L. 352-363) missão.<§> Falaram-lhe que muito longe, numa gruta, existiria a Serpente do Tempo Antigo- a Encantada – que era uma moura guardiã de tesouros. Ela vivia condenada naquele corpo de serpente, a espera do dia que houvesse sacrifício com sangue humano de algum cristão para desencantá-la. <§> A Boiúna, contaram-lhe, tinha	(L.269) missão. A Boiúna, contaram-lhe, tinha	(L.241) missão. A [*Boiúna], contaram-lhe, tinha	(L.300) missão. <§> Falaram-lhe que muito longe, numa gruta, existiria a Serpente do Tempo Antigo- a Encantada – que era uma moura guardiã de tesouros. Ela vivia condenada naquele corpo de serpente, a espera do dia que houvesse sacrifício com sangue humano de algum cristão para desencantá-la.

			<§> A Boiúna, contaram-lhe, tinha
(L. 411) seus cincerros, avistaram		(L. 286) seus cincerros [↑chocalhos], avistaram	(L. 349) seus <cincerros> <chocalhos>, avistaram

Os parágrafos suprimidos têm como tema as superstições e lendas:

(L. 43/4, [p. 59])

<Aprendera que as adivinhas corujas e o gavião de vô alto assistiam, durante o tempo em que, na terra, os animais dormiam, os ocultos assombros. Eram eles adivinhadores de perigos e o menino, ao ver distanciar-se nos céus o gavião, pressentia que algum malefício estava prestes a acontecer.>

(L. 149/0, [p.61])

< Uma curiosa princesa o libertou e, desde então, tornou-se cativa numa distante floresta. Certa vez, um príncipe caçador, avistou a solitária princesa e ao ouvir sua história ensinou-lhe a descobrir com cautela e agrado onde estava guardada a vida da fera. Foi no pendor do sol que a princesa chamou o Bicho Manjaléu para recostar-se no seu colo, começando a pôr cafunés na sua cabeça. Ele amansou-se, sonolento, e ela baixinho perguntou-lhe onde estava presa sua alma, a sua vida, e o Bicho Manjaléu, rendido, foi devagar lhe revelando;>

(L.300, [p.63])

<§> Falararam-lhe que muito longe, numa gruta, existiria a Serpente do Tempo Antigo-a Encantada – que era uma moura guardiã de tesouros. Ela vivia condenada naquele corpo de serpente, a espera do dia que houvesse sacrifício com sangue humano de algum cristão para desencantá-la.

<§> A Boiúna,

Elegemos a versão IV para servir como texto base para o cotejo com a edição de 1999, pois as supressões e os acréscimos feitos nas versões I, II e III foram incorporados ao texto da versão IV.

É notável, que as modificações em “O Rasto” não seguiram a mesma tendência da tabela de “Infância no Minho”, pois naquele temos a supressão de parágrafos, nas versões II e IV, fato significativo para o conteúdo da história.

No próximo capítulo, “O surgimento do romance *A Casa*”, apresentaremos através de tabelas o cotejo entre as versões desses textos definidas como base e o romance publicado em 1999.

3 O SURGIMENTO DO ROMANCE A CASA

3.1 O corpus

Após a delimitação do objeto de estudo, definimos a metodologia para o cotejo entre os manuscritos das narrativas e a edição do romance, 1999. Formulamos as seguintes etapas:

- a) foi escolhida a versão das narrativas com nível mais alto de elaboração, como vimos nas tabelas apresentadas;
- b) outras tabelas mostrarão os trechos dos manuscritos que permaneceram, com ou sem alteração, no romance *A Casa* (1999).

A partir da hipótese de que as três narrativas – “O espelho”, “Infância no Minho” e “O Rasto” - estão na base de *A Casa*, era necessário comprovar que foram escritas antes do romance, mas Natércia não datou quase nenhum manuscrito e deixou poucas pistas para estabelecer-se uma cronologia daqueles com os quais vamos trabalhar.

Recorremos, então, à documentação paratextual que nos mostrou a provável linha do tempo dos manuscritos “O espelho”, “Infância no Minho” e “O Rasto”, como tentaremos evidenciar nos passos seguintes.

No arquivo, há um bloco de anotações intitulado *My(note)book of Literature* e a data de 5/08/85. Nele se encontram o esboço do seu primeiro conto, “A Escada”, ainda sem título, e também o rascunho do conto “O espelho”, também sem título. Podemos considerar esse documento como comprovação da anterioridade de “O espelho” em relação às outras duas narrativas.

“Infância no Minho” é um texto memorialístico, sem data, mas encontramos trechos dessa narrativa no texto em prosa poética publicado em 1991 em 3x4.

Localizamos uma correspondência (em anexo) de Oswaldo Lamartine, etnógrafo e amigo da escritora, datada de 10 de maio de 1995, em que ele esclarece dúvidas, provavelmente levantadas por Natércia, sobre dados pontuais do seu conto “O Rasto”. Citamos um trecho:

Não me pergunte sobre o rastejar literário do seu rasto. Não faço literatura nem tenho esteira no suador-da-sela para tanto. A minha leviandade foi brotar no papel alguns momentos do viver sertanejo. E até isso esbarrei de fazer. É por essa brecha q os amigos, talvez para me encabular dizem ser etnografia – q vou espiar seu rasto. Vamos lá: 1ª- Sei do município de Cerro Corá na Serra de Sant’Ana/RN divisa do Seridó. Mas aquilo é nome ‘estrangeiro’ – bajulação de feitos da guerra do Paraguai.

Mesmo pq ‘cerro’ é nomenclatura geográfica salina – equivalente parecido com nosso ‘serrote’. Pq não Rajada, Acauã, Coité, Trincheiras, do Chapéu, etc – nomes da gente (PP.1,5,8) (...) 5^a – Sem querer meter minha colher de pau na estória do Bicho Manjaléu (p.7) pq não porco caitetu em vez de porco-espíinho, estrangeiro naqueles sertões (?).

Além disso, a história do Bicho Manjaléu que está contada no “O Rasto” também foi citada no *poema-posters* de 1991.

Tendo estabelecido a possível cronologia entre as três narrativas, procuramos provas que nos levassem a inferir que eram anteriores à publicação do romance *A Casa*, de 1999.

Com relação a “O espelho”, do qual, como vimos no capítulo anterior, permaneceram apenas a referência ao objeto e ao seu criador, ele foi, no entanto, segundo nos disse Carolina Campos, filha da escritora, a idéia inicial do texto:

“Elisabete Sampaio (E.S.). Quando Natércia começou a escrever A Casa, em que ano?

Carolina Campos (C.C.). A Casa é um projeto muito antigo. [...] mas antes de escrever A Casa a mamãe queria escrever “O espelho”.

E.S. Sim, eu já vi muitas pesquisas sobre espelho.

C.C. “O espelho” é o embrião d’ A Casa, só que depois era melhor que o narrador fosse a casa porque um espelho fica preso numa parede e a casa vê tudo mesmo.

Quanto à “Infância no Minho”, como dissemos, é anterior a 1998. Descobrimos que além de em 3x4, há a reelaboração de alguns trechos da narrativa na obra *Por Terras de Camões e Cervantes*, como mostraremos a seguir:

a) De “Infância no Minho”:

Assim vejo-me além-mar, ibérica, em busca de Novo Mundo, “Ultra aequinoetiale non peccatur” e sob a proteção do Cruzeiro do Sul.

Nasci e vivi em praia, na nossa praia de Iracema. No entanto a infância que eu acalento dentro do meu imaginário são dois mundos entrelaçados: o de “Entre - Douro - e - Minho” e o do nosso sertão.

Estas infâncias a mim legadas hibernam como as estrelas extintas, que continuam a enviar seu rastro de luz através do tempo.

B) A obra *Por Terras de Camões e Cervantes*:

Meu avô Francisco José Gonçalves Campos estudou no Porto, (...) e veio, sob a proteção da mais bela cruz dos céus - a do Cruzeiro do Sul, para o Brasil. Ultra Aequinoetiale Nom Peccatur. (p.14).

Certeza tenho que nestes dois mundos foi minha infância embalada.(p.16)

“O Rasto”, como vimos na carta de Oswaldo Lamartine, é anterior ao livro, pois estamos cientes de que a data do término do livro é 1998. Numa folha avulsa, papel sulfite, uma anotação autógrafa nos informa: “3: 40hs da madrugada. Os lobisomens já voltaram a sua primitiva forma. Hoje é 9 de setembro de 1998. Ouço música. Acabo de escrever a última palavra do meu romance!”³⁷.

Com esses dados, voltamo-nos para o objetivo mais específico da pesquisa: investigar se, e em que medida, essas narrativas participam do processo de criação do romance. Elaboramos duas tabelas, destacando as semelhanças entre as versões selecionadas dos manuscritos e o romance *A Casa*. Lembramos que para os manuscritos de “O espelho” não fizemos uma tabela comparativa, como salientamos em “Os caminhos da Criação”.

3.1.1 “Infância no Minho” e “O Rasto”

Como a participação de “Infância no Minho” e “O Rasto” no romance *A Casa* é significativa, construímos tabelas comparativas para registrar os trechos que foram reelaborados no romance *A Casa*.

Descreveremos as explicações de Luiz Fagundes Duarte³⁸ sobre as recombinações ou marcas deixadas pelo escritor em seu texto:

Substituição - “Trata-se de um processo de substituição de palavras, expressões, frases ou fragmentos de palavras ou frases [...]”

Acréscimo - “[...] consiste, na prática, numa série de inserções de palavras, expressões e frases no discurso já fixado pela escrita. De um modo geral, pode dizer-se que se

³⁷ Manuscrito encontrado do acervo da Autora.

³⁸ DUARTE, Luiz Fagundes. *A Fábrica dos Textos*. Ensaios de Crítica Textual acerca de Eça de Queirós. Lisboa: Edições Cosmos, 1993 p.19 e 20.

trata de algo de pensado, intencionalmente estilístico, com a finalidade (bem definida) de completar e otimizar a representação do real.

Deslocamento - “[...] um elemento significante é transferido de um lugar do enunciado para outro, por avanço ou recuo.”

Supressão - “Espectralmente, a supressão representa o ‘negativo’ do acréscimo, é o elemento neutralizador, a força centrípeta redutora que contrabalança com a força centrífuga constituída pelo acréscimo enquanto tendência para a expansão de um núcleo frásico em novos significados e valores.”

No nosso trabalho, indicamos esses processos de reescrita através de cores, uma vez que a escritora utilizou em seus manuscritos sinais gráficos, como parênteses, colchetes, asteriscos e chaves.

Fazemos um parêntese para destacar a praticidade provida pela informática, que possibilita o uso de recursos visuais, como o colorido das tabelas, facilitando o trabalho de leitura e transcrição dos textos. Ao contrário do senso comum, que acredita no fim da teoria da crítica genética pelo uso da tecnologia informática, esta pode ser uma aliada ao criar softwares que realizam “edições automáticas”, “dicionários de substituição” e permite identificar o que foi apagado em um texto.

A seguir, analisaremos a tabela de cotejo entre “Infância no Minho” e *A Casa*. Utilizamos a mesma legenda de cores da tabela anterior para indicar os processos de acréscimos, supressões, substituições e deslocamentos. Ressaltamos que, na coluna ocupada pelo texto de *A Casa* (1999), são reproduzidos apenas os trechos que já estavam presentes em “Infância no Minho”. A autora não utilizou colchetes nesses manuscritos, por esse motivo não usamos <> e destacamos as modificações com aqueles.

Legenda:

[█] trechos semelhantes (alguns com pequenas mudanças);

[█] acréscimo;

[█] deslocamento;

[█] substituição;

[█] supressão;

[...] continuação do trecho.

<p style="text-align: center;">Infância no Minho</p> <p>Quase sempre são as mulheres, contadoras de histórias, a perpetuarem nas longas noites, sob a proteção e vigília de alguma luz, a historia sem fim, como fizeram Scherezade das “Mil e Uma Noites” e nossas velhas tias e amas pretas, envolvendo-nos de encantamento.</p> <p>O poder da palavra atravessa o silêncio, evoca todo o mundo da fantasia, do extraordinário, das regiões enevoadas dos sonhos.</p> <p>Hojeuento a vocês, por palavras escritas, cuja ressonância desejo que soe como murmúrios d’água de uma nascente nas almas dos que me “escutam.”</p> <p>Nasci e vivi em praia, na nossa praia de Iracema. No entanto a infância que eu acalento dentro do meu imaginário são dois mundos entrelaçados: o de “Entre – Douro - e – Minho” e o do nosso sertão.</p> <p>Estas infâncias a mim legadas hibernam como as estrelas extintas, que continuam a enviar seu rastro de luz através do tempo.</p> <p>Talvez esta saudade que eu tenha de coisas que não vivi seja um eco de velhas histórias contadas à luz das lamparinas. Talvez...</p> <p>Certeza tenho que estes dois berços, plenos de profundo misticismo, rezas, agouros, meizinhos, viventes, cheiros, canções, lugares, superstições e credices foram também embalados pelas sagas e epopéias de enfeitiçantes livros.</p> <p>Assim vejo-me além-mar, ibérica [, em]</p>	<p style="text-align: right;"><i>A Casa</i> (1999)</p> <p>(§ 262) Sabiam eles que meu construtor e primeiro dono havia sido um português de [“Entre-Douro-e-Minho”] de nome José Gonçalves Campos.</p> <p>(§ 34) Recordava que viera de longe [sob a proteção do Cruzeiro do Sul], a mais bela</p>
--	--

busca de Novo Mundo, “Ultra aequinoetiale[m] non peccatur”] e sob a proteção do Cruzeiro do Sul.

É pois, envolta em mística cautela que procuro penetrar neste mundo de antanho. Mundo cravado onde me amparo. Lateja inconsciente as fagulhas de luz das lembranças de um tempo, remoto, arcano, acasalado na memória pedindo ressurreição.

“Mulheres no mercado da montanha,
Campos abertos, pálido trigal,
E o mar gemendo numa dor estranha,
Bicho vencido, aos pés do pinheiral,
E o casarão do amigo em meio à serra,
E os rios a descer entre vinhedos
Sobre o sangue dos rios e da terra,
Vilas, barcos, touradas, arvoredos,
O pão-de-ló na quinta, o arroz-de-pato
Que mãos amadas sabem preparar...
Mas onde me perdi? Este retrato
Dói de escrever? Dói mais de recordar.
Sangram nele sobreiros mutilados
Na desordem dos sonhos acordados.”

Odylo Costa, filho.

Diz-nos o mestre Luís da Câmara Cascudo:

“O Homem transplanta vísceras, pisa os granitos lunares, liberta a força atômica, mas não atina com os segredos múltiplos da Reminiscência, o Mundo que vive em nós obscuro e palpitante.”

...E volto, no tempo, ao Minho dos meus avós a trazer lembranças e, com elas, o

cruz do céu[, em busca de um Novo Mundo, “Ultra Equinocciale[m], non peccatur”.]

encantamento das lendas da vizinha Galiza quando éramos uma só terra, sem fronteira, na época dos Celtas e de outras remotas civilizações.

“Todo este tempo não tirei os olhos
Do meu sonho longínquo,
Da minha casa ao pé do rio,
Da minha infância ao pé do rio,
Das janelas do meu quarto,
Dando para o rio de noite
E paz do luar esparso nas águas.”

Fernando Pessoa

Lembro-me que alguém cedinho, lia em voz alta [o Lunário Perpétuo] e eu espreguiçava-me, friorenta, perdida nos velos das mantas, ouvindo na penumbra aquela voz rouca, que me dizia sobre os Santos do dia, sobre a neve ou verão, do sol-posto e das geadas, das estrelas em fuga, da peregrinação lunar, dos quatro ventos, dos eclipses, de remédios universais de velhíssimas fórmulas, de ser época das florações, de sanchar a horta, de messe, de se fazer geléias e serões, dos lutos e penitências da Quaresma, das festas de fogueira, do advento com o cepo de carvalho do Natal posto ao lume, das advinhas, [das citações em latim] :

- Astra Movent Hominis,

Sed Deus Astra Movet,”

das forças da natureza e da sabedoria popular.

[E, sobretudo, me ensinava a viver.]

[Tudo tão longe.] Esvatido [,] [n]évoa. [Perdura dentro de mim a voz.]

[Perdura em mim a voz.]

Ela ressoa como se fosse o eco vindo das

(§ 34) Trouxera de Portugal um relógio de sol em madeira, nele havia a palavra Meridiana talhada em letras góticas e [o Lunário Perpétuo] lido por ele em voz alta para os da casa, cujos ensinamentos eram de mais serventia para a sua terra do que para este sertão.

(§ 33) Gostava meu dono [das citações em latim] [:] [“]Astra movent hominis, sed Deus astra movet”, “Arbor bona bonos fructus facit, et mala malos.”

(§ 36) [Sobretudo, ensinava a viver. Tudo tão longe.] Esvatido [,] [n]évoa. [Perdura dentro de mim a voz.]

mouras encantadas, que se ouve em certos outeiros, vales e das profundezas das mágicas salamancas. Os cheiros deste tempo ficaram em mim enraizados como o restolho das ceifas. O doce rosmaninho, das aromáticas giestas dos prados, dos verdes e misteriosos soutos, das resinas dos pinheirais, das rasteiras macegas, do gado, dos vinhedos, das águas das sangas, da caleira, dos junquilhos e talhões das alfaces, das hortaliças, dos regatos e fontes. Da barrela onde estava a roupa a branquear, do [pão preto de aveia e centeio que assava fechado no forno, em cuja porta havia o desenho de uma cruz igual à feita na massa para ela crescer.] Das anchas acessas do lume. Das especiarias...

Havia o estrilar insistente dos grilos nas pilheiras da cozinha anunciando fortuna para a casa, afastando a infelicidade. Durante o dia o queixume da nora tirando a água do poço e [o casquinar dos ratos na despensa] já noite velha.

Sinto o gosto do bolo de pão de milho, broas com azeite, dos confeitos, [do funcho usado nos defumados, dos chouriços, do alho afugentador dos malefícios, das] castanhas, [da açorda com coentro, do vinho] da casa [, do picante mosto dos lagares, da canela no arroz doce] e da fumaça da lenha na papa da ceia.

Vejo [a pedra quadrada, o lar], que havia de proteger [o fogão onde ao redor aconteciam conversas], comidas, [a doméstica vida] [das herdades,] quintas, [casas com a Graça de Deus].

Alguém dizia: - “Nosso Senhor nos dê muito e nos sustente com pouco” na mesa longa

(§ 31) [Da casa velha, vinha-lhe] [da barrela] [,] [onde estava a] [a branquear roupas] [,] [o cheiro das cinzas, do fragrante] [do] [pão preto de aveia e centeio que assava fechado no forno, em cuja porta havia o desenho de uma cruz igual à feita na massa para ela crescer.]
[...]

[Durante o dia] [escutava-se] [o queixume da nora tirando a água do poço] [, o ruído das pás do moinho,] [havia] [o estrilar insistente dos grilos nas pilheiras da cozinha] [,] [anúncio] [certo de] [fortuna para a casa,] [e ao cair da noite, a tristeza dos aboios tangendo o moroso gado e muito tarde] [e] [o casquinar dos ratos na] [s] [despensa] [s]. [já noite velha]
[...]

[Sentia] [o gosto do bolo de pão de milho,] [broas com azeite] [, dos confeitos,] [a falta] [do funcho usado nos defumados, dos chouriços, do alho afugentador das doenças e malefícios, das] [nozes], [da açorda com coentro, do vinho] [da casa] [, do picante mosto dos lagares, da canela no arroz doce] [e da fumaça da lenha na papa da ceia,] [,] [das] [broas com azeite] [,]

(§ 32) [Era, contava] [ele,] [a pedra quadrada, o lar] [, que havia de] [protetor] [d] [o fogão onde ao redor aconteciam conversas] [comidas,] [d] [a doméstica vida das herdades,] [quintas,] [das casas com a Graça de Deus] [,] [que na época do]

da sala de teto baixo onde odores demoravam a acompanhar o vento que, acriançado, corria pela casa adentro, trazendo com ele o perfume das brancas amendoeiras no final de janeiro.

Previam o tempo indo [no Dia de São Vicente espreitar os ventos] com a lumeeira de palha acesa e se eles vinham de cima a inclinar o facho era sinal de fartura.

Na festa da [Senhora das Candeias,] da Candelária dizia-se:

“Se a Senhora da Luz chorar

Está o inverno acabar.

Se a Senhora da Luz rir,

Está o inverno para vir.”

E, neste [dia], 02 de fevereiro, os nascidos mortos eram simbolicamente batizados pelos seus padrinhos a despejarem [água] sobre [as sepulturas.]

Assim como os hábitos de vida, mudavam nos solstícios, na época das “loas” das lapinhas, na Semana Santa com jejuns e seus santos envoltados de roxo, acontecia a “mudança de habitação” nas necessidades da pastagem, nas migrações sazonais e então parecíamos com os nômades ciganos. Certo ano, no Dia de Páscoa, houve a chuva anuncia deira de que não haveria nozes.

“Quando em março arrulha a perdiz – ano feliz.”

Levava-se para o pároco um garrafão de vinho, pão-de-ló e moedas de prata.

“Abril frio e molhado, enche o celeiro e farta o gado”, inicia-se com o “Dia das Petas” e

advento punham no lume o cepo do carvalho.]

(§ 39) [Os homens subiram em um platô]

[Previam o tempo indo] [no dia de São Vicente para espreitar os ventos] [com a lumeeira de palha acesa e se eles vinham de cima a inclinar o facho era sinal de fartura.]

[, atearam fogo em gravetos sem deixar que chamejassem e a fumaça subiu linheira em vez de espalhar-se como as águas.]

[Desceram acabrunhados e esperaram o dia de Nossa Senhora da Purificação,] [Na festa da] [Nossa] [Senhora das Candeias,] [da Candelária dizia-se: “Se a Senhora da Luz chorar/Está o inverno acabar./Se a Senhora da Luz rir,/Está o inverno para vir.”] para à noite acenderem suas velas e rogarem mudanças no tempo. [E, neste] [Nesse] [dia] [batizaram os que nasceram mortos] [e os pagãos] [pelos seus padrinhos a] [despejando] [água] [nas su] [as sepulturas] [, nas porteiras dos currais e nos caminhos em cruz.]

arreliavam as crianças para irem amarrar com cordas o vento.

[“Manhãs de abril – boas de andar e doces de dormir.”]

“Fora em um domingo, cinco de abril, que ressuscitou o Redentor da vida entre os mortos e em tal dia se acabará o mundo.”

E o que vi e o meu imaginário criou embaralharam-se. Não sei se presenciei, se me contaram, se li ou sonhei... quando ainda “moira”, sem batismo, a minha avó preocupada com medo que as bruxas me levassem, colocava na cabeceira do berço arruda e embaixo do colchão uma tesoura aberta para elas se afastarem, e me ninava:

“Embala, berço, embala
Com pauzinho de oliveira,
Embala-me esta menina
Que a quero meter freira.”

[O menino] pagão havia de ter um nome –Inácio ou [Custódio] – para que o Diabo não se apossasse de sua alma antes de ser batizado, e eles não podiam pedir a bênção nem fazer o sinal da cruz. Existia um protetor adágio: “Adotar crianças não batizadas dá sorte em casa.”

O medo sempre. Palpável. Das maleitas, das forças da natureza, dos bruxedos, dos desígnios.

À sombra do narcótico trovisco, usado nas pescarias, alguém jogava ofertas de fios, palha, migalhas de pão, um pouco de vinho, dizia três ensalmos e tudo se enredava e lá enganadas as maleitas ficavam. No retorno para

(§ 32) Das pêgas, sempre a procura dos brilhos, reflexos para seus ninhos e dos tordos a lembrar os sabiás desta sua nova habitação. [Das] [“manhãs de Abril,] [–] [boas de andar e doces de dormir.”]

(§ 96) [O menino] [pagão havia de ter um nome –Inácio ou] [demorara a ser batizado e ficou sendo chamado de [Custódio] [, esse era o costume.]

[– para que o Diabo não se apossasse de sua alma antes de ser batizado, e eles não podiam pedir a bênção nem fazer o sinal da cruz.]

casa ouvia:

“Sem nunca olhar para trás, menina, pois, o Deus do [Medo], assalta pelas costas e nunca pelo peito.” Obedecendo, não virei-me para trás, naquela tarde, em que regressava com minha tia, a chorar, do velório de uma velha amiga. Havia assistido ela curvar-se e falar baixinho com a morta, coberta por um véu, entre uma cruz formada por quatro velas acesas. Sabia que ela estava a mandar um recado para a alminha do seu irmão mais querido afogado no mar. Ela me dissera que o mar precisa todos os dias de um fôlego vivo. E fora seu irmão o escolhido naquele dia de pesca na ilha de São Miguel. Minha tia fizera para mim um rosário do “sempre verde”, o sabugueiro, e eu trazia no pescoço para não ser embruxada. Contaram-me que era o “sempre verde” venerado, porque na campa do Senhor fora achado. Usava arruda com seus poderes mágicos, para afugentar os espíritos e a má-tenção.

Certa vez vieram buscá-la para ir curar um doente e eu acompanhei. Ela pusera a arder em braseiro, alecrim, mostarda em grão, raminhos de oliveira e com o fumegante braseiro fez uma cruz no alto por cima do doente e pronunciou este ensalmo: “Assim como Nossa Senhora passou pelo alecrim e o abençoou, assim eu te defumo para te desligar de todo o mal que no teu corpo entrou.” Depois ela mesma jogou as cinzas, na água corredia.

Havia a quadrinha

“[Todas as ervas são bentas

(§ 86) A marcha do meu cavalo-de-campo ampliava-se e o meu rafeiro, pezunho, ficava acuado. Pressentindo. “Quem olha para trás s’assombra”. O [Medo] sobe à garupa da montaria e lhe acompanha na jornada. Não voltava-se para olhar, mesmo que ouvisse relinchos, assovios agudos, sons de cincelos de uma burra-madrinha na guia de comboio, estralar de fogaréu em coivara ou acelero de casco de boi tresmalhado. Era olhar para trás e veria rastos às avessas, trazendo com eles inverso das coisas, o oposto, os contrários.

(§ 35) A peregrinação lunar e a variedade de suas mudanças, os eclipses a privar de luz a Terra [...] da festa das fogueiras e da quadrinha sobre o dia do santo Precursor [“][Todas as ervas são bentas

<p style="background-color: #00FFFF; color: black; padding: 5px;">Na manhã de São João Só o trevo, coitadinho Fica de rastos no chão.]”</p>	<p style="background-color: #00FFFF; color: black; padding: 5px;">na manhã de São João só o trevo, coitadinho fica de rastros no chão.]”</p>
<p>De sete em sete anos, a valeriana, na manhã do Santo Purificador, floresce em talismã e as verbenas se usam para saber dos bons augúrios, dos auspícios. No Dia de São João e no de Todos os Santos, faziam-se magustos nos bosques e montes. O fogo ardia como as das antigas [almenaras] cujo clarão era uma “fogueira de guia” para os que vinham, caminhavam, pela solidão dos [ermos], das landas.</p>	<p>(§ 19) Época em que, ao cair da noite, acendia-se a [almenara], assim era por ele chamada, os fachos acesos, no pátio da fazenda, a fogueira de guia, orientando os viajantes vindos por estes [ermos] despovoados [...] acelerando o medo nos viventes.</p>
<p>“Pelo São João lavra e terás palha e pão.” Na véspera da noite de vinte e quatro de junho, eram atirados, no campo, três pitadas de sal e pedia-se ao Santo que assistisse ao renovo das plantações.</p>	
<p>“Os sete-estrelos vão altos Menina, vá-se deitar: Que eu também farei o mesmo, Que tenho de madrugar.”</p>	
<p>Colhia-se a água de sete fontes, antes de nascer o sol, pois ela continha virtudes:</p>	
<p>Ó meu São João Eu já me lavei, E minhas mazelas No rio deixei. Banho sagrado, Purificador, Lavando os pecados, Limpando o passado.”</p>	
<p>Na época das sementeiras, diziam esta fórmula para afugentar as aves:</p>	

“Passarinhos deixai meu painço
 Que tem fel!
 Ide para o monte
 Que tem mel! ”

Faziam-se monos de palha, espantalhos e homens e meninos postavam-se em vigia abrigados nas eiras pelas crianças de palha. Nos campos, existiam, fincados em um mastro, um chifre de boi para afastar, das plantas e pimenteiras o mau-olhado. Contavam, que só [o]s[Bento]s [dotado] s [de poderes de cura, assim afortunados porque choraram no ventre materno] , escutam dos sobreiros os seus agudos gritos de apelo quando são desnudados de cima a baixo aos nove anos. E que invisíveis, os seres encantados são percebidos somente pelas crianças, pelos cavalos e cachorros.

Falavam das mudanças atmosféricas: “Quando as andorinhas voam por cima das águas, e quase as tocam com as asas é sinal de tempestade de águas e vento.”

“Vento Suão
 Cria palha e grão.”

Vejo pastos de infindos verdes, encostas onde os socalcos cobrem-se de vinhas e, longe, muito longe dali entre vertentes, vi a ria, contida e dócil nos seus veios d’água e nos alagadiços as ervas tenras, o arrozal.

Quando o vento brincava de corrupio nas folhas soltas avizinhava-se o bom tempo: calmaria na terra bonança no mar. Por vezes, o vento chegava das suas cavernas num cicio a segredar nas palhas, nos juncos, choupos,

(§ 23) [Contavam, que só] [Dias antes, chegará] [o] [s] [Bento][s] [,] [dotado][s] [de poderes de cura, assim afortunado, por ter chorado no ventre materno] [.]. [escutam dos sobreiros os seus agudos gritos de apelo quando são desnudados de cima a baixo aos nove anos.]

castanheiros e pinheirais mas o zumbido dos insetos, dos bichinhos alados, a sonoridade dos córregos e levadas não me deixavam escutar suas confidencias. Distante, nas vessadas, nos campos ouvia o cantado aboio, o latir dos rafeiros tangendo o moroso gado para a velha abegoaria.

No outono, época das folhas voarem e pousarem douradas na terra, diziam que El-Rei [D. Sebastião,] o Esperado, viria lá da Ilha Encoberta, [em um dia de] cerração [,] montado [no seu cavalo branco]. Muito antes de d'El-Rei encantar-se em Alcácer-Quibír, um grande cometa havia iluminado os céus. Prenúncio e vaticínio de sangue, de morte, de guerras vindas de novos reinos. Na trilha do cometa extinguiu-se a dinastia Avis.

Contavam sobre ilhas encantadas, ilhas brancas, irreais, à mercê de certos dias de bruma e que só podiam ser doadas aos reis portugueses. Uma delas próxima a Ilha de São Tiago coube a infanta D. Beatriz e muitos dias se passavam sem que ela surgisse aos olhos humanos, só aflorando quando assim desejavam e dispersavam-se as névoas.

Havia eu de ter sonhos e estes logo decifrados: caindo em um abismo sem fim era devido a fase de crescimento. Acordando de pesadelo onde havia cobras, serpentes, era aviso de dinheiro enterrado, já que elas são enfeitiçadas e guardiães de tesouros.

Minha tia-avó, pusera certo dia, na viga mestra da cozinha a folha dura da babosa, e

(§ 48) [No outono, época das folhas voarem e pousarem douradas na terra, diziam que El-Rei] [Foi tia Alma de quem ouvi sobre [...]] [Dom Sebastião] [,] [o Esperado, viria lá] [mas este, tinha ele fé, que] [em um dia de] [bruma] [,] chegaria [montado] [no seu cavalo branco] vindo [da] [sua] [Ilha] [Encantada] [.]

enquanto esta permanecesse verde era sinal de que o filho que emigrara para o Brasil, estava bem, com saúde. Ressoava o provérbio de conformação: “Ninguém pode fugir a sua sina.”

Assisto as tecedeiras, ao acabarem o serão, moverem o caneleiro do tear para espantarem o Tatro, o Bárbaro, o terror, o espírito vindo do nevoeiro. O medo da Coca, uma figura que não se sabia se de homem ou de mulher, com um grande capuz enterrado na cabeça, que surge com seus olhos em brasa, quando se deixa a lareira apagar por não arderem os raizeiros, a carqueja. A luz sempre acesa, em vigília contra as coisas malévolas, que andam noite a fora, na hora do sono, quando ficamos à mercê delas. O [sétimo filho], o “Corredor”, cujo fadário é transformar-se em um esponjadouro, também teme a luz, por isso passa longe das aldeias, mas voltará a forma humana se for varado por um chuço de ponta de bronze.

E a canção que me fazia fechar os olhos e adormecer:

“Ó Papão, vai-te embora

Que a menina não está cá:

Foi para a casa da avó

Sabe Deus quando virá.”

Aprendo [a destravar a língua:]

[Pardal pardo, porque palras?]

Eu palro e palrarei

Porque sou pardal pardo,

Sou palrador de El-Rei.]”

Distraio-me com o jogo do mal-me-quer, bem-me-quer, o jogo do anel, [as cantigas de

(§ 19) Época em que ao cair da noite, acendia-se a almenara [...] orientando os viajantes vindos por estes ermos despovoados, por onde já então corria, como o vento do desespero, o macilento e lendário lobisomem, [o] [sétimo-filho] chegando dos espo[n]jadouro[s] e das sete partidas do mundo, acelerando o medo nos viventes.

(§ 144/5) Custódio dizia que criava quatro meninas ao vê-las [aprenderem] [com] Eugênia] [a destravar a língua:] [“Pardal pardo, porque palras? Eu palro e palrarei Porque sou o pardal pardo, Sou o palrador de El-Rei.”]

(§ 141) [Distraio-me com o jogo do mal-me-quer, bem-me-quer, o jogo do anel,] [Giram ainda nas salas e alpendre] [as

<p>roda]:</p> <p style="padding-left: 40px;">“Senhora Dona Sancha, Coberta de ouro e prata, Descubra o seu rosto Que queremos ver a cara”</p> <p>E contam-me que ela era filha de D. Sancho I, “O Povoador” e que passou sua vida coberta por vestes, véus e seguidoras a acompanharam no recolhimento, recato, devoção, cilícios e jejuns, emparedadas em um convento de altos muros em Alenquer. Dessa Infanta-Santa, além da canção, restam relíquias em um túmulo de ouro e prata, no mosteiro de Lorvão.</p> <p>Certa noite, em que avistei o campo de estrelas no céu, ensinaram-me esta alvíssara:</p> <p style="padding-left: 40px;">“Sant’Iago de Galiza É um cavaleiro forte Quem lá não for em vida Há de ir lá depois da morte.”</p> <p>Os nossos mortos, qual brancas ovelhas, vão rumo ao aprisco pelo caminho sacrossanto das almas e nós mortais em peregrinação, pelas estradas da terra.</p> <p>Uma velha parenta aparecia, sempre na época dos estios, com seus livros, suas histórias, seu [relógio de sol] de nome [Meridiana], suas citações. “Minha Lisboa menina, foi fundada por Ulisses, o herói navegador amigo do Rei dos Ventos e nós, os Lusos, descendemos do Deus do Vinho e por D. João I, pai de D. Henrique, o navegador, o nosso Reino foi consagrado a São Jorge.” Ela costumava dizer umas estâncias, que</p>	<p>cantigas de roda] [...] [“Senhora Dona Sancha”] [/Coberta de ouro e prata,/Descubra o seu rosto/Que queremos ver a cara”]</p> <p>[... Escuto o grito perguntador: -Sapatinho de judeu? – Mão de baixo quero eu! – Mão de cima não dou eu! [...] Frio de quem está longe.]</p> <p>(§ 34) [Trouxera de Portugal um] [relógio de sol] [em madeira, nele havia a palavra] [Meridiana] [talhada em letras góticas e o Lunário Perpétuo lido por ele em voz alta para os de casa, cujos ensinamentos eram de mais serventia para a sua terra do que para este sertão.]</p>
---	---

naquele tempo eu não as entendi, só as decorei.
Hoje, no entanto, soam tão claras:

“Tudo passei, mas tenho tão presente,
A grande dor das cousas que passaram
Que já as freqüências suas me ensinaram
A desejos deixar de ser contente.”

Sentava-se ela no arredondado mocho, sem encosto e contavam-me, que nas lagoas da serra, nos rios, as bruxas transformavam-se em patas e roubavam águas da rega; Certas risadas ouvidas à noite, repentinhas, são elas a petiscar lume. Revelaram-me que lera em um alfarrábio:

“A bruxa nasce – Feiticeira faz-se.”

“As bruxas cumprem um fado que Deus lhe deu.

As feiticeiras agem por arte do Demônio.

As bruxas sofrem metamorfose, tornam-se invisíveis.

As feiticeiras têm o poder de fazer feitiços em questão de amor e são adivinhadeiras.”

As bruxas da Galiza chamam-se Meigas, elas vestem-se de branco e confundem-se com os mortais e com as nuvens. Fora lá, à margem de um rio, que a Virgem deixara suas pegadas assim como os rastros dos Santos-Homens em romaria de ensinamentos de fé e amor pelo mundo, muito antes do tempo em que Santo Agostinho confessava: “...Ó Deus, tão oculto e tão presente...”

A velha gostava de pedras. Dizia que as pedras sem nomes, imensas, velhíssimas, a tudo haviam presenciado desde o Gênesis daí terem

(§ 31) [Falava ele das lendas da vizinha [As bruxas da [Galícia] chamam-se Meigas, elas vestem-se de branco e confundem-se com os mortais e com as nuvens. Fora lá,] próxima do seu Minho, onde] [a Virgem deixara nas pedras à margem de um rio suas santas pegadas][assim como os rastros dos Santos-Homens em romaria de ensinamentos de fé e amor pelo mundo, muito antes do tempo em que Santo Agostinho confessava: “...Ó Deus, tão oculto e tão presente...”]
[; do caminho sacrossanto de Sant'Iago; das “mudanças de habitação” das

emudecido e não mais poderem chorar. Vivências. Estas pedras pararam e deixaram de se encontrar. Tornaram-se marcos desnudados e escarpados, fragas no rumo dos céus, tal qual os marcos deixados pelos descobridores quando chegavam em novas terras e ali erigiam um padrão de pedra com armas de Portugal. Outras metamorfosearam-se em vegetal cobrindo-se de liquens e verdes musgos, umas em rochas com feitios de gigantes, aves, frades, pirâmides, outras preferiram viver submersas no mundo glauco e silencioso das águas, algumas fragmentaram-se pelos caminhos da terra e dos rios e foram chamadas de seixos, pedregulhos, sílex, calhaus. A pedra tem seus fadários e quando lançamos uma pedrinha ao pé de uma cruz a beira dos caminhos nas estradas, a marcar o lugar onde alguém pereceu as transformamos em oração, a perenizar o nosso sentimento de piedade pelos solitários mortos. Já dos espaços desciam a pedra-de-raio e o granizo traídos pelas trovoadas, pelas chuvas e ela afirmava que os deuses trouxeram à Terra os megálitos, os menires, os dólmens, assim também os penedos e o granito para Portugal. Certas pedras tiveram logo nomes como as gemas, as pedras preciosas, que o gelo petrificado, transformara-se no cristal de rocha, e nele os magos vêem nas esféricas, bolas de cristal, a imagem, o reflexo do destino e o caminho de certos homens.

Mas a história da linda moça vinda da Galiza, no séquido de uma Infanta prometida a um príncipe-herdeiro, era a que eu mais gostava

necessidades de pastagens [...] dos sonoros ribeiros e das lagoas das serras onde as patas podiam ser velhas bruxas assim transformadas, para roubarem águas da rega.]

de ouvir. Antes dela iniciar a narrativa citava:

“Oh! Caminho de vida nunca certo,
Que a gente põe sua esperança,
Tenha a vida tão pouca segurança!”

Contava que este príncipe, D. Pedro, neto de D. Dinis o maior trovador do seu tempo, foi tomado de amor não pela prometida, D. Constança, e sim, rendido, apaixonado, pela sua bela dama de nome Inês de Castro. Foi, no entanto, com D. Constança, que o príncipe português casou-se. D. Inês tornou-se comadre do casal envolta assim em um laço de confiança e sagrada intimidade que foi a causa da negativa, do impedimento canônico, alegado pelo papa Inocêncio VI para não autorizar depois de alguns anos o casamento entre os dois enamorados. Antes da infeliz Inês ser assassinada pela trama dos conselheiros do Rei contava que os dois arrostaram o preceito e casaram-se na Igreja de São Vicente. Mas, o que importa foi o amor que os uniu perenizado, por sua história a espera do fim-do-mundo, quando novamente se encontrarão no Dia do Juízo Final.

Citava:

“Onde quer que eu viver,
Com fama e glória,
Viverão teus louvores em memória.”

Havia, há muitos e muitos anos, um capitão do mar, que se apaixonara pela ninfa das águas e por ela fora enganado. Sem esperança, transformara-se em um gigante de nome Adamastor, a guardar as águas, a desafiar os navegadores com bramidos de voz vindos do mar arcano do Tormentória. Ocultava-se nas

brumas e espumas por castigo de ter sido crédulo e confiante no seu amor. “(Que é grande dos amantes e cegueira)”. Tornou-se insano e vingativo a provocar tormentas, naufrágios aos que ousavam aventurar-se a devassar o longínquo mar de breu, o recife igual a um penedo gigantesco de seis léguas além do cabo Borjador, do temido refrão: “Quem passar o cabo Não, voltará ou não.” Mas o gigante fora mais uma vez logrado, subjugado, domado e suas mágoas afogaram-se no Tempo. No lugar onde ele atemorizava: “O vento dorme, o mar e as ondas jazem.” Por vezes sobrevoavam avezinhas de tristíssimos pios, as “almas de mestre”, que alertam aos capitães de navios sobre tocaias das tormentas e da tromba marinha.

Mas nem só de tristes amores “temperados com árduo sofrimento” ela sabia. Contava-me sobre o poderio e fausto mulçumano quando um poderoso califa mandara fazer para sua amada uma tapeçaria, que afastasse dos seus sentidos, os rigores do inverno, do frio vento que descia das faldas das montanhas, da neve que cobria aquele distante reino. A primavera brotava na tapeçaria pelas flores, frutas e folhagens tecidas com incrustações de rubis, safiras, jade, topázios, esmeraldas. Havia passeios em filigranas, riachos em pérolas, céus de lápis-lazúli a espreitar-se em arco-íris de opalinas e a noite, os diamantes engastados brilhavam como estrelas. Em volta da tapeçaria havia iluminuras bordadas e tecidas em ouro e prata com poemas de amor de Antar, o poeta

árabe, lendário, anterior ao Islamismo, que revelava: “Quando Allah quer bem a um de seus seguidores, abre para ele as portas da Inspiração.”

Narrava sobre um rei português, o Conquistador, avô da infanta-santa, D.Sancha, que em guerra com os Sarracenos, em 1139, fez um contrito apelo que atravessa os séculos, para que Cristo surgisse e evitasse o morticínio daquelas cento e cincuenta mil almas, prostradas, em Ourique: “Aos infiéis, Senhor, aos Infiéis. E não a mim que creio o que podeis.”

Dos milagres do Menino Jesus e da Virgem que deram aos portugueses vitórias contra a corte espanhola nas batalhas em Miranda do Douro onde o próprio Menino apareceu incutindo-lhes coragem, e em Aljubarrota foi um pedido, um rogo feito por D. João, Mestre de Avis à Virgem, já que os soldados de castela eram em número muitas vezes maior. Contava-me sobre o infante D. Fernando, irmão de D. Henrique, o navegador, quando ambos partiram para a conquista de Tanger e foi seu exército derrotado pelos mouros. Estes então resolveram que um dos dois príncipes ali ficasse como refém-prisioneiro até Portugal entregar novamente ao domínio sarraceno, o antigo território deles, a cidade Ceuta. Os irmãos sabiam que isto jamais aconteceria pois os soberanos da Europa não deixariam que assim agisse Portugal. D. Fernando persuadiu D. Henrique a partir dizendo-lhe da sua importância para os

portugueses no seu devotamento às descobertas marítimas. E ficou o moço D. Fernando, naquele deserto, sabendo os irmãos ao se despedirem do tristíssimo sacrifício que ao Infante se impunha. Ao passar dias depois, acorrentado pelos povoados árabes de Tânger a Fez, D. Fernando, era alvo de escárnio, pedradas, execrado com palavras e muitos queriam matá-lo, ele representava Portugal, o invasor. Viveu a sua vida carregado de ferros, todo ferido, açoitado, quase nu, a limpar estrebarias do sultão até ser encerrado e martirizado quinze meses em um escuro e imundo cárcere, quase sempre ajoelhado pedindo a Deus misericórdia. Já calejado os joelhos, deformado, foi por fim escutado em suas preces. Depois de morto tiraram suas vísceras, o penduraram pelos pés nas ameias dos muros para ainda ser execrado. Houve festa de quatro dias em regozijo. E esta foi a triste história que o frei João Álvares, ao voltar resgatado, para Portugal, relatou aos irmãos, à corte, sobre o que padeceu o Infante – Santo D. Fernando, assim mais tarde conhecido por todo o reino. Já seu irmão, D. Henrique protegido por sua boa-estrela fazia partir de Sagres, suas caravelas em descobertas épicas e as Plêiades foram as estrelas de seus navegadores.

Minha contadora de histórias baixava o tom de voz ao me falar sobre a mística chama azulada, o Fogo de Sant’Elmo, que descia dos céus nas tempestades ao pairar no mais alto dos mastros protegia homens e naufrágios.

Lembro-me da emoção e fascínio que ela transmitia, ao me contar sobre Rolando, o mais querido dos Paladinos dos Francos, cujo amor por uma bela princesa pagã, de Catai, o levou à loucura. Possuía ela um anel que a tornava invisível e possuía o segredo do poder de cura das ervas. Rolando descobriu que a princesa amava outro homem quando ao atravessar uma floresta viu escrito no tronco de uma faia, o nome dela, e o sarraceno Medoro, e em árabe poemas de amor da princesa para seu escolhido gravados nas pedras. Por este amor não correspondido, Rolando esqueceu seus deveres para com Deus e seu tio, o rei Carlos Magno. O céu o castigou privando-o da razão. Seu fado era por onde passava, furioso, matar homem e animais. Os cavalos sucumbiam por ele os fazer correr dia e noite e sua força era redobrada por estar insano. Nas aldeias, tocavam a rebate os sinos das igrejas e as pessoas assim avisadas recuavam atemorizadas.

Mas na Abissínia, o reino de Preste João, Astolfo amigo de Rolando ao livrar da corte o assalto das harpias, tangendo-as para as profundezas de uma caverna que levava ao interior da Terra, encontrou-se com o profeta Elias e sobre o fadário de Rolando conversaram. O profeta lhe revelou: “Quando alguém na Terra perde o juízo este sobe para a região da Lua em forma de fino nevoeiro. Ali fica guardado em frasco, vasos, as malogradas inteligências dos Homens, até que chegue o dia de ser restituído, mas as mais das vezes fica ali, até que o dono

esteja morto.” Soube Astolfo que na Lua estava tudo que na Terra se tinha desperdiçado: “as horas perdidas, as ocasiões desaproveitadas, os votos quebrados, as orações não oferecidas a Deus.” Por especial mercê, Astolfo recuperou para Rolando sua Razão e bastou que este aspirasse profundamente o jarro onde estava seu nome, para seu juízo, sua inteligência tornar. Rolando desde então esqueceu todo o amor pela princesa e retornou a corte de seu imperador Carlos Magno, onde continuou a ser o mais corajoso dos pares do reino. Em sua batalha, Rolando sentindo que fora ferido de morte deitou-se por cima de sua espada “Durindana”, de inesquecíveis conquistas, para ninguém dela se apossar e levou a boca seu olifante de marfim enchendo o ar com seu clamor... Muito longe, o imperador escutou os clementes sopros de socorro. Foram em vão estes apelos, pois Rolando neste último esforço morreu engolfado no seu próprio sangue. Sua Durindana encontrase guardada nas ruínas de uma igreja portuguesa.

Recordo-me dela me alertar sobre as “[horas-abertas]” do meio-dia, meia-noite, pelas Trindades. Horas em que as pedras se deslocam, os doentes pioram, horas das miragens. Hora dos “demônios meridianos”, [em que Pã] repousava e calava sua seringue e até o vento era tão leve que fazia os caniços e juncos emudecerem.

“Nem de noite, nem de dia,
Nem ao pino do meio-dia.”
“O sol, quando nasce, é rei.
Ao meio-dia, é morgado.

(§ 5) Meu dono falou aos homens sobre esta [“] [hora aberta] [”], a meridiana, hora sem defesa em que os demônios do meio-dia libertam-se. Hora grave de ameaças já que pragas e rogos são atendidos pelos céus. Nesta sexta-hora, lenta em que pedras deslocam-se, acontecem as contendas entre os ventos, os remoinhos que bruscos arrebatham folhas e poeira elevando-os em espiral só detendo-se diante das soleiras das casas. [Há de se fazer sesta nesta] hora [dos “demônios meridianos”,] [em que Pã]

<p style="text-align: center;">De tarde está doente A noite está sepultado.”</p>	<p>adormecia [.] [e calava sua seringue e até o vento era tão leve que fazia os caniços e juncos emudecerem.] [silenciavam as avenas e os deuses silvestres repousavam das fadigas da caça.]</p>
<p>Admoestava: “Menina, não durma de barriga para o ar pois Fradinho da Mão Furada com sua carapuça encarnada que o faz invisível, entra pelo buraco da fechadura dos quartos nas altas horas da noite. Ele tem mão pesada e põe por cima do nosso coração, nos impedindo de gritar e nos trazendo então os pesadelos.”</p>	
<p>Aconselhava-me: Tenha cuidado com você, pois a vida é uma chama. Não entregue ela a ninguém. Deixe-a ficar em local recôndito, secreto.</p>	
<p>A minha vida está protegida na Pedra Amarela onde o sol a faz dourada para portugueses e espanhóis, à margem do Douro. Quando entregamos a nossa vida a alguém, pode-nos acontecer de nos finar em melancolia.</p>	<p>(§ 4) [Na soleira, como na] pedra d[e] ara [Se queres um dia ter filhos não toques na sagrada e] [dos altares, as mulheres não deveriam tocar para não secarem a madre, tornarem-se] [estéreis.]</p>
<p>Se queres um dia ter filhos não toques na sagrada e estéril pedra d'ara.</p>	
<p>Não deixes que desalojem os pombos de tua casa.</p>	
<p>E, com estas advertências, se punha em busca dos caminhos, com seu xale trançado, levando seus pensamentos qual poalha de luz a me envolver de fábulas, lendas, mitos e fatos reais, estes bem mais singulares e mágicos que os criados pelo imaginário. Ela me fazia sentir que o pensamento era alado.</p>	
<p>E chega Agosto, de céu escampo e do mais belo luar. Dia 24 de agosto, aziago: “Em dia de São Bartolomeu tem o demo uma hora de seu.” Dias depois predizia-se: [“Chuva fina por</p>	<p>(§ 132) O Bisneto dissera ao abraçar a prima, mãe do viúvo: [“Chuva fina por Santo Agostinho, é como se chovesse</p>

Santo Agostinho, é como se chovesse vinho.”]

Surge agora a lua nova a carregar o fado de jamais trazer com ela os raios de luar. A ela se mostra dinheiro em prata e se diz três vezes:

“Deus te salve, lua nova

Clara e resplandecente,

Quando vieres de outra vez,

Traze-me desta semente.”

Aprendi que a lua exercia domínio sobre as aves brancas, as águas, a prata e por ser feminina tem mudanças de fases. Todas as vezes que as pontas da lua estiverem para onde o sol nasce será lua nova (crescente), se estiverem para onde o sol se põe será lua velha (minguante).

“Lua crescente pontas ao oriente

Lua minguante pontas adiante.”

“E que toda cousa, que se houver de colher para guardar, tosquiitar ou castrar, cortar, podar ou roçar se deve fazer no minguante da lua.”

Em “Setembro o Maio do outono,” vejo-me debruçada em uma massa de toalha branca com açafates de flores. Depois, em um quarto com nichos e oratórios com o Senhor da Cinco Chagas, santos, cachos de cabelo, relíquias, ramos secos, fitas. Ouço a salmodia das mulheres em orações. Persiste o cheiro do incenso e dos tocos das velas com a sua luz mortiça.

Na casa da minha madrinha, aprendi a por na roca para fiar a porção de linho, a estriga, e a puxá-la fazendo o fuso pular à luz da candeia pendurada, que dançava com o vento,

vinho”] [, e ambos sorriram no longo abraço, [...] conversaram longamente.]

(§ 55/6) [Tia Alma ensinara aos sobrinhos e

assombrando as paredes de pedra. Depois que eu rezava para dormir: “Com Deus me deito, com Deus me levanto,” minha madrinha dizia-me com voz branda:

“Quem esta oração disser

Quando se for deitar

E quando se alevantar

Ainda que os pecados sejam tantos

Como as ervinhas dos campos

Como as areias do mar,

O Senhor há-de perdoar.”

No teto de despensa, pendurada, havia uma pele de lobo a lembrar-me inverno, noite e pastores, estes com seus pífanos, a venerarem São João Batista e a dizerem na sua festa de nascimento, com devoção:

“São João, chora, chora

Lágrimas de prata fina,

Por lhe fugir o cordeiro

Por aquela serra acima.”

Em uma noite estrelada, escuto o canto do melro. Em um dia de sol, ouço a calhandra tão doce e assustadiça. Vejo as pêgas sempre a procura de brilhos, reflexos para seus ninhos, os tordos com suas ruças manchas. E assim arrodeei penedos, vi o milhafre de nome minhoto, charruas com seu sonido metálico, as parelhas de bois jungidos, ermidas desgarradas cobertas de heras, um velho chafariz à beira da estrada – real a chorar “as lágrimas das coisas.”

Perto de uma Quinta, árvores mal-assombradas, como a figueira, mudam-se de lugar no meio da noite e ao alvorecer, voltam

afilhados a oração que aprendera menina com sua mãe:] [Depois que eu rezava para dormir: “Com Deus me deito, com Deus me levanto,” minha madrinha dizia-me com voz branda:]

[“]Quem esta oração disser

Quando se for deitar

E quando se alevantar

Ainda que os pecados sejam tantos

Como as ervinhas dos campos

Como as areias do mar,

O Senhor tudo há-de perdoar. [”]

sem que se perceba, para o lugar de origem. Vejo os extensos pinheiros e lembro-me do que li: “Diz-se que o El-Rei D. Dinis, também conhecido como “O Lavrador”, mandara plantar o pinheiral de Leiria para a mastreação das futuras caravelas.”

Assisti a rosemunhos de vento, trazendo no bojo, ao meio-dia, quando os anjos cantam hosanas, um ar-ruim com seus desmandos. Gritava-se: “aqui tem Maria” e o vento rodador dispersava-se e sumia. Aconselham-me que nesta hora não é bom ficar debaixo da figueira, pode vir um arejo sem cura, um ramo – estupor. De cor sei a oração popular:

“Borborinho do pecado
Vai-te com Santiago
Borborinho do Demônio
Vai-te com Sant’antonho.”

Havia época em que o rio tinha sono e dormia, gelado, parado, sem correr, sem cantar. Não se bebia água dos córregos, dos ribeiros, antes do nascer do sol, sem antes atirar pedrinhas para acordar a água. Quando o rio despertava no verão, eu via pescarem, com a chumbeira de malha fina, a lembrar uma saia rodada cosida na cintura e nela ficavam presos os peixinhos de prata. Temia-se o tabu do reflexo: “Não se deve mirar o espelho das águas para a alma não ser transportada. Muitos anos depois, um mago escritor, um “prestidigitador da palavra” transportou-me: “Os homens nunca sabem para que nascem. Os rios, como os homens, só perto do fim, vêm a saber para que nasceram.”

Lembro-me do silêncio da espera do pouso dos passarinhos na varinha de choupo, coberta de visco e grãos, do instante de ele bicar, e já trêmulo na chave da minha mão, com asas grudadas, sem poder mais voar, e sua assustada mansuetude.

Meus passos se amortecem. Caminho sobre folhedos. Vem-me a cantiga triste da *menina*:

“Se passares pelo adro
no dia do meu enterro
dize à terra que não coma
as tranças do meu cabelo.”

Havia de se fazer “As Têmportas de santa Luzia,” em dezembro, e neste jejum se sabia o prognóstico, a confirmação do tempo do ano vindouro.

Minha primeira sensação de estranho alvoroço, na festa com gaitas, danças. As Maias, com seu mastro enfeitado de grinaldas, fitas e oferendas de flores e frutas. Luzes. Sou vestida de anjo com coroa de rosas no cabelo e asas de giestas.

Bons fados... Havia em torno de mim tepidez e aconchego de ninho. Mas... cresci, viajei pelas 7 partidas do mundo, passei pelos 7 adros, 7 vilas acasteladas, 7 outeiros, 7 montes, 7 encruzilhadas e tantos foram os caminhos trilhados, que nem eu mesma sei hoje por onde andei ou pousei. Talvez por ter-me banhado no Rio Lima, do Minho, que produz o esquecimento.

A única coisa que despertaria este meu

(§ 52/3) [Dizia que este mister aprendera menina, na sua terra de flores e frios, onde cantava baixinho para sua mãe não se entristecer e mandá-la calar-se:] [Vem-me a cantiga triste da *menina*:]

[“Se passares pelo adro
no dia do meu enterro
dize à terra que não coma
as tranças de meu cabelo.”]

(§ 22) Mais tarde correu em fuga [a] [s] [estrela] [s] [cadente] [s] [,] de ninguém

<p>encanto seria novamente escutar o som daquela voz. A mesma, que lia o Lunário Perpétuo, a pedir a São Jerônimo e Santa Bárbara que nos protegessem das trovoadas, e dizia “Deus te guie”, quando as estrelas cadentes, [as lágrimas de São Lourenço,] desciam dos céus.</p>	<p>escutei e vi o [“Deus te guie”] e o sinal da cruz, antes dela pegar de vez seu rastro de luz ao se exalar no infinito. (§ 34) Aprendíamos com ele por suas histórias sobre os Santos do Dia, das estrelas cadentes que eram [as lágrimas de São Lourenço,] morto em braseiro de fogo ardente.</p>
<p style="text-align: center;">“O rumor antigo conta” Camões</p>	
<p style="text-align: center;">Natércia</p>	

Constatamos, com essa tabela, que a autora não utilizou no romance vários trechos contidos em “Infância no Minho”, e praticamente todos aqueles que permaneceram sofreram alguma alteração: acréscimos, mudança na ordem do período ou supressão. Seguem os exemplos:

(§ 48, [p. 79]) [No outono, época das folhas voarem e pousarem douradas na terra, diziam que El-Rei] [Foi tia Alma de quem ouvi sobre [...]] [Dom Sebastião] [,] [o Esperado, viria lá] [mas este, tinha ele fé, que] [em um dia de] [bruma] [,] chegaria [montado] [no seu cavalo branco] vindo [da] [sua] [Ilha] [Encantada] [.]

(§ 5, p. [89/0]) [Há de se fazer sesta nesta] hora [dos “demônios meridianos”,] [em que Pã] adormecia [,] [e calava sua seringue e até o vento era tão leve que fazia os caniços e juncos emudecerem.] [silenciavam as avenas e os deuses silvestres repousavam das fadigas da caça.]

Notamos que os acréscimos ocorreram em maior número e trouxeram uma característica particularizadora do discurso da autora; as explicações sobre os fatos ocorridos na narrativa, fator que nos remete à busca pela veracidade do texto.

(§ 39, [p.74]) [Os homens subiram em um platô] [Previam o tempo indo] [no dia de São Vicente para espreitar os ventos] [com a lumeeira de palha acesa e se eles vinham de cima a inclinar o facho era sinal de fartura.]

[, atearam fogo em gravetos sem deixar que chamejassem e a fumaça subiu linheira em vez de espalhar-se como as águas.] [Desceram acabrunhados e esperaram o dia de Nossa Senhora da Purificação,] [Na festa da] [Nossa] [Senhora das Candeias,] [da Candelária dizia-se: “Se a Senhora da Luz chorar/Está o inverno acabar/Se a Senhora da Luz rir/Está o inverno para vir.”] para à noite acenderem suas velas e rogarem mudanças no tempo. [E, neste] [Nesse] [dia] [batizaram os que nasceram mortos] [e os pagões] [pelos seus padrinhos a] [despejando] [água] [nas su] [as sepulturas] [, nas porteiras dos currais e nos caminhos em cruz.]

(§ 52/3, [p. 94]) [Dizia que este mister aprendera menina, na sua terra de flores e frios, onde cantava baixinho para sua mãe não se entristecer e mandá-la calar-se:] [Vem-me a cantiga triste da menina:]

[“]Se passares pelo adro
no dia do meu enterro
dize à terra que não coma
as tranças de meu cabelo. [”]

Com a leitura dos dois textos, concluímos que a redução da temática da cultura portuguesa cede lugar à exploração da cultura sertaneja. Com isso, Natércia necessita criar um texto mais explicativo para enfatizar o surgimento e o enraizamento dos costumes.

Outro fato importante é a mudança de focalização da narrativa, como no exemplo abaixo:

[p.80] [Aprendo] [a destravar a língua:]

[“]Pardal pardo, porque palras?
Eu palro e palrarei
Porque sou pardal pardo,
Sou palrador de El-Rei.[”]

(§.144/5, [p.80]) Custódio dizia que criava quatro meninas ao vê-las [aprenderem] [com Eugênia] [a destravar a língua:]

[“]Pardal pardo, porque palras?
Eu palro e palrarei
Porque sou o pardal pardo,
Sou o palrador de El-Rei.[”]

O discurso em primeira pessoa tornava o texto pessoal, biográfico. Para sua recriação no romance a narrativa passou por um distanciamento, prova disso é a mudança de foco narrativo, o discurso surge agora em terceira pessoa.

As mudanças verbais ocorreram em virtude da modificação de foco, e as inversões de períodos foram feitas para adaptar o texto aos acréscimos e às supressões.

Depois da comparação entre os textos, podemos concluir que a criação do romance ocorreu através do aprimoramento das leituras, principalmente das obras de Câmara Cascudo³⁹ e Oswaldo Lamartine.

As pesquisas e explicações, para buscar um registro preciso das tradições sertanejas e da colonização cearense, não caberiam em um texto tão condensado como eram os das três narrativas. Como resultado dessa série de transformações em todos os níveis da estrutura textual, tivemos a criação de um romance premiado e reconhecido pelo público.

Passaremos à análise da tabela que coteja “O Rasto” com o romance *A Casa*. Utilizaremos a legenda de cores para indicar os processos de:

[■] acréscimo;

[■] supressão;

[■] substituição;

[*] rasura;

[↑] acréscimo na entrelinha superior.

Como os textos são praticamente idênticos, não grifamos de azul as semelhanças, pois iria prejudicar o destaque das outras cores.

A versão IV, escolhida por ser a mais elaborada, não contém título, portanto é identificada, pela autora, como III (manuscrito a tinta vermelha).

³⁹ Dicionário do Folclore Brasileiro e Civilização e Cultura.

III	<i>A Casa (1999)</i> [III]
	[Novamente ouvi à luz de lamparinas, agora na voz suave de uma mulher, na noite em que o Bisneto deitado na sua rede branca no alpendre, fitava o firmamento:]
<p>Lá para os confins do Reino-das-Pedras, escondido pelas furnas escarpadas de Acauã, ele nascera. A mãe notara que o menino, desde os primeiros passos, pisava tão leve a causar-lhe sempre susto, quando sua sombra dela se acercava. Costumava dizer que ele não deixava rastro no chão, como se seus pés fossem forrados de algodão [*mocó] ou pena de pássaro.</p> <p>Não deixava vestígio nem direção do rumo. Lembrava o pai, cigano, que com ela vivera pouco, só o tempo para resguardar-se de algo que o perseguia. Tinha aquele intuições estranhas, vivendo sempre alerta ao menor rumor.</p> <p>Havia sumido em direção às distantes rochas no bafo morno de certa tarde, deixando nela um filho e histórias de bichos, de bruxedos e de outros reinos.</p> <p>O menino crescera, aprendendo com ela a viver do mato e trouxera de nascença o dom e a experiência de um rastejador. Arrancava o seu sustento da caça miúda, que ele desentocava onde ela se escondesse, dentro dos grotões, dos cerrados, das moitas do úmido olheiro, dos lajedos, das gargantas</p>	<p>[+] Lá para os confins do Reino-das-Pedras, escondido pelas furnas escarpadas de Acauã, ele nascera. A mãe notara que o menino, desde os primeiros passos, pisava tão leve a causar-lhe sempre susto, quando sua sombra dela se acercava. Costumava dizer que ele [mal] deixava rastro no chão, como se seus pés fossem forrados de algodão [*mocó] ou pena de pássaro. [§] Não deixava vestígio nem direção do rumo. Lembrava o pai, cigano, que com ela vivera pouco, só o tempo para resguardar-se de algo que o perseguia. Tinha aquele intuições estranhas, vivendo sempre alerta ao menor rumor.</p> <p>Havia sumido em direção às distantes rochas no bafo morno de certa tarde, deixando nela um filho e histórias de bichos, de bruxedos e de outros reinos.</p> <p>O menino crescera, aprendendo com ela a viver do mato e trouxera de nascença o dom e a experiência de um rastejador. Arrancava o seu sustento da caça miúda, que ele desentocava onde ela se escondesse, dentro dos grotões, dos cerrados, das moitas do úmido olheiro, dos lajedos, das gargantas</p>

<p>de serra alcantilada e das lapas de pedra.</p> <p>Era capaz de tirar um rasto de bicho de pisada leve, ao esmiuçar a terra ressequida, as folhas secas, a tora carcomida de árvore, gravetos partidos e, nos ramos altos, quando a caça era graúda, ele levantava o rosto, a rastejar no ar.</p> <p>O menino, só de olhar as apagadas depressões do chão sabia qual o roedor que ali passara. Conhecia pelas pequenas pegadas que a cotia já deixara o oco do pau, a procura das sementes e frutos caídos das árvores. Seguia as veredas e, nas folhas amassadas, nos talos verdes esfregados, descobria a presença do tatu-bola ali perto em algum buraco no chão. Surpreendia-lhe a defesa do bicho quando o agarrava e este se embolava semelhando um coco.</p> <p>No prenúncio de alguma chuva, o tejuáçu desentocava-se e, nas ramagens por onde passava arisco, ao pressentir o menino, deixava marcas com o chicotear brusco da cuada, a correr desabalado na hora aberta do sol a pino. Às vezes, pensava que aqueles bichos já o esperavam inteiriçados de medo.</p> <p>Os pezinhos dos calangos deixavam, na areia, um rastro igualzinho à marca em cruz de Santo André, também existente nas moedas, que a mãe possuía.</p> <p>As aves canoras, ele as protegia e nunca as matava nem as prendia. Não possuía nem um arremedo de nambu, só caçava bicho do chão.</p>	<p>de serra alcantilada e das lapas de pedra. [§]</p> <p>Era capaz de tirar um rasto de bicho de pisada leve, ao esmiuçar a terra ressequida, as folhas secas, a tora carcomida de árvore, gravetos partidos e, nos ramos altos, quando a caça era graúda, ele levantava o rosto, a rastejar no ar.</p> <p>O menino, só de olhar as apagadas depressões do chão sabia qual o roedor que ali passara. Conhecia pelas pequenas pegadas que a cotia já deixara o oco do pau, a procura das sementes e frutos caídos das árvores. Seguia as veredas e, nas folhas amassadas, nos talos verdes esfregados, descobria a presença do tatu-bola ali perto em algum buraco no chão. Surpreendia-lhe a defesa do bicho quando o agarrava e este se embolava semelhando um co[^]co.</p> <p>No prenúncio de alguma chuva, o tejuáçu desentocava-se e, [no chão] por onde passava arisco, ao pressentir o menino, deixava marcas com o chicotear brusco da cuada, a correr desabalado na hora aberta do sol a pino. Às vezes, pensava que aqueles bichos já o esperavam inteiriçados de medo.</p> <p>[§] Os pezinhos dos [lagartos] deixavam, na areia, um rastro igualzinho à marca em cruz de Santo André, também existente nas moedas, que a mãe possuía. [§] As aves canoras, ele as protegia e nunca as matava nem as prendia. Não possuía nem um arremedo de nambu, só caçava bicho do chão.</p>
--	--

<p>Receava o pássaro-preto, a quem “a morte confia segredo”... assim lhe dissera sua mãe e sabia, ao escutar o canto do anum, ser anúncio de seca e desgraça.</p> <p>Tinha o menino medo das aves agoureiras e gritonas, que se lamentavam de dor, solitárias e tristes em noites escuras. Aquele canto monótono, a trespassar o negrume das hora mortas, sempre o desnorteava, pois jamais encontrara seus ninhos e pousos.</p> <p>Não gostava quando via desbastarem a mata, no preparo do aceiro, sinal de que iam atear o fogo, afugentador da caça com sua quentura, fumaça e cinzas. Ouvia de longe, na fornalha das coivaras, os guinchos [do pequeno pixuna] e assobios finos dos sonhins, comedores de resina de angico, que endoideciam com o calor. Aos escutá-los, imaginava que talvez a caipora, guia-da-caça, soltasse também seus assobios agudos, enfurecida com os homens e suas labaredas de fogo.</p> <p>Na queima da mata, crestavam-se, dentro dos velhos ocos de paus, os favos de mel das abelhas jandaíra e tubiba, de que ele e a mãe se regalavam até se enjoarem.</p> <p>Mãe e filho só possuíam, como vigia e alertador, um papagaio, a se esganiçar estridente ao perceber algum desconhecido se aproximar da lomba do cerro, onde se equilibrava a casa de duas águas. O menino recordava-se do dia, em que a mãe cortara a maniçoba, de onde escorrera o leite</p>	<p>Receava o pássaro-preto, a quem “a morte confia segredo”... assim lhe dissera sua mãe e sabia, ao escutar o canto do anum, ser anúncio de seca e desgraça. [§] Tinha o menino medo das aves agoureiras e gritonas, que se lamentavam de dor, solitárias e tristes em noites escuras. Aquele canto monótono, a trespassar o negrume das hora[s] mortas, sempre o desnorteava, pois jamais encontrara seus ninhos e pousos.</p> <p>Não gostava quando via [derrubarem] a mata, no preparo do aceiro, sinal de que iam atear o fogo, afugentador da caça com sua quentura, fumaça e cinzas. Ouvia de longe, na fornalha das coivaras, os guinchos [do pequeno pixuna] e assobios finos dos sonhins, comedores de resina de angico, que endoideciam com o calor. Aos escutá-los, imaginava que talvez a caipora, guia-da-caça, soltasse também seus assobios agudos, enfurecida com os homens e suas labaredas de fogo. [§] Na queima da mata, crestavam-se, dentro dos velhos ocos de paus, os favos de mel das abelhas jandaíra, [cupira, moça branca] e tubiba, de que ele e a mãe se regalavam até se enjoarem.</p> <p>Mãe e filho só possuíam, como vigia e alertador, um papagaio, a se esganiçar estridente ao perceber algum desconhecido se aproximar [do alto] [do cerro], onde se equilibrava a casa de duas águas. O menino recordava-se do dia, em que a mãe cortara a maniçoba, de onde escorrera o leite</p>
--	--

visguento que ela aquecera no fogo e espalhara em finas varinhas. Os dois entraram no interior da mata e a mãe espalhara as varinhas perto dos troncos no mormaço da tarde, melhor hora de livrarem-se do ataque das abelhas arapuá e ali ficaram de atalaia. Lembrava-se ainda do instante em que o pequeno e arisco papagaio se aproximara, pisando no visgo e do seu debater-se aflito ao sentir-se preso. Cada vez que o bichinho procurava soltar-se, fazendo tentação de voar, mais suas asas grudavam-se no leite pegajoso. A mãe não o criara em cativeiro e sim solto pelo terreiro, de asas sempre aparadas, como ela fazia com os cabelos do filho.

O menino crescera desbotado, terroso, a camuflar-se por entre as fendas e pedras confundindo a caça. Tinha astúcia e guardava grandes silêncios, assemelhando-se aos bichos, que rastejavam naquele cerrado de piçarra.

No trato com outros viventes, era como animal esquivo, guardava-se, desconfiado, semicerrando ainda mais a fresta dos olhos apagando-se. No entanto, a sós com a mãe, dava descanso ao alerta dos sentidos e unicamente a ela franqueava seu mundo de cautelosos limites.

Com a mãe, saía no amiudar do galo pelas sendas e picadas das capoeiras, na tocaia de algum bicho bom de carne e de couro. Levavam eles fumo de rolo, a faca de

visguento que ela aquecera no fogo e espalhara em finas varinhas. Os dois entraram no interior da mata e a mãe espalhara as varinhas perto dos troncos no mormaço da tarde, melhor hora de livrarem-se do ataque das abelhas arapuá e ali ficaram de atalaia. Lembrava-se ainda do instante em que o pequeno e arisco papagaio se aproximara, pisando no visgo e do seu debater-se aflito ao sentir-se preso. Cada vez que o bichinho procurava soltar-se, fazendo tentação de voar, mais suas asas grudavam-se no leite pegajoso. A mãe não o criara em cativeiro e sim[.] solto pelo terreiro, de asas sempre aparadas, como ela fazia com os cabelos do filho.

O menino crescera desbotado, terroso, a camuflar-se por entre as fendas e pedras confundindo a caça. Tinha astúcia e guardava grandes silêncios, assemelhando-se aos bichos, que rastejavam naquele cerrado de piçarra. [§] No trato com outros viventes, era como animal esquivo, guardava-se, desconfiado, semicerrando ainda mais a fresta dos olhos apagando-se. No entanto, a sós com a mãe, dava descanso ao alerta dos sentidos e unicamente a ela franqueava seu mundo de cautelosos limites.

Com a mãe, saía no amiudar do galo pelas sendas e picadas das capoeiras, na tocaia de algum bicho bom de carne e de couro. Levavam eles fumo de rolo, a faca de

ponta, o “artifício” para provocar a faísca e acender o fogo, o pó de café, a rapadura e a água na cabaça de colo, de “gogó” alto, onde era amarrada a embira para melhor carregá-la.

Era a mãe que trazia, pendurada no ombro, a espingarda “de carregar pela boca” e, no badaneco de couro, os apetrechos das arma.

Quando o sol principiava a clarear, esquentando as pedras, eles já haviam vistoriado as armadilhas nas capoeiras. Encontravam, nos quixós enterrados na terra, os assustadiços preás, os mocós e as cutias de unhas cortantes e duras como cascos.

No laço do relho, atado à vara reforçada e curvada, às vezes, amanhecia preso pelo pescoço, o gato-do-mato.

Não usava mundéus, pois a laje pesada, ao desabar, esmagava a caça inutilizando as peles, que perdiam muito do seu valor.

Menino, ouvira dela a recomendação de que, ao se deparar com alguma cobra, invocasse São Bento e esta ficaria presa, paralisada, mesmo que instigada pela maldade estivesse enrodilhada e de bote armado.

Mãe e filho compartilhavam do mesmo temor pelas cobras e o pernoite no matagal, forrado de folhas secas e cipoal fechado ou próximo à[s] pedras do [serrotes], os fazia apurar na escuta do chocalho da cascavel, anúncio certo de morte, a rastejar sinuosa pela terra.

acender o fogo, o pó de café, a rapadura e a água na cabaça de colo, de “gogó” alto, onde era amarrada a embira para melhor carregá-la. [§] Era a mãe que trazia, pendurada no ombro, a espingarda “de carregar pela boca” e, no badaneco de couro, os apetrechos das arma.

Quando o sol principiava a clarear, esquentando as pedras, eles já haviam vistoriado as armadilhas nas capoeiras. Encontravam, nos quixós enterrados na terra, os assustadiços preás, os mocós e as cutias de unhas cortantes e duras como cascos.

No laço do relho, atado à vara reforçada e curvada, às vezes, amanhecia preso pelo pescoço, o gato-do-mato.

Não usava mundéus, pois a laje pesada, ao desabar, esmagava a caça inutilizando as peles, que perdiam muito do seu valor.

Menino, ouvira dela a recomendação de que, ao se deparar com alguma cobra, invocasse São Bento e esta ficaria presa, paralisada, mesmo que instigada pela maldade estivesse enrodilhada e de bote armado.

Mãe e filho compartilhavam do mesmo temor pelas cobras e o pernoite no matagal, forrado de folhas secas e cipoal fechado ou próximo à[s] pedras do [serrotes], os fazia apurar na escuta do chocalho da cascavel, anúncio certo de morte, a rastejar sinuosa pela terra.

cascavel, anuncio certo de morte, a rastejar sinuosa pela terra.

A mãe dissera-lhe que as cobras velhas possuíam vários guizos a se denunciarem de longe, trazendo terror aos homens e bichos, pois, quando não os matava, os deixava cegos ou aleijados. Contara-lhe que as cobras quando iam beber água, deixavam o veneno oculto para não se envenenarem e isto causava-lhes sempre sobrosso, ao aproximarem-se d'água nas locas e de folhas amontoadas, lugares certos das cobras esconderem sua peçonha. Viam as cobras-cipós finas, [esverdeadas] e longas confundindo-se com a parreira-brava que pendia das árvores.

Assombravam-se quando avistavam cobras enroscadas nos altos ramos, a desenrolarem-se lentas, coleantes, pelas árvores, fazendo o galho criar vida ao per[*s]passarem vagarosas e pardacentas. Em fúria, a caninana era vista a devorar ovos nos altos ninhos, dando imensos saltos, parecendo voar nas ramagens.

O menino alimentava o mesmo terror de sua mãe ao avistar a cobra-de-fogo, que surgia da terra a ondular seu facho azulado, como se o vento a atiçasse e a perseguisse. O menino a vira uma vez, fugidia e inquieta, a corcovear pelo antigo cemitério, quando voltava com a mãe de feira do distante arruado.

Estacara e fechara os olhos, dando

A mãe dissera-lhe que as velhas [cascavéis] possuíam vários guizos a se denunciarem de longe, trazendo terror aos homens e bichos, pois, quando não os matava, os deixava cegos ou aleijados. Contara-lhe que as cobras quando iam beber água, deixavam o veneno oculto para não se envenenarem e isto causava-lhes sempre sobrosso, ao aproximarem-se d'água nas locas e de folhas amontoadas, lugares certos das cobras esconderem sua peçonha. Viam as cobras-cipós finas, [esverdeadas] e longas confundindo-se com a parreira-brava que pendia das árvores.

Assombravam-se quando avistavam cobras enroscadas nos altos ramos, a desenrolarem-se lentas, coleantes, pelas árvores, fazendo o galho criar vida ao perpassarem vagarosas e pardacentas. Em fúria, a caninana era vista a devorar ovos nos altos ninhos, dando imensos saltos, parecendo voar nas ramagens.

O menino alimentava o mesmo terror de sua mãe ao avistar a cobra-de-fogo, que surgia da terra a ondular seu facho azulado, como se o vento a atiçasse e a perseguisse. O menino a vira uma vez, fugidia e inquieta, a corcovear pelo antigo cemitério, quando voltava com a mãe de feira do distante arruado. [§] Estacara e fechara os olhos, dando tempo para que a errante cobra-de-fogo esmorecesse, desaparecendo na escuridão como as almas penadas. [§]

tempo para que a errante cobra-de-fogo esmorecesse, desaparecendo na escuridão como as almas penadas.

Naquela noite, todo o longo caminho, mãe e filho o fizeram de mãos dadas a ampararem-se, tomados pelo medo de que o “fogo corredor” retornasse com seu rastro alucinado de luz.

Do que o menino mais se agradava era ficar com a mãe, nas longas esperas, silenciosos, aguardando a caça nos seus lugares de hábito, onde dormiam ou bebiam, como na aguada próxima da velha cacimba. Na tocaia, os dois se entendiam pelos olhos e sinais que trocavam ao sentirem o cheiro no ar na direção do vento ou cauteloso aproximar-se dos bichos de chão. Às vezes, o menino fazia arremedos, a imitar sons e grunhidos do bicho acuado ou de algum animal que o assustasse, fazendo movimentar-se, revelando aos dois seu esconderijo.

Assistia a mãe esfoliar os bichos de pele, pois este mister só ela praticava. Cortava a caça, focinho abaixo, e, com os dedos vergados, ia apartando a pele do corpo com extremo cuidado e paciência. Saía inteiriço o couro e, desde as miúdas orelhas até o rejeito das canelas, não se via nenhum furo ou esgarçamento. Ao notar que a mãe findava o trabalho, o menino acendia o fogo na raspa do mororó, atirando no braseiro uma pedra [lisal], do tamanho de um ovo de galinha. Na vasilha, ele colocava água e o pó de café e quando a pedra abrasava ele jogava dentro

Naquela noite, todo o longo caminho, mãe e filho o fizeram de mãos dadas a ampararem-se, tomados pelo medo de que o [fogo corredor] retornasse com seu rastro alucinado de luz.

Do que o menino mais se agradava era ficar com a mãe, nas longas esperas, silenciosos, aguardando a caça nos seus lugares de hábito, onde dormiam ou bebiam, como na aguada próxima da velha cacimba. Na tocaia, os dois se entendiam pelos olhos e sinais que trocavam ao sentirem o cheiro no ar na direção do vento ou cauteloso aproximar-se dos bichos de chão. Às vezes, o menino fazia arremedos, a imitar sons e grunhidos do bicho acuado ou de algum animal que o assustasse, fazendo movimentar-se, revelando aos dois seu esconderijo.

Assistia a mãe esfoliar os bichos de pele, pois este mister só ela praticava. Cortava [a caça] focinho abaixo, [pela linha da barriga], e, com os dedos vergados, ia apartando a pele do corpo com extremo cuidado e paciência. Saía inteiriço o couro e, desde as miúdas orelhas até o rejeito das canelas, não se via nenhum furo ou esgarçamento. Ao notar que a mãe findava o trabalho, o menino acendia o fogo na raspa do mororó, atirando no braseiro uma pedra [lisal], do tamanho de um ovo de galinha. Na vasilha, ele colocava água e o pó de café e quando a pedra abrasava ele jogava dentro

galinha. Na vasilha, ele colocava água e o pó de café e quando a pedra abrasava ele jogava dentro da água, fazendo o café levantar a fervura. Salpicava água fria só para assentar o pó, e os dois, ali acocorados, bebiam em goles demorados. Já a manhã se tornara tarde. A mãe, em sossego, picava o fumo com [a pequena] [sua] afiada quicé e ele ia limpar a carne do bicho esfolado, para comerem mais tarde em casa.

No calor mormacento da viração da tarde, os dois se refugiavam na sombra da espinhosa quixabeira. Ele se deitava com a cabeça no colo da mãe, à espera de estalados cafunés e da história, que ele mais gostava de ouvir, a do Bicho Manjaléu, que vivia preso em um palácio do reino de Castela e que ninguém conseguia matar, pois a sua vida não estava em seu corpo e sim escondida muito longe dali:

[“]Minha vida está dentro do porco espinho dentro dele há uma caixa dentro da caixa há uma rolinha dentro da rolinha há um ovo dentro do ovo há uma vela acesa e é na chama que está a minha vida, se ela apagar um dia, morrerei.[”]

O sono do menino chegava de manso, entremeado pela voz da mãe, os seus dedos a afagar-lhe os cabelos.

Nos finais de tarde, antes de voltarem, a mãe o mandava entrar na mata e colocar fumo no oco de uma árvore, para ele se livrar dos falsos sinais e dos desmandos

da água, fazendo o café levantar a fervura. Salpicava água fria só para assentar o pó, e os dois, ali acocorados, bebiam em goles demorados. Já a manhã se tornara tarde. A mãe, em sossego, picava o fumo com [a pequena] [sua] afiada quicé e ele ia limpar a carne do bicho esfolado, para comerem mais tarde em casa.

No calor mormacento da viração da tarde, os dois se refugiavam na sombra da espinhosa quixabeira. Ele se deitava com a cabeça no colo da mãe, à espera de estalados cafunés e da história, que ele mais gostava de ouvir, a do Bicho Manjaléu, que vivia preso em um palácio do reino de Castela e que ninguém conseguia matar, pois a sua vida não estava em seu corpo e sim escondida muito longe dali:

[“]Minha vida está dentro do porco espinho dentro dele há uma caixa dentro da caixa há uma rolinha dentro da rolinha há um ovo dentro do ovo há uma vela acesa e é na chama que está a minha vida, se ela apagar um dia, morrerei.[”]

O sono do menino chegava de manso, entremeado pela voz da mãe, os seus dedos a afagar-lhe os cabelos.

Nos finais de tarde, antes de voltarem, a mãe o mandava entrar na mata e colocar fumo no oco de uma árvore, para ele se livrar dos falsos sinais e dos desmandos da caipora, guia-de-caça. Evitava assim que a mãe-do-mato o enganasse, ressuscitando os

da caipora, guia-de-caça. Evitava assim que a mãe-do-mato o enganasse, ressuscitando os bichos mortos e esfolados pelo menino, sem o seu consentimento.

O que primeiro ele avistava na porta da casa de taipa, ao regressarem, era a estrela de seis raios, o Sino-Salamão, feito, das palhas bentas que a mãe recebera no Domingo de Ramos. Ela as tecera e ali as colocara a fim de afugentar as alucinações das coisas sorrateiras e invisíveis, que vagam silenciosas pelos chapadões e sítios sombrios. A mãe dissera que o lobisomem, na sua sina, não ousaria passar perto dali, a assombrar com seu tropel o chão pedregoso dos caminhos a desoras, nas noites de quinta-feira, vindo das sete partidas do mundo e das encruzilhadas.

Às vezes, o menino tinha vontade de possuir um cachorro pezunho, de unha torta e rascante, pois a mãe dissera-lhe ser este o único bicho capaz de farejar e acuar lobisomem.

O menino via, então, o papagaio, que se aproximava com seu andar vagaroso e balançando, parecendo querer voar.

Mãe e filho terminavam de estrepar os couros nas varas cruzadas, fincadas no chão do terreiro, já na hora do sol se pôr anunciada pelos morcegos, os passarinhos pretos do diabo, ao voarem tontos.

A noite descia, envolta no vento amornado pelo calor das pedras, encontrando

bichos mortos e esfolados [pelo menino], sem o seu consentimento.

O que primeiro ele avistava na porta da casa de taipa, ao regressarem, era a estrela de seis raios, o Sino-Sal[o]mão, feito, das palhas bentas que a mãe recebera no Domingo de Ramos. Ela as tecera e ali as colocara a fim de afugentar as alucinações das coisas sorrateiras e invisíveis, que vagam silenciosas pelos chapadões e sítios sombrios. A mãe dissera que o lobisomem, na sua sina, não ousaria passar perto dali, a assombrar com seu tropel o chão pedregoso dos caminhos a desoras, nas noites de quinta-feira, vindo das sete partidas do mundo e das encruzilhadas.

Às vezes, o menino tinha vontade de possuir um cachorro pezunho [de unha torta e rascante], pois a mãe dissera-lhe ser este o único bicho capaz de farejar e acuar lobisomem.

O menino via, então, o papagaio, que se aproximava com seu andar vagaroso e balançando, parecendo querer voar.

Mãe e filho terminavam de estrepar os couros nas varas cruzadas, fincadas [nas sombras frescas do terreiro, no morrer do dia quando os] morcegos, os passarinhos pretos do diabo, ao voarem tontos.

A noite descia, envolta no vento amornado pelo calor das pedras, encontrando mãe e filho adormecidos na mesma rede.

Certo dia, em que a mãe, com zelo,

mãe e filho adormecidos na mesma rede.

Certo dia, em que a mãe, com zelo, lavava seus cabelos esfregando-os com raspas da árvore dos juás, escutara ela rir, dizendo: - “Pra eu lavar sua cabeça se acocore aí perto da cacimba, pois você esticou a crescer que nem couro curtido em vara”.

Já crescido na força de homem, era capaz de varar certas noites de lua cheia a procurar veio nas rochas, atrás de estranhas pedras, que ele dizia existirem cravadas naqueles cerros. Conhecia aquele mundo acinzentado, onde as pedras afloravam das entranhas do chão junto à vegetação retorcida e crestada.

Certa noite, vira a estrela rastejar no céu, a Zelação, e escutou a voz da mãe:

- “Deus te guie”. Aprendera, desde menino, que uma estrela correndo em fuga, riscando a noite de luz é sinal de que uma alma entrara no céu. Mais tarde, o sono dele demorou a chegar, sentia-se sufocar como se estivesse com febre terçã. Nas horas tardias, levantou-se, deitando-se no chão de terra batida, perto da rede da mãe. Não dormiu. A insônia o perseguia e ele velou, em estranho desassossego, o sereno sono dela, a desejar, no entanto, que o dia não varasse a escuridão.

Na época em que o enxu e as abelhas se esconderam nas solidões das brenhas devido à seca, viu um rastro desconhecido. A

lavava seus cabelos esfregando-os com raspas da árvore dos juás, escutara ela rir, dizendo: - “Pra eu lavar sua cabeça se acocore aí perto da cacimba, pois você esticou a crescer que nem couro curtido em vara”.

Já crescido na força de homem [era capaz de varar], [§] certa[s] noite[s], [de lua cheia a procurar veio nas rochas, atrás de estranhas pedras, que ele dizia existirem cravadas naqueles cerros.] [Conhecia aquele mundo acinzentado, onde as pedras afloravam das entranhas do chão junto à vegetação retorcida e crestada] vira a estrela rastejar no céu, a Zelação, e escutou a voz da mãe: - [“]Deus te guie[”]. Aprendera, desde [muito tempo], que uma estrela correndo em fuga, riscando a noite de luz é sinal de que uma alma entrara no céu. Mais tarde, o sono dele demorou a chegar, sentia-se sufocar como se estivesse com febre terçã. Nas horas tardias, levantou-se, deitando-se no chão de terra batida, perto da rede da mãe. Não dormiu. A insônia o perseguia e ele velou, em estranho desassossego, o sereno sono dela, a desejar, no entanto, que o dia não varasse a escuridão.

Na época em que o enxu e as abelhas se esconderam nas solidões das brenhas devido à seca, viu um rastro desconhecido. A pisada do homem era tão leve que mal deixava vestígios no chão. Nítido era o rastro-fêmea da cabra que o acompanhava. Seguiu

pisada do homem era tão leve que mal deixava vestígios no chão. Nítido era o rastro fêmea da cabra que o acompanhava. Seguiu aquele casco fendido pelas pedras e caatinga com tanta cautela, que nem davam fé os bichos de pena. No chão duro e seco e nos lajedos, era difícil divisar o rastro do homem e, pela primeira vez, desnorteou-se. Teve um pressentimento de que precisava voltar para casa, ver a mãe.

Notou de longe, o papagaio inquieto naquele balanço sem fim a espichar o corpo. Ao pisar no terreiro, viu o rastro leve, parecendo que o vento o desfizera. Entrara na casa, sentindo, antes de ver o desconhecido, cheiro de homem. Fitou a mãe e soube que o cigano voltara. Nesta noite saíra sem rumo, andara até a lua ficar tão alta que aquelas escarpas banharam-se de sombras. Voltara já o dia amanhecido e esperara o vulto da mãe sair de casa. Ela apareceu trazendo as varas [com as peles] [e couros] para o terreiro e ele se acercou dela, assustando-a. Sentiu-a apreensiva. A mãe o mandou esperar, entrando na casa e trazendo-lhe água que ele bebeu, só então, percebendo sua desesperada sede. Avistou a cabra na pedreira, remoendo os juás e falou à mãe que ia embora. Ficaram os dois de olhos no chão, intimidados. Agarrou-se a ela num repente, sacudindo-se em soluços secos.

Apartaram-se e ela soube que nada o faria ficar. A mãe foi buscar na casa suas

aquele casco fendido pelas pedras e caatinga com tanta cautela, que nem davam fé os bichos de pena. No chão duro e seco e nos lajedos, era difícil divisar o rastro do homem e, pela primeira vez, desnorteou-se. Teve um pressentimento de que precisava voltar para casa, ver a mãe.

Notou de longe, o papagaio inquieto naquele balanço sem fim a espichar o corpo. Ao pisar no terreiro, viu o rastro leve, parecendo que o vento o desfizera. Entrara na casa, sentindo, antes de ver o desconhecido, cheiro de homem. Fitou a mãe e soube que o cigano voltara. Nesta noite saíra sem rumo, andara até a lua ficar tão alta que aquelas escarpas banharam-se de sombras. Voltara já o dia amanhecido e esperara o vulto da mãe sair de casa. Ela apareceu trazendo as varas [com as peles] [e couros] para o terreiro e ele se acercou dela, assustando-a. Sentiu-a apreensiva. A mãe o mandou esperar, entrando na casa e trazendo-lhe água que ele bebeu, só então, percebendo sua desesperada sede. Avistou a cabra na pedreira, remoendo os juás e falou à mãe que ia embora. Ficaram os dois de olhos no chão, intimidados. Agarrou-se a ela num repente, sacudindo-se em soluços secos.

Apartaram-se e ela soube que nada o faria ficar. A mãe foi buscar na casa suas coisas de caça e deu-lhe de vez, a espingarda, o badaneco, a [pequena] quicé e o fumo. Ele lhe pediu a bênção e só então

coisas de caça e deu-lhe de vez, a espingarda, o badaneco, a pequena quicé e o fumo. Ele lhe pediu a bênção e só então partiu sem voltar-se nem uma vez para trás, mesmo a sentir que alguém dentro de casa o olhava, atévê-lo desaparecer na descida do caminho.

Enfrentou nesta andança seca demorada, desentocara os bichos mais teimosos, os bebedores de pouca água para viver. O chão cozido do sol quase não deixava aflorar as marcas da caça miúda para abatê-la. Os carrapichos, onde os pelos dos bichos ficavam presos aos espinhos, é que davam a ele indícios de suas passagens atrás de refúgio. Já apelava para os cardeiros, a cabeça-de-frade, o xique-xique de vagens de sementes barulhentas como o chocalho-de-cascavel. Nos lugares mais secos encontrava disfarçada nos galhos terrosos as cobras que matavam por asfixia lagartos e roedores.

Quando a água rareou de vez e a fome o entonteceu, recorreu às raízes do umbuzeiro, onde chupou a cunca, e das pontas aparadas do galho-cavaleiro da mucunã tomou a água que escorreu.

Foi uma longa travessia por aquele sertão abrasado, onde vento e nuvem passam de relance, etéreos, como visagem nos ermos de mal assombro. Lembrara-se do que lhe contaram sobre o rastro deixado numa laje da distante Ibiapaba, pelo “Pai-das-chuvas”, um bem-aventurado peregrino, que viera de muito longe. Agora, nesta travessia, ele chegara a pensar que as águas também haviam partido, andarilhas, para bem longe.

partiu sem voltar-se nem uma vez para trás, mesmo a sentir que alguém dentro de casa o olhava, atévê-lo desaparecer na descida do caminho.

Enfrentou nesta andança seca demorada, desentocara os bichos mais teimosos, os bebedores de pouca água para viver. O chão cozido do sol quase não deixava aflorar as marcas da caça miúda para abatê-la. Os carrapichos, onde os pelos dos bichos ficavam presos aos espinhos, é que davam a ele indícios de suas passagens atrás de refúgio. Já apelava para os cardeiros, a cabeça-de-frade, o xique-xique de vagens de sementes barulhentas como o chocalho-de-cascavel. Nos lugares mais secos encontrava disfarçada nos galhos terrosos as cobras que matavam por asfixia lagartos e roedores.

Quando a água rareou de vez e a fome o entonteceu, recorreu às raízes do umbuzeiro, onde chupou a cunca, e das pontas aparadas do galho-cavaleiro da mucunã tomou a água que escorreu.

Foi uma longa travessia por aquele sertão abrasado, onde vento e nuvem passam de relance, etéreos, como visagem nos ermos de mal assombro. Lembrara-se do que lhe contaram sobre o rastro deixado numa laje da distante Ibiapaba, pelo “Pai-das-chuvas”, um bem-aventurado peregrino, que viera de muito longe. Agora, nesta travessia, ele chegara a pensar que as águas também haviam partido, andarilhas, para bem longe.

muito longe. Agora, nesta travessia, ele chegara a pensar que as águas também haviam partido, andarilhas, para bem longe.

Conseguiu chegar ao povoado, seguindo uma esteira branca de fios, enganchados nos ramos espinhosos [↑da jurema] [*nas cercas de avelós.] O homem que o arranchou lhe explicou que ele seguira o “rasto de lã” [feito pelo] algodão em rama que se libertava dos [↑sacos] [*fardos] [↑disformes das cangalha] que os prendiam. O algodão solto era levado pelo vento, embranquecendo os ramos e galhos das estreitas [veredas] [*trilhas], parecendo até querer voltar aos capulhos.

Naquele lugar, onde o algodão espalhava suas raízes a invadir várzeas e caatingas, ele ficou a tirar seu sustento no rastejo e morte às cobras, a serviço dos donos das terras. Conhecia todas pelo rasto. Só deixava escapar as de sangue quente, as inocentes. As cobras venenosas, as mais famintas, de sangue frio e traiçoeiras, ele as matava.

Rastejava incansável, a esmiuçar as cercas de pedras e, de rastos, vivia pelos matos, até desentocá-las das lajes onde se escondiam perigosas e alertas. As cobras mudavam de pele, deixando para trás, em abandono seu formato, mas sem nenhum vestígio de cor pois suas nódoas e listas continuavam tatuadas em volta do seu corpo.

Ele as seguia mesmo sabendo que após esta

Conseguiu chegar ao povoado, seguindo uma [trilha] branca de fios, enganchados nos ramos espinhosos das [*nas cercas de avelós.] [juremas.] O homem que o arranchou lhe explicou que ele seguira o [rastro de lã] [do] algodão em rama que se libertava dos sacos disformes das cangalha[s] que o prendiam. O algodão solto era levado pelo vento, embranquecendo os ramos e galhos das estreitas [veredas] [*trilhas], parecendo até querer voltar aos capulhos.

Naquele lugar, onde o algodão espalhava suas raízes a invadir várzeas e caatingas, ele ficou a tirar seu sustento no rastejo e morte às cobras, a serviço dos donos das terras. Conhecia todas pelo rasto. Só deixava escapar as de sangue quente, as inocentes. As cobras venenosas, as mais famintas, de sangue frio e traiçoeiras, ele as matava.

Rastejava incansável, a esmiuçar as cercas de pedras e, de rastos, vivia pelos matos, até desentocá-las das lajes onde se escondiam perigosas e alertas. As cobras mudavam de pele, deixando para trás, em abandono seu formato, mas sem nenhum vestígio de cor pois suas nódoas e listas continuavam tatuadas em volta do seu corpo. Ele as seguia mesmo sabendo que após esta ressurreição, elas retornavam mais iradas e famintas no seu constante renovo.

Aprendera que as mais venenosas

ressurreição, elas retornavam mais iradas e famintas no seu constante renovo.

Aprendera que as mais venenosas eram lentas e por vezes tão imóveis, parecendo-lhe mortas. Nesta época o tempo girava infindo como os círculos negros que as envolviam e marcavam sua pele, e ele naquela espera sentia ampliar sua solidão.

Nem sabia porque resolvera viver rastejando a morte, ele que desde menino as temera, e nem porque não mais dizia o ensalmo, valendo-se de São Bento.

Os homens que socavam o algodão nos fardos o preveniram contra a Cobra-Grande, e a ameaça da cobra-mandada que chegava de longe decretada para matar o vivente, a mando de algum malino. Era ela capaz de atravessar um ajuntamento de gente e seguir coleante na direção daquele que mataria, cumprindo sua enfeitiçada missão. Contaram-lhe que tinha seu reino abaixo das águas dos distantes rios daquele sertão. Seus olhos alumiam-se, ao surgir das águas como os fachos de fogo da embiriba, que se leva à noite, para afastar os espantos e perigos e clarear os caminhos mal abertos e despovoados. Esta mãe-de-rio atraía, enlaçando e sufocando, os que se aventurassem a entrar na voragem das suas águas e na cova em roda dos seus redemoinhos encantados.

Ouvindo estes casos, temeu sua sorte, ali largado, longe do mundo onde se criara e

eram lentas e por vezes tão imóveis, parecendo-lhe mortas. Nesta época o tempo girava infindo como os círculos negros que as envolviam e marcavam sua pele, e ele [,] naquela espera [,] sentia ampliar sua solidão.

[No final de cada semana recebia o ganho pela quantidade de maracás de cascavéis e cabeças de jararacas que apresentava numa fieira à moda rosário.]

Nem sabia porque[^] resolvera viver rastejando a morte, ele que desde menino as temera, e nem porque não mais dizia o ensalmo, valendo-se de São Bento.

Os homens que socavam o algodão nos fardos o preveniram contra a Cobra-Grande, e a ameaça da cobra-mandada que chegava de longe decretada para matar o vivente, a mando de algum malino. Era ela capaz de atravessar um ajuntamento de gente e seguir coleante na direção daquele que mataria, cumprindo sua enfeitiçada missão. Contaram-lhe que tinha seu reino abaixo das águas dos distantes rios daquele sertão. Seus olhos alumiam-se, ao surgir das águas como os [tições] de fogo d[o facheiro], que se leva à noite, para afastar os espantos e perigos e clarear os caminhos mal abertos e despovoados. Esta mãe-de-rio atraía, enlaçando e sufocando, os que se aventurassem a entrar na voragem das suas águas e na cova em roda dos seus redemoinhos encantados.

Ouvindo estes casos, temeu sua sorte,

aprendera a lidar e a se defender das coisas que via e das ameaças invisíveis, de que sempre o guardara a estrela de palhas bentas, tecidas por ela.

Na sua serventia de rastejador, avistara, certa vez, o “Sino-Salamão” escavado em uma pedra a proteger um túmulo. Desde aí, só teve sossego quando mandou fazer pelo ferreiro do povoado esta estrela vigia, que amparava os vivos e guardava os mortos, levando-a sempre com ele. Nas noites de quinta-feira, quando ficava na emboscada das cobras, jamais se apartava do espeto agudo do mororó, de miolo duro como pedra, única arma capaz de desencantar lobisomem.

Parecia-lhe, por vezes, que tinha perdido o rastro de casa. Sentia-se desorientado, perdido. Um dia, vira pegada miúda, de mulher. Semelhava-se à da mãe. Assomado, apagou a marca gravada na areia, a fim de esquecê-la, afugentando a visão. Desde aí, não dormia, inquieto, sem ar. Tinha calafrios como se tivesse malsão. Dera para sentir um aperto no peito, como um arrocho que o deixava aflito, sem respirar. Certas noites, quando a chama da candeia tremia no bafejo do vento, um frio esmorecedor lhe invadia a alma. Lembrava-se do Bicho Manjaléu cuja vida era uma chama e estas noites estendiam-se longas, o sol tardava, demorando a quebrar a barra do dia. Cismava agora que sua vida estava

ali largado, longe do mundo onde se criara e aprendera a lidar e a se defender das coisas que via e das ameaças invisíveis, de que sempre o guardara a estrela de palhas bentas, tecidas por ela.

Na sua serventia de rastejador, avistara, certa vez, o “[“] [s]ino-[s]al[O]mão” [”] escavado em uma pedra a proteger um túmulo. Desde aí, só teve sossego quando mandou fazer pelo ferreiro do povoado esta estrela vigia, que amparava os vivos e guardava os mortos, levando-a sempre com ele. Nas noites de quinta-feira, quando ficava na emboscada das cobras, jamais se apartava do espeto agudo do mororó, de miolo duro como pedra, única arma capaz de desencantar lobisomem.

Parecia-lhe, por vezes, que tinha perdido o rastro de casa. Sentia-se desorientado [, perdido]. Um dia, vira pegada miúda, de mulher. Semelhava-se à da mãe. Assomado, apagou a marca gravada na areia, a fim de esquecê-la, afugentando a visão. Desde aí, não dormia, inquieto, sem ar. Tinha calafrios como se tivesse malsão. Dera para sentir um aperto no peito, como um arrocho que o deixava aflito, sem respirar. Certas noites, quando a chama da candeia tremia no bafejo do vento, um frio esmorecedor lhe invadia a alma. Lembrava-se do Bicho Manjaléu cuja vida era uma chama e estas noites estendiam-se longas, o sol tardava, demorando a quebrar a barra do dia.

encravada nos veios e pedras das furnas escarpadas de Acauã. Precisava ir ao seu encalço pisando forte, encalçando de vez este seu magoado desalento.

Tempos depois, certa noite, saiu para encerrar de vez a empreitada feita com o dono das terras. Livre do ajuste, retornaria, para os confins do reino-das-pedras, sem deixar pra trás vestígios nem direção do seu rumo.

O rastro da velha cobra com seus vários chocalhos era como um fio ante seus olhos a desenrolar-se, seguindo para o distante grotão. Devia estar a esperá-lo, inteiriçada. Era só encontrá-la. No alto, a lua cheia vinha em seu auxílio, iluminando os caminhos e veredas.

Um estranho vento frio desceu de repente. Lembrou-se de certos fins de tarde quando o sono chegava de mando envolto pela voz de sua mãe, contando-lhe a história que ele mais gostava de ouvir. Notou que a lua apagava-se coberta pelas nuvens, sopradas pelo vento. As sombras, se acercavam dele lentamente.

Os homens, que tangiam o comboio de animais a clarear o começo do dia com seus chocalhos, avistaram um rastro de homem, de pisada forte, de alguém desconhecido do lugar. Esmiuçaram o chão seguindo as pegadas, que os levavam ao grotão onde os passos do rastejador de cobra haviam se refugiado, após receber o bote

dia. Cismava agora que sua vida estava encravada nos veios e pedras das furnas escarpadas de Acauã. Precisava ir ao seu encalço pisando forte, encalçando de vez este seu magoado desalento.

Tempos depois, certa noite, saiu para encerrar [] de vez [] a empreitada feita com o dono das terras. Livre do ajuste, retornaria, para os confins do reino-das-pedras, sem deixar pra trás vestígios nem direção do seu rumo.

O rastro da velha cobra com seu[s] [vários] chocalho[s] era como um fio ante seus olhos a desenrolar-se, seguindo para o distante grotão. Devia estar a esperá-lo, [enroladinha]. Era só encontrá-la. No alto, a lua cheia vinha em seu auxílio, iluminando os caminhos e veredas.

Um estranho vento frio desceu de repente. Lembrou-se de certos fins de tarde quando o sono chegava de mando envolto pela voz de sua mãe, contando-lhe a história que ele mais gostava de ouvir. Notou que a lua apagava-se coberta pelas nuvens, sopradas pelo vento. As sombras, se acercavam dele lentamente.

Os [almocreves], que tangiam o comboio de animais a clarear o começo do dia com seus chocalhos, avistaram um rastro de homem, de pisada forte, de alguém desconhecido do lugar. Esmiuçaram o chão seguindo as pegadas, que os levavam ao grotão onde os passos do rastejador de cobra

<p>mortal. Benzeram-se e um dos homens varreu o chão, apagando o rastro. Costume dos antigos, disse ele, a fim de dificultar aos mortos o regresso à aldeia.</p>	<p>haviam se refugiado, após receber o bote mortal. Benzeram-se e um dos homens varreu o chão, apagando o rastro. Costume dos antigos, disse ele, a fim de dificultar aos mortos o regresso à aldeia.</p>
--	---

A supressão de parágrafos contribui para agilidade do texto e aproximação da oralidade, como veremos nos parágrafos a seguir:

[p. 100] **Receava o pássaro-preto, a quem “a morte confia segredo”... assim lhe dissera sua mãe e sabia, ao escutar o canto do anum, ser anúncio de seca e desgraça.**
[\$] Tinha o menino medo das aves agoureiras e gritonas, que se lamentavam de dor, solitárias e tristes em noites escuras. Aquele canto monótono, a trespassar o negrume das hora[s] mortas, sempre o desnorteava, pois jamais encontrara seus ninhos e pousos.

[p. 103] **O menino alimentava o mesmo terror de sua mãe ao avistar a cobra-de-fogo, que surgia da terra a ondular seu facho azulado, como se o vento a atiçasse e a perseguisse. O menino a vira uma vez, fugidia e inquieta, a corcovear pelo antigo cemitério, quando voltava com a mãe de feira do distante arruado.** [§] Estacara e fechara os olhos, dando tempo para que a errante cobra-de-fogo esmorecesse, desaparecendo na escuridão como as almas penadas. [§] Naquela noite, todo o longo caminho, mãe e filho o fizeram de mãos dadas a ampararem-se, tomados pelo medo de que o fogo corredor retornasse com seu rastro alucinado de luz.

A supressão de palavras tem como efeito evitar a redundância:

[p.108] **pequena quicé => quicé;**

[p.106] **pezunho de unha torta e rascante => pezunho.**

A substituição de palavras é motivada pela busca da proximidade com a oralidade.
Por exemplo:

[p.110] **esteira => trilha;**

[p.100] **desbastar => derrubarem;**

[p.111] **facho de fogo => tição;**

[p.103] **cobras=> cascavéis;**

[p.102] **cerro => serrote.**

A pontuação na coluna da direita mostra a separação das circunstâncias, por vírgulas, revelando uma escrita que obedece a padrões da norma culta:

[p.113] **Tempos depois, certa noite, saiu para encerrar [,] de vez [,] a empreitada feita com o dono das terras.**

[p.111] [...] **Nesta época o tempo girava infindo como os círculos negros que as envolviam e marcavam sua pele, e ele [,] naquela espera [,] sentia ampliar sua solidão.**

Outra marca importante é o acréscimo do travessão, costurando a narrativa ao texto do romance:

[p.98] **[Novamente ouvi à luz de lamparinas, agora na voz suave de uma mulher, na noite em que o Bisneto deitado na sua rede branca no alpendre, fitava o firmamento:]**

[p.98] **[-,] Lá para os confins do Reino-das-Pedras, escondido pelas furnas escarpadas de Acauã, ele nascera.**

O acréscimo de **o pequeno pixuna, cupira e moça branca, pela linha da barriga**, demonstra as pesquisas sobre o sertão e, principalmente, a leitura de *A Caça nos Sertões de Seridó*, de Oswaldo Lamartine.

Ao cotejar as duas tabelas, identificamos uma característica importante para gerar o tema trabalhado no romance, o regional. Em “Infância no Minho” tínhamos as características do povo português e suas tradições, inseridas através das histórias de Inês de Castro, Dom Sebastião, infante D. Fernando e outras. Natércia Campos manteve apenas a idéia da imigração portuguesa e a disseminação dos costumes lusitanos no Brasil.

Devemos ainda dizer que Natércia não foi a única a utilizar como matriz de romance uma narrativa mais curta, já que outros romances, também aclamados pela crítica, surgiram de textos mais concisos. O trabalho com acervos de grandes escritores, como Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e Eça de Queirós, confirma a transformação de cartas em crônicas, contos em romances ou frases ouvidas em diálogos, de personagens. Depois o fato tornou-se comum, sobretudo com a crise dos gêneros.

Clara Ramos, no seu livro biográfico *Mestre Graciliano*: confirmação humana de uma obra, relata o nascimento do romance *Vidas Secas*, citando trecho de um artigo de Rubem Braga⁴⁰, que foi companheiro de pensão do escritor, no Catete.

Eu conheço o quarto em que o Graciliano Ramos escreveu o romance *Vidas secas*, e sei mais ou menos a situação em que ele escreveu. Essa situação determinou a própria estrutura do romance. Tem, portanto, a sua importância para o público.

Quem pega no romance logo repara. Cada capítulo desse pequeno livro dispõe de uma certa autonomia e é capaz de viver por si mesmo. Pode ser lido em separado. É um conto. Esses contos se juntam e formam um romance. Graciliano não fez assim por recreação literária. Fez por necessidade financeira. Ia escrevendo e vendendo o romance à prestação. Vendeu vários contos. Alguns capítulos ele fez de maneira a poder rachar no meio. Foi colocando aquilo a varejo em nosso pobre mercado literário. Depois vendeu tudo por atacado, com o nome do romance.

Quase tão pobre como Fabiano, o autor fez assim uma nova técnica de romance no Brasil. O romance desmontável.

Em cartas de Graciliano Ramos à esposa Heloísa de Medeiros (7 de maio de 1937)⁴¹ lemos outras informações sobre a escritura do conto:

Escrevi um conto sobre a morte de uma cachorra, um troço difícil como você vê: procurei adivinhar o que se passa na alma de uma cachorra. Será que há mesmo alma em cachorro?

É a quarta história feita aqui na pensão. Nenhuma delas tem movimento, há indivíduos parados. Tento saber o que eles têm por dentro. Quando se trata de bípedes nem por isso, embora certos bípedes sejam ocos; mas estudar o interior de uma cachorra é realmente uma dificuldade tão grande como sondar o espírito de um literato alagoano.

Ainda sobre a gênese do livro, Graciliano comenta em uma crônica intitulada “Alguns tipos sem importância” (1939)⁴²:

Dediquei em seguida várias páginas aos donos do animal. Essas coisas foram vendidas, em retalho, a jornais e revistas. E como José Olympio me pedisse um livro para o começo do ano passado, arranjei outras narrações, que tanto podem ser contos como capítulos de romance. Assim nasceram Fabiano, a mulher, os dois filhos e a cachorra Baleia.

O manuscrito da obra encontra-se no Fundo Graciliano Ramos do Arquivo do IEB/USP⁴³ e nos mostra que as narrativas publicadas como capítulos na obra *Vida Secas* não

⁴⁰ In: *Manchete*, “Graciliano Ramos concretista”, 23 de outubro de 1965; *Diário de Notícias*, 1938.

⁴¹ RAMOS, Clara. *Mestre Graciliano*: confirmação humana de uma obra. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1979, p. 124/5.

⁴² RAMOS, Graciliano. *Linhas tortas*: obra póstuma. 9.ed Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1981, p. 196.

⁴³ As indicações das fontes documentais que nos contam sobre a gênese de *Vidas Secas* foram dadas pela Profa. Yêdda Dias Lima (IEB/USP), a quem agradecemos. Segundo consta no *Catálogo de Manuscritos do Arquivo*

foram escritas na mesma ordem em que aparecem no livro e uma delas – “Fabiano” – publicada em *O Cruzeiro* (29/01/1938), traz a legenda “conto de Graciliano Ramos”.

Antonio Candido diz que o romance *Vida Secas*, de Graciliano Ramos, é uma “construção por fragmentos, quadros destacados, onde os fatos se arranjam sem se integrarem uns com os outros aparentemente, sugerindo um mundo que não se comprehende e se capta apenas por manifestações isoladas”.⁴⁴

Para José Aderaldo Castello são “narrativas, dizendo que o uso do plural é intencional. São ‘quadros de uma exposição’, comparando-as à ‘suíte para piano de Moussorgsky’ ”.⁴⁵

Vidas Secas é um romance construído com essas narrativas, mas nem por isso concordamos com os que a consideram “romance desmontável”, pois, ao estruturá-lo tal como o conhecemos, o autor torna o livro, nas palavras de Castello, “‘um todo unificado’ e só o autor poderia lhe dar uma outra ‘montagem’, se assim o quisesse”.

Outro exemplo de romance que tem como origem um conto é *Grande sertão: veredas*. Embora não se tenha ainda encontrado no acervo do escritor João Guimarães Rosa (IEB/USP) documentos que o comprovem⁴⁶, há referências paratextuais que indiciam tal procedência. Em carta ao pai, Florduardo Rosa -12/07/1954 - o escritor diz: “Eu estou trabalhando ‘burramente’, dia e noite, para terminar os livros que estou escrevendo – pois, em vez de um, como comecei, a coisa virou dois...” Num manuscrito de Aracy, viúva de Guimarães Rosa, ela diz que quando o autor começou a escrever *Corpo de Baile*, ela lhe perguntou: ‘Joãozinho, esse conto “Grande sertão” está ficando maior que os outros?’ E ele respondeu: ‘Ara, eu já me dei conta, mas não posso parar, é estranho, parece que estou escrevendo em transe. E assim foi que nasceu o *Grande Sertão - Veredas!*’ ”⁴⁷

Graciliano Ramos (coord. Yêdda Dias Lima e Zenir Campos Reis). São Paulo: Edusp, 1992, as narrativas todas eram numeradas com data ao final, não necessariamente correspondendo à data de publicação. A primeira narrativa a ser publicada foi “Baleia” em *O Jornal*, do Rio de Janeiro, em 23/05/1937, seguida de “Mudança”, em 19/12/1937 no mesmo jornal; “Cadeia” foi publicada no *Diário de Notícias*, RJ, em 5/12/1937, sob o título “Pedaço de romance” e em *O Cruzeiro*, 26/03/1938, com o título “Cadeia”; “O menino mais novo”, sob o título “Travessura”, foram publicados onze parágrafos no *Diário de Notícias*, RJ, 23/01/1938; Inverno foi publicada sob o título “Serão” (8 parágrafos) na *Folha de Minas*, BH, em 16/03/1938, republicado no *Diário de Notícias*, RJ, 1/04/1938 “com a indicação final: “‘Do romance inédito Baleia’ ” ; Fabiano publicado em *O Cruzeiro*, RJ, 29/01/1938; “com a indicação ‘Fabiano’ ” – conto inédito de Graciliano Ramos (inédito para *O Cruzeiro*). A última narrativa a ser publicada foi “Fuga”, no *Diário de Notícias*, RJ, 17/04/1938, sob o título “Viagem” (nove parágrafos. Das narrativas que constam como capítulos da obra *Vidas Secas*, “Sinhá Victória” (18/06/1937), “O menino mais velho” (08/07/1937), “Festa”, (22/07/1937), “Contas” (29/07/1937), “O mundo coberto de penas” (27/08/1937) e “O soldado amarelo” (06/09/1937) não tiveram veiculação em periódicos.

⁴⁴ ANTONIO CANDIDO. *Tese e antítese*. 2 ed. (revista) São Paulo: Ed. Nacional, 1971.

⁴⁵ CASTELLO, José Aderaldo. *A Literatura Brasileira – origens e unidade*, v. II. São Paulo: Edusp, 1999.

⁴⁶ Segundo pesquisas realizadas pela Professora Neuma Cavalcante.

⁴⁷ Manuscrito constante do Arquivo Pessoal de Aracy Carvalho Guimarães Rosa, pertencente ao IEB/USP. Segundo a Professora Neuma Cavalcante, Aracy cometeu um engano quanto ao título do livro, porque no

Citamos também como exemplo de mudança estrutural de gênero a obra de Eça de Queirós, que publicou textos independentes na imprensa e depois esses textos, com algumas modificações adaptativas, foram entregues ao público em forma de cartas.

Elza Miné assinala em *Páginas Flutuantes: Eça de Queirós e o jornalismo no século XIX*, mais precisamente em “‘Fradiquices’ Brasileiras”, a transmutação dos textos.

Trata-se das “Cartas XII e XIV, a Mme. De Jouarre”, da “Carta a Bento de S.” e da “Carta a Manuel”, esta última publicada apenas em *Cartas Inéditas de Fradique Mendes*. Estas quatro “fradiquices” têm em comum o fato de terem constituído, antes, textos de imprensa independentes, enviados por Eça de Queirós para a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro. Trata-se, respectivamente, de dois textos de 1892, um, publicado no “Suplemento Literário” da *Gazeta*, de que Eça é o responsável, “Padre Salgueiro” (13 de junho), e outros, “Quinta de Frades” (27 de julho); trata-se, ainda, de dois outros de 1894: “Tema para Versos I”, publicado a 2 de abril desse ano, que virá a constituir a “Carta a Manuel”⁴⁸ e de “carta a Bento de S.”, cuja primeira versão se encontra em matéria enviada por Eça em abril de 1894 (dia 26), a que Luís de Magalhães deu o subtítulo de “O Sr. Brunetiére e a Imprensa”, em *Ecos de Paris*.⁴⁹

primeiro rascunho do romance consta "Veredas Mortas", só a partir do segundo rascunho aparece o título definitivo.

⁴⁸ “tema para Versos II” corresponde ao texto publicado no volume *Contos*, organizado por Luís de Magalhães, com o título “A Aia”.

⁴⁹ “‘Fradiquices’ Brasileiras” In: MINÉ, Elza Assumpção. *Páginas Flutuantes: Eça de Queirós e o jornalismo no século XIX*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999. ps.119-137.

CONCLUSÃO

Estudar o processo de criação de uma obra literária, de certa forma, é desmistificar um pensamento aceito pelo senso comum, que acredita ser necessária a inspiração divina para escrever um texto literário. Essa crença fundamenta-se na prática clássica, segundo a qual o poeta deveria pedir inspiração aos deuses para iniciar uma obra. Tal atitude demonstrava uma falsa humildade do poeta.

A análise dos manuscritos do premiado romance de Natércia Campos, sob os olhares da crítica genética, nos permitiu a descoberta de uma escritora-pesquisadora, incansável, que reescrevia e pesquisava sobre diversos assuntos. Esse interesse em aprender e repassar os conhecimentos enriqueceram suas obras e demonstram compromisso com o leitor.

Acreditamos que o desvendar da trama escritural de *A Casa* trará uma base segura para análises posteriores, sejam elas apoiadas pela crítica psicanalítica, sociocrítica, ou qualquer outra linha. Garante a veracidade dos fatos, livrando o crítico de divagações e incertezas.

No primeiro capítulo, “Nos espaços da Crítica Genética”, fizemos a explanação da teoria utilizada, tendo como suporte as obras de Almuth Grésillon e Pierre-Marc de Biasi. Por aceitarmos que a crítica genética teve a Filologia como norteadora, citamos os filólogos Segismundo Spina, Giuseppe Tavani e Luiz Fagundes Duarte.

A obra de Spina nos ajudou a entender o histórico da crítica genética, ou seja, como a Filologia contribuiu para a normatização dessa jovem técnica.

Como já dissemos, as idéias de Tavani nos permitiram a flexibilização da aplicação daqueles pressupostos, pois não fizemos uma análise especificamente⁵⁰ genética do romance, mas sim uma investigação de como ele surgiu.

A análise crítica de Duarte serviu como base para a interpretação das modificações feitas por Natércia em suas narrativas.

Os pressupostos da crítica genética nos iluminaram ao mostrar como deveríamos tratar o manuscrito moderno. Seguimos os passos indicados por Grésillon para a organização do dossiê e depois passamos a procurar as fases de elaboração dos manuscritos, a fim de encontrar sua possível cronologia. Serviu-nos também como suporte a Codicologia.

Ainda no primeiro capítulo registramos a biografia de Natércia Campos, considerando a contribuição deixada por ela na Literatura Cearense. Ressaltamos que, além de

⁵⁰ Análise dos manuscritos através das marcas deixadas pelo escritor e seu percurso do primeiro esboço ou rascunho até a fase chamada por Biasi de pré-editorial.

suas obras publicadas, Natércia nos deixou como legado seu acervo, cedido generosamente pela família Campos.

Fizemos no segundo capítulo, “Os caminhos da Criação”, uma retrospectiva da escolha do objeto de estudos. A impossibilidade de trabalhar com o primeiro dossiê, como dissemos, nos fez escolher o tema “água” - elemento de grande importância para o romance - e buscamos entender como ocorreu a inserção desse elemento na obra. Já iniciado o processo de descrição do *corpus*, tivemos acesso à informação que o romance partiu, como idéia inicial, de uma narrativa intitulada “O espelho”, então fomos ao acervo procurar esse documento. Descobrimos, nessa investigação, outras duas narrativas “Infância no Minho” e “O Rasto”, que, conforme observamos, também participaram da construção de *A Casa*. Pela relevância desses achados, optamos por desvendar os caminhos dos primeiros escritos do romance. Descrevemos o dossiê formado pelos testemunhos e documentos paratextuais referentes a essas narrativas; salientamos os critérios para a definição da versão mais elaborada para cotejo com a publicação de *A Casa* (1999) e apresentamos em tabelas a comparação entre as versões.

Em “O surgimento do romance *A Casa*”, definimos o *corpus* – as três narrativas e a edição de 1999 de *A Casa* - e procuramos comprovar que essas narrativas eram anteriores ao texto do romance. Para tanto, nos valemos de cartas e trechos retrabalhados em prosas poéticas e informações corroboradas por entrevistas, pois apenas um dos manuscritos estava datado. Confirmado tal fato, analisamos, através de tabelas comparativas, em que medida essas três narrativas estavam presentes no romance.

Explicamos os processos de reescrita e interpretamos quais as mudanças ocorridas no texto. Finalizado esse processo, constatamos que Natércia utilizou de formas diferentes essas três narrativas para criar *A Casa*.

De “O espelho” ela manteve apenas a referência ao criador e a descrição do objeto, destacando a sua carga simbólica. Ressaltamos que o espelho está presente em diversas narrativas literárias, algumas vezes como confidente, outras como objeto mágico revelador da verdade. É objeto mágico na literatura infantil *Branca de Neve*, dos Irmãos Grimm, *Alice Através do Espelho*, de Lewis Carroll e “Narizinho Arrebitado”, de Monteiro Lobato. E como forma de introspecção no conto “O espelho”, de Guimarães Rosa, no conto de mesmo título de Machado de Assis e na crônica “Os espelhos” de Clarice Lispector.

“Infância no Minho” comparece com muitas alterações e alguns trechos foram costurados ao texto do romance pela ação de alguns personagens de *A Casa*, como vimos.

Relembramos que de “O Rasto” praticamente a narrativa de forma integral foi inserida no romance, através da lembrança de Eugênia, que ouviu essa história contada pelo passador de gado, quando ela ainda era criança.

Ainda no terceiro capítulo, mostramos procedimento semelhante em autores como Graciliano Ramos, João Guimarães Rosa e Eça de Queiroz.

Com esse estudo, acompanhamos o processo de transformação pelo qual passou o texto de Natércia Campos para chegar à publicação. O seu, não é um procedimento inusitado. Alguns escritores também modificaram a estrutura arquitectual de suas obras, como lembra anteriormente: cartas que passaram a ser crônicas e contos que passaram a ser romances.

Vemos que a mudança de gêneros textuais é, de certa forma, recorrente durante o processo de escritura; em alguns casos, como já explanamos, até depois da publicação. Esse fato revela a mestria dos escritores em trabalhar com diferentes gêneros e trazer para o leitor textos que nos parecem completamente inéditos. E realmente o são, na forma como nos chegam.

A constante mudança de delimitação do *corpus* aponta-nos um manancial de possibilidades de novos estudos, uma vez que reunimos, em cada dossiê, uma quantidade considerável de documentos. Estes poderão ser analisados visando o processo criativo do texto o que, como procuramos deixar claro, não foi o objetivo desta dissertação, voltada primordialmente para a investigação da origem do romance *A Casa*.

REFERÊNCIAS

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos: arquivos pessoais*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, v. 11, n°21, p.9-32, 1998.

BARROS, Lourival Holanda. O manuscrito de Vidas Secas. O manuscrito Moderno e as edições. *Anais.. I ENCONTRO DE CRÍTICA TEXTUAL*. São Paulo: Faculdade de Filosofia e Letras, 1986.p.221-226.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Arquivos pessoais como fonte de pesquisa. In: *Arquivos permanentes: tratamento documental*. São Paulo: T. A. Queiroz editor, 1991.p.177-182.

BIASI, Pierre-Marc de. *Les methodes critiques pour l'analyse littéraire*. Paris: Larousse, 1984.

_____. *Métodos críticos para a análise literária*. Vários autores. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BONNICI, Thomas, ZOLIN, Lúcia Osana. *Teoria literária; abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2003.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 32 ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; BELLOTO, Heloísa Liberalli. *Dicionário de terminologia arquivística*. São Paulo: Porto Calendário editora, 1996.

CAMARGO, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAMPOS, Natércia. *A Casa*. Fortaleza: UFC Imprensa Universitária, 1999.

_____. *Iluminuras*. Fortaleza: Premius Editora, 1998a.

_____. *A noite das fogueiras*. Fortaleza: Fundação edições Demócrito Rocha, 1998b.

_____. *Por terra de Camões e Cervantes*. Fortaleza: UFC Imprensa Universitária, 1998c.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.

- CASCUDO, Câmara. *Contos tradicionais do Brasil*. 14. ed. Rio de janeiro: Ediouro, 2000.
- _____. Dicionário do Folclore Brasileiro. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- COSTA PINTO, Manuel da. *Literatura brasileira hoje*. São Paulo: Publifolha, 2004.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. A pesquisa em acervos e o remanejamento. *Manuscritica*-revista de crítica genética, n. 4. São Paulo: APML / USP, 1993, p.78-93.
- _____. Acervo: gênese de uma nova critica. In: *A trama do arquivo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995, p. 53-64.
- DAMTON, Robert. Boemia literária e Revolução. In: *O submundo das letras no Antigo Regime*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 168-79.
- DUARTE, Luiz Fagundes. A Fábrica dos Textos. In: *Ensaios de Crítica Textual acerca de Eça de Queirós*. Lisboa: Edições Cosmos, 1993, p.19-20.
- FERRER, Daniel. A crítica genética do século XX será transdisciplinar, transartística e transemiótica ou não existirá. Fronteiras da criação. *Anais..* In: IV ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISA DO MANUSCRITO, 1999. São Paulo: Annablume, 1999, p 49-61.
- FOSTER. E.M. *Aspectos do romance*. São Paulo: Globo editora, 2004.
- GIRÃO, Blanchard. Manuscrito retirado do arquivo pessoal de Natércia Campos, [S.l.: s.n.], [19--]. (Aqui com essas siglas estou dizendo que o local nem editor não são identificados e a data é porque sabe-se o século, mas não o ano certo)
- GRÉSILLON, Almuth. Textos, etapas, variantes: o itinerário da escritura. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n 31. Publicação do IEB de São Paulo: São Paulo, 1990.p.147-160.
- _____. :Alguns pontos sobre a História da Crítica Genética. *Revista do Instituto de Estudos Avançados*.v.11. n. 11. p.7-18. abril 1991.
- _____.;WERNER, Michail. *Leçon d' écriture. Ce que disent les manuscrits*. Paris: letres moderns minard, 1995.

_____. *Elementos de Crítica Genética: ler manuscritos modernos*. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2007.

GURGEL, Ítalo. *Uma leitura íntima de Dora, Doralina: a lição dos manuscritos*. Fortaleza: UFC, 1997.

HAY, Louis. *Critiques du Manuscrit. La naissance du texte*. José Corti librairie : Paris, 1989.p.11-20.

_____. *A Literatura dos Escritores* questões de crítica genética. Belo Horizonte: editora UFMG, 2007.

LIMA, Sônia Maria van Dijck. *Gênese de uma poética da transtextualidade*. João Pessoa: Editora universitária UFPB, 1993.

LOBO, Maria Antônia da Costa. *Crítica Genética: uma volta às origens*. Disponível em <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno03-05.html> Acessado em: 19 set. 2006.

_____. O processo de criação em Pedro Nava: o vasculhar do baú da memória. *Memória cultura*. Salvador: EDUFBA, 2000. p.233-238.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. Manuscrito: dimensões. In: *Manuscritica - revista de crítica genética*, n .7. São Paulo: Annablume, 1998. p. 37-46.

LUKÁCS, Georg. *A Teoria do Romance*: Um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. São Paulo: Editora 34, 2000. (Coleção Espírito Crítico)

LURKER, Manfred. Dicionário de Simbologia. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARION, Michel . *Recherches sur les bibliothèques privés à Paris au milieu du XVIII^a siecle* (1750-1759). Paris: Bibliothèque Nationale, 1978. p. 45-8.

MATTALIA, Eliane Jacqueline. *Uma parceria promissora: gênese textual e crítica literária. Memória cultural*. Salvador: EDUFBA, 2000. p.221-232.

“ ‘Fradiquices’ Brasileiras” In: MINÉ, Elza Assumpção. *Paginas Flutuantes: Eça de Queirós e o Jornalismo no século XIX*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999. ps.119-137.

MOMET, Daniel. *Comment étudier un auteur de troisième ou de quatrième ordre. Romanic Review, XVIII*, 1936, p. 204-216.

PINACHI, Regina P. Pedro Nava e os bastidores da criação. In: *Memória Cultural*. EDUFBA: Salvador, 2000.p. 209-220.

RAMOS, Clara. *Mestre Graciliano*: confirmação humana de uma obra. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1979, p. 124/5.

RAMOS, Graciliano. *Linhas tortas*: obra póstuma. 9.Ed Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1981,p. 196.

SALLES, Cecília Almeida. Reflexões sobre a relação do geneticista com o manuscrito. In:*Manuscrítica*, n. 3. São Paulo: APML / USP, 1992.

_____. Crítica Genética. In: *Uma (nova) introdução*. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2000.

SOUZA, Roberto Acízelo. *Teoria da literatura*. São Paulo: Ática, 1998.

SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica*. São Paulo: Cultrix, 1977.

TADIÉ, Jean-Yves. *A Crítica Literária no Século XIX*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

TAVANI, Giuseppe. *Los textos del siglo XX*. In: *Litterature Latino-Americaine et des caraibes du XX siecle*. Roma: Bulzoni editore, 1988a. p.53-63.

_____. Metodología y práctica de la edición crítica de los textos literarios contemporáneos. In: _____. Roma: Bulzoni editore, 1988b. p.65-84.

_____. Teoria e metodología de la edición crítica. In: *Litterature Latino-Americaine et des caraibes du XX siecle*. Roma: Bulzoni editore, 1988c. p.35-51.

TRESIDDER, Jack. *O Grande Livro dos Símbolos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. p.130 e 131.

VIANA, Carlos Augusto. Manuscrito retirado do arquivo pessoal de Natércia Campos. [S.l.: s.n.], [19--].

ZULAR, Roberto. Criação em Processo. In: *Ensaios de crítica genética*. São Paulo: editora Iluminuras, 2002. p.29-44, 97-146.

WILLEMART, Philippe. O nascimento do texto e o conceito de criação. *Manuscritica- revista de crítica genética*. n 2. São Paulo: APML / USP, 1991. p.77-98.

_____. (Org). Gênesis e memória. *Anais IV ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISA DO MANUSCRITO E DE EDIÇÕES*. São Paulo: Faculdade de Filosofia e Letras, 1995.

_____. O laboratório do manuscrito literário. *Manuscritica- revista de crítica genética*, n. 8. São Paulo: Annablume, 1999. p. 37-39.

ANEXO A – entrevistas

Transcrição da Entrevista com Regina Fiúza, diretora Administrativa da Academia Cearense de Letras e amiga de Natércia Campos, entrevista realizada em junho de 2008.

Elisabete Sampaio – Como surgiu o convite para a revisão do livro *A Casa*?

Regina Fiúza – Há algum tempo. Eu já conhecia o livro, de vez em quando ela me chamava na casa dela para ler alguns trechos para mim. Em 1998 ela se inscreveu para o Prêmio Osmundo Pontes de Literatura. Neste ano foi a maior coincidência e uma grande surpresa, as categorias eram romance e ensaio. Natércia ganhou com o romance *A Casa* e a filha dela Caterina com o ensaio, *Fortaleza, Velhos Carnavais*. Então ela me pediu para fazer a primeira revisão do livro, que foi lançado em 1999. Seu sonho era publicar por alguma editora do Rio de Janeiro ou de São Paulo. Logo depois eu fui ao Rio de Janeiro com o meu tio, Artur Eduardo Benevides, na época presidente da Academia Cearense de Letras, e em visita à Academia Brasileira de Letras fomos recebidos pelos acadêmicos, Tarcísio Padilha, então presidente, Antônio Olinto e Carlos Nejar. Eu havia levado alguns exemplares de *A Casa* e os dei de presente aos referidos acadêmicos. Antônio Olinto leu, ficou encantado e escreveu um artigo sobre o livro, que foi publicado em revistas literárias. Na época, a Natércia tentou conseguir a publicação por editors do Rio. Todos gostaram muito, mas infelizmente não saiu a edição tão esperada.

E.S - Eu até mandei uns livros para uma professora do Rio que veio para cá e estuda as mulheres escritoras, então eu dei o *Iluminuras* e *A Casa* de presente. Depois ela escreveu dizendo que tinha adorado. Isso foi no fim do ano passado.

R.F- Todo mundo gostava, nós mandamos para várias editoras do Sul.

E.S- Esse que a senhora mandou é um da capa branca ou um da capa marrom?

R.F- É o primeiro, o da capa marrom só tem ele e esse (apontando para a edição publicada pela UFC)

E.S - É porque lá no Acervo temos três capas, por isso que eu estou perguntando

R.F - No Acervo?

E.S - É, no acervo da Natércia. Tem um branco com uma casinha, que ela fez até uma correção, eu acho que o que veio logo depois dele é um marrom com uma casa.

R.F - O marrom é o que foi publicado pelo prêmio Osmundo Pontes, não houve publicação anterior a essa, eu desconheço essa capinha branca.

E.S -Eu acho até que como saiu um erro ela...

R.F - Ah, talvez tenha sido isso. Mas não houve lançamento, porque o oficial mesmo foi esse do prêmio Osmundo Pontes, que ela fez lá na UFC, na Imprensa Universitária.

E.S - Os comentários que ela fazia sobre a publicação eram todos antes de sair a primeira edição? Quando ela lhe chamava.

R.F- É, comigo foi antes, eu fiz a revisão só da parte de ortografia.

E.S-E ela aceitou as correções?

R.F -Tudo.

E.S - Eram correções gramaticais?

R.F- Eram, eu não mexi em nada, pois o livro era perfeito.

E.S - É engraçado a gente fica analisando os manuscritos e vê o quanto ela pesquisou para escrever. Você olha e pode achar que são cem páginas e ela não deve ter pesquisado tanto, mas eu já achei umas 16 versões.

R.F- É e ela ia mudando, desde a primeira versão até a publicação.

E.S - A senhora lembra mais ou menos qual era o ano?

R.F- Não lembro, só se eu pesquisar depois, mas agora eu não estou me lembrando.

E.S - É, são muitas datas.

Porque eu jáachei vários manuscritos em folhas soltas, pedacinhos de papel, às vezes anotações no calendário, parece que ela gostava de anotar nos calendários.

R.F - Como eu lhe disse as nossas famílias sempre foram muito ligadas, muito amigas. Eu morei 18 anos fora, quando voltei para morar aqui, logo depois eu fui eleita para a Sociedade Amigas do Livro e ela já fazia parte da SAL, então nos encontrávamos pelo menos todo mês e fomos estreitando a amizade. Nesse espaço de tempo em que eu morei fora, muita coisa aconteceu em sua vida. Eu soube porque ela me contou. Ficamos realmente muito próximas e às vezes ela estava em algum lugar e lembrava de algumas anotações, pois sempre andava com papel.

E.S - São interessantes os papéis que ela anotava, qualquer pedacinho de papel servia para escrever.

R.F – É, pedaço de papel, guardanapo. Um dia desses eu achei uns guardanapos escritos por ela, quando nós íamos para as reuniões da Sociedade Amigas do Livro, ela escrevia uns comentários sobre a palestra ou sobre alguma coisa que ela queria me dizer. Às vezes desenhava, para explicar melhor, usando umas setas.

E.S - Essas setas aparecem sempre.

R.F – É, eram ótimos bilhetes, alguns eu nem posso divulgar porque há comentários pessoais.

E.S - Eu sei.

Infelizmente, nós não temos todos os livros da biblioteca dela, porque ela sempre citava que lia Câmara Cascudo, inclusive no discurso de posse, e eu encontro muitas anotações, ver livro, página tal, tanto o livro do Oswaldo Lamartine, que era muito amigo dela, quanto os do Câmara Cascudo.

R.F – Talvez tenham sido divididos com as filhas.

E.S - Elas tinham dito que iriam doar para uma escola pública, mas eu não sei se doaram.

R.F - Eu acho que não. A Carol hoje é a mais fácil de conseguirmos qualquer informação, a mais disponível, porque a Caterina é muito ocupada e as outras duas moram em Brasília.

E.S - A Emanuella e a Clarissa.

E depois que saiu a primeira edição ela fez algum comentário de como tinha sido a recepção da obra?

R.F - Não, não precisava fazer porque eu andava junto com ela e nós víamos. Uma vez ela veio para cá, para a ACL e nós pegamos uns livros e mandamos para várias editoras, eu participei desse processo junto com ela. Botávamos no envelope e mandávamos para as editoras, com uma carta, do Artur Eduardo Benevides indicando o livro. Ela esperava que saísse uma publicação através do Antonio Olinto. Quando ela recebia qualquer opinião sobre o livro ligava para mim. Havia uma pasta só com essas cartas, com esses comentários.

E.S - Nós temos no Acervo algumas cartas, mas como eu estou trabalhando só com os manuscritos d'A *Casa* deixei as cartas de lado, porque é muito material.

R.F - Há também aquelas cartas do Jorge Medauar e dela para ele. São dez anos de correspondência. Muita coisa, muita coisa boa mesmo. Mas essas cartas que eu falo eram de pessoas que escreviam depois que liam A *Casa* e enviavam para ela, escritores daqui e de fora. Alguma coisa eu ainda tenho cópias, porque ela sempre me dava umas cópias.

E.S - Ela sempre tirava cópia das cartas que mandava.

R.F – Quase sempre.

E.S - Interessante porque nem todos os escritores trabalham assim.

R.F - É, não. Eu tenho alguma coisa, preciso até parar para juntar as coisas da Natércia. Tenho todos os livros dela oferecidos a mim, com dedicatórias maravilhosas, 1^a edição, 2^a edição. Tudo o que foi publicado dela eu tenho.

E.S - Porque no Acervo tem poucos exemplares, o que tem em grande quantidade é o *Iluminuras*.

R.F - O da 2^a edição.

E.S - As outras são mais raras. Os manuscritos e as versões digitadas temos todas. Por isso que eu perguntei se alguém digitava, porque às vezes ela pode ter modificado alguma coisa ou a digitadora pode ter cometido um erro, isso é importante saber.

R.F - Não, mas todos os erros que a digitadora fazia eram corrigidos por ela. Ela quando ia levar para a publicação já estava tudo corrigido.

E.S - A senhora não lembra o nome dessa pessoa que digitava?

R.F – Não, só se eu perguntar à Carol. Era uma moça, dessas que vão em casa digitar, tipo uma professora de informática.

Às vezes, ela me ligava: “Ei quando você sair daí da ACL passa aqui para tomar um café”. Ela adorava capuccino, tomávamos um capuccino, nos sentávamos na varanda ou ficávamos dentro do quarto dela.

E.S - A senhora tinha falado sobre alguns comentários que ela fazia no momento em que estava escrevendo.

R.F- Ela às vezes me chamava lá na casa dela para mostrar alguma coisa que ela havia acrescentado, ou tirado.

E.S - A senhora lembra de alguma dessas modificações?

R.F – É difícil lembrar porque já faz tanto tempo!

E.S - Porque eu notei que ela retirou muita coisa, até tem um comentário que ela escreve “retirar o rastro de plumas da *Casa*” eu não sei se ela já tinha escrito no livro ou se ela pensou em colocar e desistiu da idéia antes mesmo de digitar.

R.F - Não sei detalhes assim, porque tirou isso, porque tirou aquilo. Ela às vezes comentava alguma coisa, mas realmente fica difícil de lembrar.

Quando ela já estava doente e a UFC publicou a segunda edição para vestibular ela viu e ficou triste porque tinham tirado as epígrafes.

E.S - Inclusive eles nem citam que é a segunda edição, se você não conhece pode achar que é a primeira. Eles modificaram até os espaços que na primeira edição ela deixava maior.

R.F- Foram eles que retiraram todos aqueles espaços que eram bastante significativos, aquilo foi outra coisa a entristeceu, tiraram os espaços todos, as epígrafes e a apresentação feita por ela, tudo isso fazia parte integrante e imprescindível do Romance.

E.S- Eles não comentaram com ela, não chamaram para ela ver?

R.F- Não, quando ela reclamou eles deram a desculpa de que as epígrafes podiam influenciar o leitor.

E.S- Eu acho também, que é porque todos os livros dessa coleção são mais ou menos do mesmo tamanho, o mesmo número de páginas e é uma pena porque é o livro mais barato e que o público tem mais acesso.

R.F- E o outro está esgotado, todos os livros dela estão esgotados, menos a reedição de *Iluminuras*.

E.S- É, só se for em sebo.

R.F- Agora a história do *Por Terras de Camões e Cervantes* é que tenho assim um orgulho muito grande porque fui eu que a incentivei. Sempre que ela viajava, fazia as anotações dela. Então esse texto era uma carta que ela ia mandar para o Medauar, falando sobre a última viagem a Portugal e Espanha. Quando ela chegou me chamou para almoçar com ela em um restaurante na Vila Pita.

E.S - Era um de saladas? Bem na esquina?

R.F - Era, bem na esquina, mas acho que o de saladas já foi depois, foi o primeiro que teve lá. Ela era muito entusiasmada. Levou uma pasta enorme, cheia de coisas, cartões postais. Ela adorava cartão postal, por onde passava pegava um cartão, um folheto e então leu para mim essa carta contando a viagem. Eu achei tão lindos, que sugeri a ela que lesse a carta na próxima reunião da Sociedade Amigas do Livro. Tínhamos que valorizar a prata da casa. Ela fez a reunião, leu a carta e foi um sucesso, todo mundo adorou. Eu falei que ela devia publicar. Ela conversou com o Jesuíno, que era o então diretor da Imprensa Universitária e foi feita aquela edição. Todo mundo gostou. Ela deu para várias pessoas, não teve nem um lançamento e depois ela resolveu fazer a segunda edição. Um ano antes a Salma Machado, nossa amiga da Sociedade Amigas do Livro resolveu reeditar o *Iluminuras*, e houve então um lançamento. Em seguida ela resolveu relançar o *Por Terras de Camões*, que, aliás, ficou belíssima essa edição.

E.S - Aqui o *Por Terras de Camões* vem em 1998 e *A Casa* em 1999, mas quando eu estava olhando tem manuscritos de oitenta e pouco, já tem coisa sobre “A Casa”.

R.F- É, muito anterior, *Iluminuras* ganhou o Prêmio Nestlé de Contos.

E.S- Foi quando o primeiro neto dela nasceu. Ela comenta que fez o conto e começou a escrever com o nascimento do primeiro neto.

R.F - É e foi o filho dela quem incentivou. O primeiro prêmio que ela ganhou foi ele que enviou o conto e morreu antes dela receber a premiação.

E.S - O José Thomé. Eu nunca pude conversar com ela só a vi naquele dia por acaso (numa palestra na ACL) e também não participei do primeiro ano do Acervo, entrei no ano seguinte.

R.F - Era uma coisa muito difícil para ela falar da morte do filho. Eu nunca perguntei nada sobre ele, nada do Zé! Um belo dia ela me contou como ele tinha morrido. Ela era assim dependendo da situação, ou do ambiente, ela falava, às vezes íamos ao cinema juntas, ou tomar lanche. Às vezes ela se abria mais, contava alguma coisa, soltava assim uns “flashes”, acho que era muito difícil para ela falar. Eu morava fora na época, sabia que ele tinha morrido, mas não sabia a causa da morte. Quando ele a inscreveu nesse concurso do Sudameris, parece que um mês depois ele morreu e logo em seguida ela foi comunicada de que havia tirado o primeiro lugar, com o conto “A Escada”. Por causa disso, ela resolveu continuar escrevendo. Ela fez o *Iluminuras* e mandou para o prêmio Bienal Nestlé de Literatura. A respeito do prêmio, tem uma coisa interessante nesse ano, ela participou e o Artur Eduardo Benevides também mandou um livro de poesia. Eles ganharam, ela em conto e o Artur em poesia. Não é engraçado dois ganhadores cearenses, nas duas categorias? Ela foi receber o prêmio, viajou para São Paulo, lá conheceu pessoalmente o Medauar e a esposa dele. O marido dela a acompanhou e o Medauar ofereceu um jantar para eles lá. Ele já tinha bastante idade.

E.S - Algumas pessoas já me perguntaram se ela pensava em primeiro escrever vários contos ou se ela tinha em mente que ia escrever o Romance *A Casa*.

R.F - O Romance acho que é bem antigo, eu tenho dúvidas se primeiro foi o conto “A escada”... Tu podes olhar lá nos primeiros manuscritos dela qual foi o ano.

E.S - Ela não anotava. Esse vai ser um grande trabalho, eu vou ter que ver a cronologia, de acordo com o que ela tirou ou acrescentou, esse está diferente deste, mas qual veio primeiro?

R.F - É porque nunca imaginamos que possa acontecer uma coisa dessas com uma amiga da gente. Ela deu aqueles livros do Moreira Campos para a Academia Cearense de Letras e quando ela morreu, nós fizemos o cantinho da família com o quadro da irmã Badida e os livros dela e do Moreira, os troféus e fotos, na sala Moreira Campos.

E.S - Porque no começo a Neuma fez o projeto para professora da UFC com o Acervo do Moreira Campos e ela conversou com a Natércia, que gostou da idéia, mas quando o Acervo foi doado para a UFC a Natércia já tinha falecido, então a família doou também o Acervo dela.

R.F - Mas os livros que vieram para cá foram da coleção de Literatura Brasileira e Cearense, dele Moreira, grande parte. A Natércia ficou com alguma coisa para ela e o resto veio para cá.

E.S - Tem alguns livros dele, inclusive os livros com os quais ele dava aula. Agora os livros dela eu não tenho e isso é uma pena porque provavelmente ela fazia algum comentário durante a leitura.

R.F - Ela escrevia, eu também escrevo, eu grifo, grifo mais do que escrevo, mas ela escrevia e também grifava.

E.S - Pois é, e essa parte da pesquisa vai ficar um vazio, porque eu também não tenho contato para pedir emprestado os livros e eu nem sei onde estão.

R.F - E você e Neuma trabalham no Acervo?

E.S - Eu, a Neuma, a Isabel, a Terezinha e a Joyce. É difícil achar pessoas que queiram trabalhar com isso, por incrível que pareça.

Eu estou pensando em fazer a dissertação por tema, espero que dê certo. Escolher um tema e trabalhar todos os trechos que falem sobre isso, foi a única maneira que nós pensamos que poderia dar certo.

R.F - Mas vai dar muito trabalho, não?

E.S - Todas as formas que eu escolher vão dar trabalho, mas eu tinha pensado nesse tema da água porque ela pesquisou muito e é recorrente no livro desde a primeira página até o final.

R.F - Muito. Até foi o que eu disse no final daquele meu texto sobre ela, tudo foi nas águas, o filho morreu nas águas.

E.S - O livro seguinte foi o *Caminho das Águas*.

R.F - E havia uma ligação forte dela com a água.

E.S - Ela tem uma coisa com gnomos.

R.F - É, com feiticeiras também, eu tenho uma feiticeira bordada por ela, num quadrinho, tenho também uma tábua de cortar queijo que é em forma de rato com queijinho furadinho na ponta do rabo. Essa eu botei pregado, na parede, na mesa da cozinha e toda hora eu fico olhando para ele.

Ela era uma pessoa extremamente agradável e amiga mesmo, eu me lembro que há dez anos, eu fiz uma histerectomia e eu devia ficar de repouso. Natércia passava lá em casa todo dia, levando bolos, revistas, livros, todo dia ela deixava uma coisinha, um mimo para mim. Ela era desse jeito, atenciosíssima.

E.S - Todas as pessoas comentam que ela era muito humana, muito amiga.

R.F - Muito, eu só a chamava de Neguinha. E ela sempre tinha uma coisinha para agradar a gente, me chamava de Minha Linda.

E.S - Eu queria tê-la conhecido, iria me ajudar muito. Esse ano era para ela completar 70 anos.

Pergunto sobre o João Soares Neto.

R.F - Ela tinha muito carinho por ele, talvez fossemos as pessoas mais próximas dela, antes de sua morte, nós, e principalmente a Neide Cordeiro.

R.F – Você já conversou com a Neide Cordeiro? Elas trabalhavam juntas na SECULT e eram muito amigas. Ela deve ter muitas informações que possam te ajudar.

E.S - Obrigada.

AUTORIZAÇÃO

Eu, REGINA CLÁUDIA PAMPLONA FIÚZA, autorizo a publicação da entrevista sobre Natércia Campos na dissertação de mestrado “*A Casa: Arquitetura do texto, uma investigação sobre a origem do romance de Natércia Campos*”, de Elisabete Sampaio.

Fortaleza, 17 de abril de 2009.



Transcrição da Entrevista com Sânzio de Azevedo, professor do curso de Letras da Universidade Federal do Ceará e amigo de Natércia Campos, entrevista realizada em julho de 2008.

Elisabete Sampaio- Como era a sua amizade com Natércia? Como a conheceu?

Sânzio de Azevedo- Eu já conhecia o pai dela Moreira Campos quando Natércia Campos publicou com o nome Natércia Campos de Saboya o primeiro livro dela, *Iluminuras*, e o Moreira a trouxe para fazer uma palestra aqui no auditório José Albano. Então o Moreira me apresentou a ela e ela olhou para o outro lado. Eu achei a Natércia tão antipática. Porque ela tinha ganho o prêmio Nestlé e eu a achei muito ensimesmada. Ave Maria, o Moreira Campos humilde e a filha tão arrogante, não tomou conhecimento de mim. Depois, com o tempo, é que eu iria descobrir que ela era mesmo era desligada. Quando nos aproximamos eu fiquei gostando tanto dela. Dizia para ela Natércia: eu achava que você era antipática “Que é isso meu bichinho?” Ela publicou vários livros, gostava muito de perguntar. Quando ela publicou *A Casa*, a primeira edição, escaparam algumas coisas e aí ela pretendia tirar uma segunda edição e nunca tirou. Porque a edição da UFC, do vestibular, foi um desgosto para ela, por isso ela pediu para eu fazer uma revisão. Qualquer coisa eu a consultava e ela dizia “Meu bichinho, faça como quiser.” Encontrei vários anacolutos, ela escreve muito bem, mas sem muito cuidado, às vezes vinham uns anacolutos. Sabe o que é anacoluto? Aquela frase que tem dois sujeitos, vai falar uma coisa e depois o sujeito já é outro. Eu ligava para ela e dizia: Natércia e essa frase? Lia para ela e dizia que isso deve ter sido um erro de digitação e ela falava “Não meu bichinho é burrice mesmo.” Ela era maravilhosa. Eu fiz a revisão e ela queria pôr meu nome: revisão de Sânzio de Azevedo e eu disse que não, porque na primeira edição tem o nome de uma amiga minha e não é nada ético eu fazer isso. Dá a impressão que eu fiz a correção do trabalho anterior e eu pedi para ela não colocar e ela não colocou. Agora, quanto à publicação do livro, eu já disse em alto e bom som em todas as reuniões que a Natércia morreu com desgosto com essa mania do vestibular de tirar as introduções, as epígrafes. Eles tiraram as epígrafes, isso é um absurdo, porque elas são parte integrante do livro. Logo se vê que quem determinou isso não entende nada de literatura. Desculpe eu estar falando de mim, mas organizei a *Antologia do Parnasianismo*, da Global, na série Roteiro da Poesia Brasileira da Edla Van Steen: em cada soneto de autor que tinha epígrafe eu coloquei todas. Ninguém mexe em epígrafe não.

E.S.- E a justificativa é pior ainda.

S.A.- É para os alunos não entrarem na justiça.

E.S.- Até os espaços entre os parágrafos eles tiraram.

S.A.- Acabou o aspecto semiótico. Ela ficou com mais desgosto porque tiraram a dedicatória ao pai e deixaram uma epígrafe do Câmara Cascudo.

E.S.- E ainda não consultaram a autora.

S.A. O Falcão, diretor da imprensa, depois da morte dela disse para mim “É, no fim ela aceitou” E eu disse: aceitou não, porque eu falei com ela até quase na véspera da morte e ela nunca aceitou e nem as filhas aceitaram, aquilo foi uma aberração. O Murilo Martins entendeu de ressuscitar a coleção Alagadiço Novo, do pai dele, e me chamou para ser presidente e eu passei a presidência para o João Soares Neto, porque eu não quero ser presidente de nada. Numa das reuniões ele me apresentou ao Falcão e eu escrachei nessa reunião. Quando foi um belo dia eu me lembrei de um Haicai meu, que faz parte do livro *Lanternas Cor de Aurora*, mas estava já em *Cantos da Antevéspera*. É esse aqui “Assombração” Noite escura e morta./ O vento é triste lamento/ nas frinhas da porta. Ela disse “Meu bichinho isso dá certinho com o meu livro, eu vou botar nas epígrafes na segunda edição”. Porque ela fala muito no vento. Quando eu me lembrei disso me deu um frio na espinha, porque eles iriam pensar que eu estava fazendo essa zoada toda para aparecer, eu me calei, nunca mais falei nisso. Falei com a Angela Gutiérrez que um belo dia nós vamos fazer essa segunda edição que a Natércia queria.

E.S. -Então o convite para a revisão surgiu dessa forma inesperada.

S.A.- É, ela disse que queria uma segunda edição e eu comentei que tinhias uns errinhos, tinha uns erros, inclusive tipográficos, graves. Como eu fui revisor durante muito tempo até do *O Estado, de S. Paulo*, ela me pediu. Inclusive o Moreira Campos pediu uma vez para eu fazer a revisão de um dos livros dele, não me lembro mais qual foi, ele fez questão de pagar e eu disse não, pelo amor de Deus, e ele disse “Se você não aceitar eu vou ficar chateado”. Eu aceitei, ele era muito correto. Depois disso nós dois (eu e Natércia) organizamos as *Obras Completas* de Moreira Campos. Eu pensando em fazer um giro fiz um giral. Ela ia colocar o meu nome e o dela e eu disse que já ia assinar a introdução e ela deixasse só o dela. Eu fiz foi uma maldade porque a Natércia ficou sendo responsável por tudo, inclusive as pessoas que não foram incluídas na bibliografia chiaram e reclamaram dela. E eu não devia ter feito isso porque pelo menos a gente dividia, como eu fiz com a Angela no *Iracema*: eu aceitei aparecer como coordenador com a Angela, eu trabalhei muito no estabelecimento do texto, mas o resto não, como organizador não. Como eu

trabalhei ela queria que eu aparecesse, eu aceitei, mas tinha que ser na ordem alfabética, porque o nome dela viria primeiro.

E.S.- Além desse livro o senhor corrigiu outros textos da Natércia?

S.A.- Que eu me lembre, ela publicou um livro de viagens e parece que ela pediu para eu dar uma olhada.

E.S.- O *Caminho das águas*?

S.A.- É um de Portugal e Espanha?

E.S. -Não, esse é o *Por Terras de Camões e Cervantes*.

S.A.- Foi nesse que eu dei uma olhada.

E.S.- O *Caminho das águas* também é de viagens, mas ao norte do Brasil.

S.A.- Não estou bem lembrado desse livro. Esse eu não corrigi.

E.S.- Foi o último livro dela. As correções eram mais gramaticais ou eram sobre o conteúdo do texto?

S.A.- Era correção só de revisão de ortografia e de gramática, como eu lhe falei, os anacolutos.

E.S.- Ela aceitou?

S.A.- Ela aceitava tudo.

E.S.- O senhor sabe dizer se ela pediu ao Moreira Campos para ler ou corrigir *A Casa*?

S.A.- O livro foi publicado antes ou depois de o Moreira morrer?

E.S.- Foi publicado em 98, depois da morte dele, mas ela começou a escrever bem antes.

S.A.- Tudo indica que o Moreira já estava doente, porque ele poderia ter feito uma bela revisão. Porque eu freqüentei a casa dele até quase os últimos dias e tive uma surpresa, isso eu digo até com certo orgulho e admirado do fato. Quando ele morreu a D. Zezé me chamava meu amigo. Eu perguntei como vai e ela disse “Sânzio você sabe que você foi o único amigo dele que o visitou até o último mês de vida dele?” Eu fiquei pasmo, porque ele sempre almoçava com os amigos e tinha amigo que não acabava mais e na hora da doença mesmo sumiu todo mundo e eu nem sabia. Uma das últimas vezes que eu fui lá, até falei isso no programa sobre ele na televisão, levei uma foto que tinha o Xisto Bivar e uma do Zé Nogueira; e o Xisto Bivar matou o Zé Nogueira e este era primo da D. Zezé e isso foi motivo para um conto “Velha História ou a Serpente” e eu identifiquei o fato no conto e disse ao Cruz Filho, que era poeta, nasceu em 1884, eu tive a honra de tê-lo como amigo e falecido 1974 e o Cruz disse ao Moreira. Aliás nós até ficamos amigos por isso e ele disse “ Sânzio, como é que você identificou uma coisa acontecida no ano em que eu

nasci?" O crime do Xisto matando o Zé Nogueira foi em 1914, no ano do nascimento do Moreira, e eu disse que meus pais falavam muito nesse crime.

E.S.- O senhor sabe de mais alguém que tenha corrigido *A Casa*?

S.A.- Até agora eu só sabia dessa pessoa que corrigiu primeiro e eu.

E.S. O senhor já ouviu falar de um conto intitulado “O espelho” da Natércia?

S.A.- Não está em livro nenhum? Não conheço.

E.S.- Em entrevista com a Carolina Saboya ela comentou que esse conto seria o começo d'*A Casa*. Por isso eu pergunto, já achei muitas pesquisas sobre espelhos e ainda segundo a Carolina ela teria inserido esse espelho como um objeto da casa. O espelho veneziano que foi dado ao bisneto.

S.A.- Esse conto nunca foi publicado?

E.S.- Não.

S.A.- Tem manuscritos dele?

E.S.- Já encontrei alguns.

S.A. O conto dela mais conhecido é aquele “A escada”, até foi premiado.

E.S. O senhor só corrigiu o livro depois da primeira edição? Antes disso ela não mostrava os manuscritos.

S.A.- Ela deu um exemplar para mim e a Fernanda e nós lemos, gostamos muito da história. Eu comentei com a Natércia que era muito bom, pena que tivessem saído alguns errinhos e ela comentou que queria fazer uma segunda edição e pediu para eu corrigir.

E.S.- Esse exemplar que o senhor tem é um da capa marrom? Porque tem no acervo três exemplares com a capa branca e que ninguém conhece.

S.A.- É o da capa marrom desenhada pelo Jesuíno. Esse branco foi publicado?

E.S.- Acredito que não. Acho que eram as provas.

S.A.- Por isso não, eu tenho o livro *Novos Ensaios da Literatura Cearense*, publicado em 92, pelo Dr. Martins e a capa dele é verde e eu tenho um exemplar bordô. Porque era para sair bordô, mas depois ele quis verde.

E.S.- Ela falou sobre projetos de outros livros?

S.A. Acho que o livro em que ela acreditava mais era *A Casa*, porque ela até enviou para o Antonio Olinto um exemplar tentando uma segunda edição. Tentou também com o primo Adriano Espínola e não conseguiu. Eu fiquei muito triste quando ela não conseguiu publicar no Rio de Janeiro e essa história do vestibular. Foi uma frustração para ela, morreu com essa mágoa. Eu só descanso no dia que eu puder publicar essa segunda edição, porque valia a pena publicar uma edição como ela queria com as epígrafes e tudo.

E.S.- Tem mais alguma coisa que o senhor queira acrescentar sobre ela?

S.A.- A Natércia era uma amiga tão extraordinária e maravilhosa que no discurso de posse dela na Academia Cearense de Letras eu estava em Paris e depois quando ela me enviou o discurso eu vi que ela encerrou com um poema meu; eu fiquei comovido, naturalmente que desagradou a muito poeta oficial da terra. O maior contraste que achei no meu conhecimento com a Natércia foi ter achado que ela era tão esnobe e ela era mesmo desligada. Uma coisa extremamente triste que eu acho foi depois que ela estava doente e eu dizia que estava rezando por ela e ela agradecia. Eu estava lá na Livro Técnico da Dom Luis, com a Fernanda e eu vi duas pessoas chegando uma com um turbante e olhou para mim e eu não reconheci; a outra passou perto de mim era uma pessoa muito amiga dela, que eu agora esqueci o nome.

E.S.- A Neide?

S.A.- Acho que era. Quando elas duas entraram eu pensei que era a Natércia. O que ela deve ter sentido olhando para mim e eu não falei com ela porque não reconheci, mas ela nunca comentou e nem eu. Depois ela me contou, por telefone, que encontrou o Alberto da Costa e Silva, que já foi presidente da Academia Brasileira de Letras, que é filho do grande poeta da Costa e Silva, do Piauí. Ela falou com ele e disse “O senhor não está me reconhecendo?” ele respondeu “Bom, com esse pano na cabeça realmente” Porque um turbante deixa uma pessoa muito diferente. Acho que foi a última vez que eu encontrei com ela, porque ela já estava doente. Foi horrível, mas nós tivemos a delicadeza de não tocar no assunto. Eu fui à missa da Natércia e a D. Zezé chorava muito e eu cheguei perto dela e ela não estava ouvindo e nem enxergando bem e a Carol disse: é o Sânzio. Ela me abraçou chorando e disse “Ô Sânzio você não sabe, aliás sabe sim.” Ela perdeu o marido e em pouco tempo a filha. Eu e a Natércia conversamos muito por telefone, mas poucas vezes pessoalmente. Ela foi lá em casa, andava no fusca que era do Moreira, ela ficou lá em baixo e desci e ficamos conversando ela até disse que viveu 20 anos com o marido e se separou e eu também me separei depois de 20 anos de casado. A gente conversava sobre Literatura e ela tinha muita admiração pelo pai. Ela fazia tudo pelo Moreira, até louvável isso. Batizaram até o bosque Moreira Campos. Foi até numa reunião de tudo quanto era contista do Ceará e o Pedro Salgueiro me convidou porque eu escrevi uns contos numa revista, mas não pretendo nunca publicar em livro. Vieram até a Natércia e a D. Zezé e depois teve a história do Bosque Moreira Campos e eu disse: isso é uma Universidade Federal, não podemos batizar nada, eu sou um professor e fica chato para mim. Vamos falar com o chefe do departamento que era o Carlos d’Alge e ele não estava. Falamos com

a Maria Elias e ela aceitou e teve até uma inauguração, isso eu digo para mostrar o amor dela. Alguém do grupo disse que tinha sido idéia dela e as pessoas acharam que tinha sido do grupo. O departamento fez uma sala Moreira Campos, acho justo, mas o Milton Dias nunca foi lembrado em nada. É isso.

E.S. -Muito obrigada.

AUTORIZAÇÃO

Eu, Rafael Sáenz de Azevedo, autorizo
a publicação da entrevista sobre Natércia Campos na dissertação de mestrado
“*A Casa: Arquitetura do texto, uma investigação sobre a origem do romance*
de Natércia Campos”, de Elisabete Sampaio

Fortaleza, 16 de abril de 2009.

Ass.: 

Transcrição da Entrevista com Neide Lopes, funcionária da Secretaria da Cultura e Desporto do Estado e amiga de Natércia Campos, entrevista realizada em agosto de 2008.

Elisabete Sampaio - Como era a sua amizade com Natércia? Como você a conheceu?

Neide Lopes- Era uma amizade muito bonita, de irmã. O interessante é que eu já conhecia seus pais o Prof: Moreira Campos e Dona Zezé e Cid, seu irmão. Tínhamos casa no Icaraí e minhas meninas eram amigas das suas sobrinhas, filhas do Cid. Nossas casas eram bem próximas e passávamos todas as férias lá, então eu conhecia a Natércia e Mariza pelo que a D.Zezé falava. Eles a chamavam de Techinha e de Badida à Mariza que morava fora e conheci bem depois da Natércia.

Eu trabalho na Secretaria de Cultura e estava coordenando a Assessoria de Planejamento e Coordenação - APC da Secult, no governo Ciro Gomes, quando ela foi convidada a prestar assessoramento ao governo e a lotaram na APC. Foi fácil reconhecer nela o que D. Zezé falava e daí começamos o companheirismo e a amizade que foi construída dia a dia, no trabalho que passamos juntas a realizar. Ela veio para acrescentar à nossa equipe na Secretaria da Cultura. Ela tinha um jeito muito espontâneo, era sempre muito atenciosa, educada e fina. Uma memória fantástica! Nessa época nós estávamos terminando de preparar a publicação de uma pesquisa, iniciada na gestão anterior da D. Violeta, o levantamento de todo os bens culturais do Estado do Ceará, dos artistas e grupos e ela nos deu uma contribuição fantástica nessa finalização principalmente, na confecção dos textos. Ela era a nossa escrivã da história. Nosso relacionamento começou aí.

Era interessante porque ela tinha muito conhecimento sobre Literatura, mas na parte burocrática do serviço público, tinha algumas dificuldades e nós fomos trocando informações, saberes, quando percebemos já era uma amizade muito sólida, muito bonita. A Natércia importava-se muito com as pessoas e estava sempre disponível para ajudar. Eu cresci muito com esse relacionamento e todas as pessoas que trabalhavam na APC, eram unânimes em dizer: Nós todos crescemos com a amizade da Natércia, a Assessoria de Planejamento melhorou muito com a chegada dela. Ela era uma pessoa muito iluminada, muito inteligente, prestativa e fez muita falta para a cultura do Ceará e principalmente para nós.

E.S.- Durante o tempo em que vocês trabalharam juntas ela comentava que estava escrevendo um livro?

N.L.- Sim. Natércia já chegou premiada na Secretaria de Cultura, pelo Bamerindus com o conto “A escada”. Foi o seu filho José Thomé que a inscreveu nesse concurso e pouco tempo depois desse prêmio, como dizia ela, “encantou-se” (faleceu em um acidente com 27 anos.). Depois o Prêmio Nestlé em 1988.

A noite das fogueiras, foi um livro que ela escreveu no tempo em que estava lá com a gente. Se eu não me engano, começou como uma historinha que ela criou para a Carolina ainda pequena, naqueles momentos de acalantos. Ela escreveu a historinha original e depois foi ampliando, com pesquisas sobre as lendas e mitos dos países, quer dizer, era dessa forma que ela escrevia: fazia a estrutura, aquele início e ia acrescendo informações, complementando e era tudo a mão, gostava de escrever com lápis, porque ela apagava, riscava, recortava, juntava, era uma construção. E eram sempre recheados de informações e conteúdos que resultavam das pesquisas e do seu conhecimento universal. Eram didáticos sem ser chatos porque ela sempre teve um modo muito leve e interessante de narrar. Você então que teve acesso aos manuscritos dela deve ter visto a forma de escrever.e de colocar os adendos. Era uma pessoa muito disciplinada que não esquecia um compromisso, uma reunião, fosse social ou de trabalho. Tinha uma agenda *sui generis*. Ela anotava, de lápis, os compromissos em um pequeno cartão e logo que realizava apagava, para reutilizá-lo, colocando novos compromissos e datas... Cada dia ela programava sua agenda e anotava tudo nesse papel. Às vezes colocava junto ao cartão pequenos lembretes ou convites que recebia e, guardava todos juntos dentro de um saco de plástico em sua bolsa. Era uma agenda muito prática e fácil de consultar. Tinha uma memória como eu nunca vi. Os livros que leu eram todos guardados em sua memória. Qualquer assunto que você falasse ela sempre sabia além e sempre ilustrava com exemplos ou com informações sobre os autores, etc. Como ela gostava de dizer: “tinha sido criada no meio dos livros”. Comentou certa vez que desde pequena era louca por leitura e gostava quando tinha visita em casa que ela ficava mais livre e pegava um livro e ia ler em baixo da mesa. Lembrava de todos os livros que leu na adolescência e gravava tudo o que lia. No tempo em que trabalhávamos juntas, só voltávamos à tarde para casa, então o almoço, sempre fazíamos por perto da Secretaria e, nesses intervalos, tínhamos nossas horas de lazer e conversávamos muito. Falávamos sobre os projetos, a vida, fazíamos confidências, trocávamos conselhos. E fazíamos muitas coisas juntas. *A noite das fogueiras* que ela terminou de organizar e juntar tudo que ela tinha anotado para levar para publicar na gráfica do Jornal *O Povo*, é um exemplo. Eu acompanhei tudo, toda vez que ela ia deixar algo ou ver uma prova da capa ou de texto. Ela tinha o fusca verde que foi do professor. Às vezes íamos em seu fusca com ela dirigindo

outras era no meu carro e no final você já não encontrava uma sem a outra. Lançamento de livro íamos juntas, uma era companhia para a outra. Acho que juntou a fome com a vontade e comer. Eu nasci no interior e não tenho o conhecimento, o hábito de leitura ou história literária. Na nossa amizade uma enriquecia o conhecimento da outra, embora eu creia que fui mais aquinhoada do que ela. Eu mais com a prática da vida e do trabalho, do serviço público e ela com tudo, porque tinha uma grande bagagem. Escreveu *A Casa* sem nunca ter ido ao Sertão. Quanto à pergunta que você me fez sobre um desenho que encontrou no Arquivo e no qual ela escreveu “desenho da Neide”, não lembro mais a que propósito fiz tal desenho, mas creio que era sobre os armadores, sua colocação, a altura e eu desenhei para dizer como eram nas casas do interior, a parede grossa, os armadores, os alpendres. Mesmo tendo pesquisado em Câmara Cascudo ela gostava de interrogar, comparar, até pra ver se havia diferença na forma de fazer de cada localidade. Ela tinha um conhecimento muito grande dos mitos, das lendas, da história dos Santos, do modo de viver do povo sertanejo. Amava o Câmara Cascudo e leu toda a sua obra, sabia tudo de Sertão. Eu, realmente conhecia, mas sem essa preocupação de prestar atenção no “como fazer” e, então quando ela me interrogava sobre algo a minha informação era baseada mais na memória da minha infância no interior pois, adolescente saí para vir estudar, embora voltasse nas férias.

Foram quase quinze anos de convivência diária. Eu participei de todas as suas vitórias e de todos os seus projetos e ações, de toda a sua luta vencida da doença, de tudo.

A história d'*A Casa*, não sei se Carolina lhe falou que ela desejava inscrever no Prêmio Osmundo Pontes. Estávamos conversando certo dia, era fevereiro e ela disse “Se eu tivesse terminado o meu romance *A Casa*, eu o inscreveria no “prêmio” deste ano que é na categoria Romance”. Perguntei quando se encerravam as inscrições e o que faltava para terminar. Faltava dar ao texto a forma e era em junho. – Você tem três meses, dá tempo!. – Neidinha, você está ficando doida, não está vendo que não dá tempo. – A história não já está pronta? Não sabe já tudo o que você quer contar? É só escrever. Escreva que eu digito, achando eu que dava conta, debulhando milho no computador. – Você me ajuda? – Ajudo. Vamos ganhar esse prêmio? – Vamos. No dia seguinte ela me trouxe seis páginas manuscritas e eu comecei a digitar. Só dei conta até a página 41 quando termina a descrição da construção da casa. Não lembro agora se era 41 do computador ou do manuscrito, só sei que gravei esse número. Então ela me trouxe uma quantidade enorme de páginas e, com o trabalho da Secretaria, no final do dia ela me cobrou. Eu disse: não estou dando conta. Foi quando entrou a Lilá na história, ela trabalhava conosco exatamente na digitação. A Natércia disse que tinha que conseguir alguém e a Lilá se prontificou também, então ela ia,

nos finais de semana para a casa da Natércia e levava para casa e foi assim que foi construída *A Casa*. No prazo certo foi inscrita para concorrer ao Prêmio Osmundo Pontes.

E.S.- Então ela começou a escrever o livro no mesmo ano da publicação. Em três meses.

N.L.- Sim, disso fomos testemunhas. Foram quase quatro meses, era final de fevereiro.

E.S.- A senhora já ouviu falar que o começo d'*A Casa* seria um conto intitulado “O espelho”?

N.L.- Não, eu tive conhecimento do texto do espelho já na casa. É possível que ela o tenha feito como conto e depois tido a percepção de que o assunto daria mais do que um conto. Os contos dela não eram curtos e pode realmente ser verdade, ela sentir que aquela história caberia dentro de uma coisa maior. Se ela comentou, eu não lembro. Já sobre “O Rasto” que também está dentro da casa, sim. É um caso que no romance foi contado pelo “passador de gado”, esse eu sei que era um conto pronto. A amizade com o Oswaldo Lamartine de Faria, escritor e etnógrafo do Rio Grande do Norte, estudioso dos costumes do sertão, discípulo de Câmara Cascudo, deu-se por causa desse conto. Ela o teria mandado para o Oswaldo solicitando a sua opinião. Ela queria confirmação se determinada informação que ela colocara no conto estava correta. A ficção dela era baseada na verdade. O Oswaldo respondeu, elogiando o seu conhecimento. Você percebe o universo que é aquela história do “Rasto”?

E.S.- Estou lembrando exatamente desse manuscrito que está a lápis e eu pensei muito, porque ele não foi publicado como um conto e está no livro.

N.L.- Não, ele não foi publicado e eu acho que ela estaria preparando outro livro de contos, não foi só “O Rasto”, houve mais.

E.S.- Encontrei uma anotação “para o final do meu pele de asno”.

N.L.- Mas às vezes ela escrevia uma coisa para lembrar-se de outra, por exemplo, ela leu alguma coisa da história infantil e queria terminar o romance dentro da mesma forma literária. Não lembro que ela tenha escrito alguma coisa sobre isso mas podia muito bem ter pensado em escrever e fez a anotação para desenvolver depois.

E.S.- Encontrei outros títulos “O Rasto” e “O espelho” e “O empalhado”. Poderiam ser contos?

N.L.- Sim, ela os havia escrito como contos dentro da mesma temática da *Casa*. Não posso afirmar porque nunca falamos sobre o assunto, no entanto, acho que ela temia não chegar a escrever o romance e aí publicaria aquele material como um livro de contos. Essa preocupação de não chegar a realizar a sua vontade de escrever o romance, ela tinha! Então, quando tomou a decisão do romance ela foi trazendo para *A Casa* as várias histórias,

porque da forma como foi escrita tudo se encaixou. Uma seqüência de vivências e histórias que aconteceram num determinado espaço e tempo, ou que de alguma maneira alguém pudesse ter trazido para os seus domínios, da forma como foram contadas, foi magistral. Como quando ela resolveu que a casa seria a narradora e contaria tudo, as mazelas e as coisas boas, tudo tinha um objetivo, um sentido. Ela tinha todos os apontamentos separados por temas ou épocas, em envelopes ou sacos plásticos e todos em um envelope maior, uma vez que ela não se incomodava em recortar, colar, acrescentar e juntar e, guardar tudo que dizia respeito àquele projeto, por exemplo, o que se referia à *Casa* era em só pacote. Quando queria rever qualquer coisa, sabia exatamente onde encontrar porque eram separados e guardados por assunto. Quando anotava em sua “agenda: levar o artigo tal para fulano de tal” e ela tinha tudo guardado, os recortes e os artigos, sabia exatamente onde estava e prontamente atendia a quem a procurasse.

Natércia manteve por muito tempo uma correspondência com o poeta e crítico literário Jorge Medauar. Começou antes de ser premiada pela Nestlé. Ela queria ter a opinião de um crítico literário que não conhecesse a sua filiação e, sem se identificar, usando pseudônimo, enviou uma carta com um conto pedindo a opinião dele. . Medauar respondeu elogiando o conto e disse: que aqui no Ceará morava o Professor Moreira Campos, o mestre do conto, e ela deveria procurá-lo para mostrar seus trabalhos que, esse sim, teria respaldo suficiente para julgar a obra dela. Na carta seguinte ela escreveu: “Dizia meu pai, o professor Moreira Campos”... O Medauar responde e diz que a sua escrita é como “nodoa de caju”... e assim iniciou-se mais de quinze anos de correspondência.

Ela era essa pessoa simples, mas muito consciente daquilo que estava fazendo e por ser filha do Moreira Campos queria ser reconhecida por ela mesma pelo seu trabalho. Então teve esse cuidado sempre de verificar se aquela ficção estava em cima de bases reais como também se tinha algum valor literário. Os elogios nessas cartas eu cheguei a ver, a Carolina as tem. O maior desejo da Natércia era publicá-las. Mas existe um empecilho. Ele já faleceu e tem a família que precisaria autorizar porque são cartas dela e dele. Ela estava preparando essa publicação quando a doença a pegou..., as cartas foram digitadas com um tipo de letra diferente para as cartas dele e as dela, acho que o título seria *Cartas de Fim de Século*. Certa vez me levou até a sua casa e disse: “olha já está tudo revisado e eu quero lhe mostrar aonde eu as guardo porque se acontecer alguma coisa comigo nessa viagem eu quero que você e a Carolina tomem conta dessas cartas”.

E.S.- Voltando um pouco para a questão d'A *Casa*, a senhora acha que ela não chegou a mostrar ao Moreira nada do livro, já que ela escreveu então no mesmo ano da premiação?

N.L.- O romance escrito como foi publicado, pronto, não. Ela o dedicou a ele como está na página 14, na “Madrugada de 23 de agosto de 1998”. Eles conversavam muito, tinham muita afinidade. Ela lhe falou da idéia e mostrou o esboço e ouviu dele: “Você tem fôlego para escrever um romance, eu não.” Ele a incentivava muito, porque sabia da sua facilidade de escrever e reconhecia o seu estilo diverso do dele.

E.S.- Então ela teria começado a escrever esse romance antes de 94, já que o Moreira faleceu nesse ano.

N.L.- Com certeza, essa idéia e a pesquisa são bem antigas. Você pode olhar nos manuscritos que devem ter a data.

E.S.- Encontrei apenas um manuscrito datado.

N.L.- Isso até me causa admiração porque a Natércia era muito cuidadosa em datar e anotar os textos. Você está vendo aquele ninho no canto da prateleira, é do Pantanal. Ela colecionava os ninhos que caíam das árvores na Secretaria. Seu Dedé, juntava para ela. Tinha uma prateleira no seu gabinete só de ninhos abandonados por seus donos. Eu fazia um passeio de barco no Pantanal e recolhi para lhe dar esse ninho caído. Ela fotografou e escreveu no verso: “O ninho da Jupiara é suspenso e fechado para evitar que os ovos sejam bebidos ou os filhos devorados. As margens do rio Pichaim, afluente do Cuiabá, que deságua no Paraguai, principal rio do sistema Pantaneiro. Mato Grosso - Pantanal. 16/10/2000. Neide trouxe um ninho de presente.”

N.L.- Ela fazia isso, documentava tudo. Ela tinha visão de futuro, de preservar. Quando o Professor se foi ela preocupou-se com o acervo. A D.Zezé era muito cuidadosa à sua maneira, não tinha a nítida noção do valor literário daquela obra dele, como tinha a Natércia. D. Zezé fazia os álbuns, tinha muito amor por tudo mas era um tratamento afetivo, mais doméstico e a Natércia tinha uma visão de mundo, do que valia.

E.S.- Quanto á Eugênia...

N.L.- Eugênia é uma moça muito bonita e talentosa, funcionária da Secult. Foi quem coordenou a pesquisa do mapeamento cultural que resultou na publicação do Censo Cultural – o Ceará dos Anos 90 e Natércia estava sempre ao lado dela cooperando e enriquecendo o trabalho. Foi um relacionamento profissional e afetivo muito saudável. Creio que Natércia espelhou-se nela para a construção da personagem, a segunda Eugênia do livro e, lhe deu seu nome. Também penso que essa Eugênia, numa projeção, seria ela Natércia se tivesse continuado os estudos e terminando o curso em lugar de casar tão cedo.

E.S.- Ela mostrava o que estava escrevendo?

N.L.- Mostrava. Embora os textos fossem sempre muito bem estruturados ela era muito aberta e deu sempre liberdade, até de opinar. Quando o que se dizia procedia, ela acatava. “Sabe que eu vou dar uma olhada, ver direito.” Quando não, tinha a delicadeza de justificar e aí ganhávamos uma verdadeira aula.

E.S.- A senhora lembra mais ou menos em que ano ela passou a mostrar esses manuscritos?

N.L.- D'A *Casa* só conhecemos quando ela começou a preparar o livro. Ela o fazia em casa mas algumas vezes trouxe os próprios manuscritos intercalados com trechos recortados, ou na íntegra, da forma como já haviam sido escritos, para a Lilá digitar. Anteriormente, tivemos conhecimento do material que ela tinha, para o livro *A Noite das Fogueiras* e depois nos mostrou um sobre a viagem a Portugal, esse também comentou e narrou momentos importantes sobre essa viagem; Já o *Caminho das Águas* eu também fiz a viagem com ela e Carolina, passamos o reveillon do milênio às margens do rio Solimões, o grande Amazonas. Quando retornamos pouco tempo depois ela já estava com o texto pronto. Ela tinha uma facilidade enorme para escrever, para contar suas histórias. Brincávamos às vezes: “Parece que baixou o Santo”. E, ela resolveu escrever do mesmo jeito que escreveu o da viagem a Portugal e Espanha. Durante a viagem, no navio ou em terra, ela fazia as anotações. Quando chegou, acho que, o *Caminho das Águas* foi praticamente de uma sentada, modo de dizer, mas logo, logo ficou pronto e ela levou para publicação. A Natércia era incansável, quando tinha algo para fazer não sossegava enquanto não terminasse. Não deixava nada para a última hora Os presentes de aniversário, comprava todos com antecedência e, não esquecia aniversário de ninguém, data nenhuma, nada. Chegava o mês do aniversário de uma filha ela já começava a adquirir, se via algo que podia agradar àquela filha, comprava e colocava ali junto com os outros, não dava só um presente para uma filha. Para as duas que moram em Brasília, ela me avisava que já estava juntando as coisas e como tenho facilidade para organizar pacotes, ela dizia assim: “Quando você vai lá em casa arrumar a caixa da Clarissa? Ou da Emmanuel?” Era muito atenta, no ar 24 horas! Tinha muito cuidado com os Pais, com os irmãos e filhos. Era muito organizada, decidida e muito cumpridora das obrigações. Eu tive o privilégio de participar de tudo na vida dela, momentos sociais e pessoais.

E.S.- A mesa em que ela escrevia está aqui?

N.L.- Está comigo mas não aqui que não coube no meu apartamento. Essa mesa era uma espécie de escrivaninha que ela mandou fazer para organizar seu material de trabalho e era onde ela escrevia. Foi projetada para um espaço grande que pegava toda uma parede do seu quarto, tinha muitas gavetas e para combinar com os móveis que já existiam que eram no

estilo antigo. Era um móvel muito comprido, enorme e quando ela faleceu os filhos dela me presentearam, mas aqui não tinha um espaço adequado para colocar e eu levei para uma casa que nós temos no interior.

Agora, esse móvel aqui (na minha sala) é da Carolina, como não coube no seu apartamento, está comigo. Nele, guardo também, as minhas lembranças dela. Os textos da coleção 3x4 que eu coloquei nesses quadros, aqui os livros, todos com dedicatórias: *A noite das fogueiras*, *Por Terras de Camões e Cervantes*, *Iluminuras*, *O Caminho das Águas*, a segunda edição de *Iluminuras* com a capa da Arlene Holanda e *A Casa*. Recortes de Jornal e fotografias, também guardo aqui.

E.S.- A senhora já viu um exemplar d'*A Casa* que tem a capa branca?

N.L.- Já! Foi o que Jesuíno preparou, antes da publicação definitiva do livro, porque ela precisava inscrevê-lo no concurso? Então, o livro estava entregue a ele e já estava impresso mas faltava a última correção e o trabalho de arte da capa. A pedido dela ele fez esses três exemplares, com capa branca, que são muito importantes pois foram anteriores ao livro e foi o material para a inscrição no Prêmio Osmundo Pontes. Ganhou o prêmio e tinha agora a publicação definitiva com data para a solenidade.

Ela entregou ao Jesuíno a arte da capa e sugeriu que ele lesse o texto que descrevia a casa, como ela idealizava que fosse. Ele foi muito receptivo e tentou realizar como ela tinha pedido. Já tinham conversado, diante de alguns esboços que não estavam como ela pensava que devia ser. No dia que fomos ver esta capa, o Jesuíno a chamou muito empolgado e feliz achando que tinha conseguido, ela olhou e falou: “vamos publicar desse jeito” e aprovou. Quando entrou no carro comentou: ”Ele tentou, mas...não era desse jeito, a minha casa não era assim”. Ela queria que o desenho fosse maior, mostrando mais a casa num remanso da serra, do jeito que ela descreveu. Eu ponderei porque então ela não tinha falado? O Jesuíno era excelente profissional, capaz e se ela mostrasse, ele faria. “Não, Neidinha vai retardar mais ainda a publicação, está bom. Você lembra quando eu dizia assim: leia o texto que você vai ter a visão do que vai desenhar”. Por conta da necessidade de terminar no prazo ele deve ter aproveitado um trabalho dele que já existia. Ela queria que ele tivesse criado, a partir do que ela descrevia, assim seria a casa que ela desejava, desenhada por ele na capa do seu livro.

Acho que terminamos.

E.S.- Sim, obrigada.

AUTORIZAÇÃO

Eu, MARIA WELIE LOPES CORDEIRO, autorizo a publicação da entrevista sobre Natércia Campos na dissertação de mestrado “*A Casa: Arquitetura do texto, uma investigação sobre a origem do romance de Natércia Campos*”, de Elisabete Sampaio

Fortaleza, 17 de abril de 2009.

Ass.: Maria Welie Lopes Cordeiro.

Transcrição da Entrevista com Eugênia Queiroz, funcionária da Secretaria da Cultura e Desporto do Estado e amiga de Natércia Campos, realizada em agosto de 2008.

Elisabete Sampaio- Como era sua amizade com Natércia? Como a conheceu?

Eugênia Queiroz- Conheci a Natércia quando ela veio trabalhar na Secretaria e Cultura em 1991. Trabalhávamos juntas na correção de um livro, para o qual tínhamos feito uma longa pesquisa de campo, O Ceará dos Anos 90 – Censo Cultural. Na ocasião estávamos fazendo a correção dos textos. Como essas pesquisas foram feitas no interior do estado eu gostava de comentar sobre os lugares onde tinha ido e as coisas ocorridas principalmente no Sertão. A Natércia nasceu na praia de Iracema, nunca morou no sertão, porém, tinha uma verdadeira fascinação e falava no Sertão como se lá tivesse vivido. Durante o trabalho eu falava nas histórias ouvidas pelos lugares onde viajei durante as pesquisas, fatos da minha vida, pois vivi muito tempo no interior e contava coisas da fazenda de minha avó. Então começamos a ter uma amizade muito grande, apesar da diferença de idade. Nessa época ela já era avó.

Ela era uma pessoa muito sensível, engraçada, brincalhona, de uma inteligência fina, um humor refinado, era uma pessoa maravilhosa. Tinha muita compaixão das pessoas que tinham dificuldades e limitações, principalmente das pessoas doentes. No entanto ela não tinha a menor compaixão com pessoas chatas, burras, grosseiras, mal-educadas. Não as tratava com grosseria, mas as ignorava.

Quando eu a conheci ela já era escritora, premiada no concurso Nestlé de Contos, e já tinha feito vários contos. Era uma pessoa do meio literário, até mesmo por causa do pai dela.

Com relação ao livro *A Casa*, Neide deve ter falado mais de como ela escreveu porque nessa época eu já não estava na Secretaria, realmente não participei desse momento. Sobre a personagem ela me disse: “Minha filha eu gosto muito de você e acho lindo o seu nome. Vou botar o nome da minha protagonista Eugênia.” Para mim foi uma grande homenagem e uma grande honra fiquei profundamente emocionada. Até hoje.

E.S.- Quando ela falou sobre o nome da personagem comentou algo mais?

E.Q.- Não, só disse isso.

E.S.- Você lembra em que ano ela começou a falar sobre o livro que estava escrevendo?

E.Q.- Ela já tinha feito a pesquisa e fez o livro praticamente em quatro meses, foi extremamente rápido porque ela tinha que inscrever o livro no concurso de Literatura Osmundo Pontes. Além disso, ela dizia que tinha muita vontade de escrever um romance pois já tinha escrito vários contos, *A Noite das Fogueiras*, que é um livro infanto-juvenil, mas queria escrever um romance mais profundo.. Nessa época ela ainda não estava doente.

Lembro que ela lamentava muito o fato do pai não estar vivo porque queria demais saber a opinião dele sobre o livro.

Ela pensava em publicar outro livro, não sei se você já ouviu falar, que eram cartas escritas durante mais de 20 anos entre ela e o escritor baiano Jorge Medauar; inclusive um grande amigo dela fez uma edição dessas cartas para ela, como um presente, mas não foi publicado.

E.S.- Você lembra quem era?

E.Q.- João Soares Neto.

E.S.- Ele chegou a distribuir para a família?

E. Não, eu acredito que só para ela. Até me mostrou em uma das vezes que a visitei quando já estava doente. Ele era um profundo admirador dela. Sobre *A Casa*, eu acredito que ela tenha colocado nos personagens muitas pessoas que passaram por sua vida. Ela sempre comentava comigo sobre as pessoas interessantes com as quais conviveu e eu identifiquei muitas delas (no livro), porém não conheci nenhuma delas. Quando conversava comigo falava de traços bem específicos dessas pessoas, gente do tempo em que ela era casada ainda. Repito, não posso dizer quem são porque não conhecia nenhuma, mas pelo que conversávamos, ela escreveu muita coisa sobre o universo em que vivia, até sobre ela mesma. Para mim aquele livro é uma espécie de inventário de sua vida.

E.S.- Sobre a vida dela?

E.Q.- Sim, sobre a vida dela.

Ela tentou publicar *A Casa* pela Companhia das Letras, mas não deu certo. Ela teve então que terminar o livro rapidamente, pois como disse anteriormente, queria inscrevê-lo no Prêmio Osmundo Pontes. Para agilizar levou uma moça que trabalhava conosco para digitar em sua própria casa. A Natércia tinha uma outra idéia para o desenho da capa, porém adotou aquele que conhecemos por conta da exiguidade do tempo e pelo fato de já estar pronto.

E.S.- Você chegou a ver um exemplar de capa branca?

E.Q.- Não, a Neide até me disse que este foi feito exclusivamente para a inscrição. Eles fizeram tudo rápido, mas esse exemplar não foi o que lançaram oficialmente.

Sobre Natércia, posso falar mais sobre ela. Era uma pessoa única, as coisas que ela tinha em casa não havia em lugar nenhum, eram coisas só dela, não tinha igual. Muito mística, adorava tudo que fosse mágico; é tanto que na Literatura dela você vê o mundo das lendas, da magia, do fantástico. O quarto dela era cheio de bruxas as mais variadas. Bruxas voando, bruxas velhas e novas, de todo jeito. Tinha uma fascinação muito grande por esse mundo e também pela morte; falava muito na morte. Não como algo ruim. A morte estava sempre nos contos dela e do pai. Ela via a morte como uma companheira que estava sempre ali espreitando.

A Natércia era uma pessoa comum, alegre e sedutora. Seduzia qualquer um que ficasse perto dela, gente de qualquer idade. Ela tinha esse poder incrível. Uma vez, estávamos num restaurante e ela começou a conversar exatamente sobre isso: o mito. Alguém perguntou alguma coisa e ela começou a falar, o restaurante era pequeno e quando vimos todos estavam todos olhando-a falar, escutando o que dizia.

E.S.- Você lembra onde ficava esse restaurante?

E.Q.- Não. Ela gostava muito do Good Salads e do Ideal, acho que foi nesse último, mas já faz muito tempo não lembro. Gostava muito do café que tinha no Dragão do Mar (hoje é outro). O L'Escale não gostava muito. Natércia tinha um gosto muito refinado, não freqüentava qualquer lugar. O que gostava muito era de conversar, contar histórias. Adorava quando ia visitá-la, pois ficava perguntando sobre a minha vida.

Em 1996 foi ao meu casamento, no sítio de minha avó, em Beberibe. Casei na Capela do sítio, às cinco da tarde (Neide e Carolina também foram). Ela adorou e contou a história desse casamento em uma das cartas que escreveu ao Medauar, mas não está nessa publicação feita pelo João. A casa da minha avó era mais ou menos como essa *Casa* que ela publicou, e ela comentava: "Você também tem uma casa como a minha."

Ela tinha um jeito irônico e às vezes engraçado de encarar a vida. Por exemplo, gostava de falar frases do gênero: "Mãe é aquela que passa nove meses aleijada e o resto da vida doida.". Estava sempre a favor das mulheres. Acho que pelo fato de ter casado muito nova, numa época em que os homens eram mais dominadores e machistas. Era contra qualquer homem que maltratasse a mulher. "Os filhos são das mulheres" ela costumava dizer. Todas as dores são delas, o peso maior fica sempre para elas.

Alucinada pelo pai. Comentou que escreveu certa vez para o Jorge Medauar, com o pseudônimo Ibérica, mostrando um conto que escreveu e pedindo a opinião dele. Nessa ocasião ainda era casada com o Emanuel. A resposta que recebeu dizia que procurasse o maior contista do Brasil, que estava aqui no Ceará, o Professor Moreira Campos. Foi então que ela se identificou e a partir daí eles ficaram se correspondendo. As cartas eram lindas, você as leu?

E.S.- Não, a Carolina está com elas.

E.Q.- Não li todas, ela só mostrou algumas, inclusive essa sobre o meu casamento.

Certa vez ela me disse que iria falar sobre Contos no Colégio Cearense. No dia anterior ela me perguntou: "Minha bichinha como é que eu vou falar para quinhentos alunos, adolescentes, sobre o conto? Eles vão achar a coisa mais chata do mundo."

Quando retornou da palestra disse: “Minha filha quando eu entrei no auditório recebi aquelas palmas tão exageradas que já eram quase um protesto. Eu disse: vou falar a vocês sobre a imagem, mas antes falarei sobre o mestre da imagem, Steven Spielberg.”. Então começou a falar a linguagem deles: o Spielberg e a imagens que ele criou, daí passou para o conto, para a obra de Moreira Campos, mitologia, lendas.

“Minha filha, ela falou, quando terminei aqueles meninos estavam me rodeando. Querendo saber sobre o livro que eu tinha escrito, sobre tudo enfim que eu havia falado.”

Ela era mais ou menos assim. Sabia muito da solidão humana, das falhas. Ela nunca apontou falha de ninguém, não julgava. Costumava dizer: “Isso é tão humano.”

Natércia indicava os livros que eu devia ler, como se fosse minha mentora.. Quando eu viajava para o interior, ou para Alemanha (porque meu marido é alemão) ela dizia: “Leia esse livro aqui.” e mandava um bilhetinho “leia nas férias.” às vezes falava: “Passe aqui e pegue tal livro e leia.” Um amigo meu certa vez disse: “Você tem muita sorte em ter uma amiga assim.”

O último que ela me indicou, nessa época já estava doente, não consegui encontrar em lugar nenhum e mandei copiar é *Mulheres de Olhos Grandes*, Angeles Mastretta, uma mexicana. Ela falou: ”Minha filhinha leia esse livro porque você é uma mulher de olhos grandes.” São vários contos que falam da vida cotidiana de várias mulheres e a visão delas em relação à vida era mais ou menos a visão que a Natércia tinha das coisas. O que elas faziam Natércia dava gargalhadas. Procurei esse livro em Brasília, no Rio de Janeiro e não achei, aqui em Fortaleza também não tem.

E.S.- Aqui é o fim do mundo.

E.Q.- Ela dizia isso também: “Minha filhinha esse lugar aqui é o fim do mundo, é lugar de calango. É tão quente que deveria fechar. Tem lugar no Sertão que não dá para morar gente, só dá para morar calango.”

Algum tempo depois do lançamento do *A Casa*, Rachel de Queiroz escreveu em sua coluna, na Revista *Veja*, recomendando. Natércia disse: “Minha filha no outro dia choveu de e-mail do Brasil inteiro atrás de saber do livro.”

Por isso, acho, ela falava que aqui era o fim do mundo, pois o reconhecimento nacional viria através de uma revista editada no sul do país

Era isso o que eu queria falar sobre ela.

E.S.- Obrigada.

AUTORIZAÇÃO

Eu,

Maria Eugênia de Queiroz Ferreira, autorizo a publicação da entrevista sobre
Natércia Campos na dissertação de mestrado “*A Casa: Arquitetura do texto,*
uma investigação sobre a origem do romance de Natércia Campos”, de
Elisabete Sampaio

Fortaleza, 16 de abril de 2009.

Ass.: Maria Eugênia de Queiroz Ferreira

**Transcrição da Entrevista com Carolina Campos, filha de Natércia Campos,
entrevista realizada em julho de 2008.**

Elisabete Sampaio- Como era a Natércia mãe?

Carolina Campos- A Mamãe era muito presente. Eu me lembro que, quando a gente ia fazer um festival de dança, se fossem três dias, quatro dias ela ia os quatro, muito presente, muito prestativa, muito alto-astral. Também às vezes era zangada, na hora da disciplina. Mas, enfim, era fantástica.

E.S.- Lia histórias para os filhos?

C.C.- Eu não me lembro da Mamãe lendo histórias para mim. Lembro muito dela mandando eu ler, antes de dormir. A gente tinha muito horário lá em casa. A gente podia assistir até o Jornal Nacional, eu sempre gostei de política. Eu ia para a cama e tinha que ficar lendo, o que eu escolhesse, eu adorava. Enquanto durava a novela, eu podia ficar lendo, Júlio Verne, Monteiro Lobato, o que escolhesse, dependendo da idade. A gente começa com Monteiro depois passa para Júlio Verne. Quando acabava a novela, tinha que apagar a luz e ir dormir porque a gente acordava bem cedinho para ir ao colégio.

Eu lembro que a Mamãe, quando eu acabava de ler um Monteiro Lobato, ela sabia seqüência e dizia “está aqui, você já acabou esse já pode ler esse.” Quando a gente é pequena, o tempo passa mais devagar, então eu achava que teria Monteiro Lobato para ler o resto da vida, porque era uma prateleira bem grande, mas um dia acabou. Eu tenho saudade, acho que um dia vou me dar esse recreio de voltar para o Monteiro Lobato e ler, adulta, porque eu acho que é tão divertido. Na minha infância, era aquela coleção da capa dura vermelha, com as letras douradas. *A História do Mundo para Crianças*, que eu li, uma antiga, era dela porque a nossa da capa vermelha estava faltando uma página e eu disse “Mãe, como eu vou continuar se está faltando!” E ela disse: “espere aí que eu tenho outro” e eu achei incrível como ela tinha dois livros, coisas de criança que fica impressionada. Porque ela sabia que eu era cuidadosa e não riscava, ave maria, riscar livro lá em casa era o fim.

O que eu me lembro dela lendo para mim, foi inesquecível, eu aprendi a gostar do Saramago através dela, porque eu não entendia a prosódia do Saramago. Comecei a ler *O Memorial do Convento* e achei difícil, eu devia ter uns quinze ou dezesseis anos e a Mamãe disse: “É porque ele escreve como se pensa” e ela começou a ler. Eu tenho a memória auditiva muito boa e se eu começar a ler a primeira, a segunda e a terceira página d’*O Memorial do Convento*, eu escuto com a voz da Mamãe, porque ela leu para mim.

Isso eu já adolescente, ela me ajudou, porque eu tinha dificuldade no começo, depois eu li vários livros dele.

E.S.- Gostava de quadrinhos?

Adorava, quando ela era pequena, o Vovô e a Vovó não tinham condição financeira muito boa, então o que elas ganhavam de Natal eram gibis, na época chamavam de gibi. Ela tinha a coleção inteira de gibis, adorava *Os aristocratas, a família Buscapé*, quando ela era pequena, ela gostava.

Tipos de revista que ela gostava?

Revista? Eu nunca vi a Mamãe com revista de moda. Ela assinava, *O continente*, uma revista de Literatura muito boa, ela adorava. Mas, isso já recente, depois de escritora, nessa última fase, porque eu estou falando de várias Mamães. Sou bem heraclitiana, o Vovô também adorava isso de que um homem nunca se banha duas vezes no mesmo rio. E a Mamãe também dizia muito, citando Rui Barbosa: “Um homem é um livro com várias edições.” Então, nessa última versão da Mamãe, já na literatura, nesses últimos anos, ela assinava essa revista. Fora *O Continente*, eu não me lembro da Mamãe com revistas de moda, *Nova, Capricho*, nem as nossas ela pegava.

E.S.- Alguma de bordado?

C.C.- Bordado ela tinha muitas, gostava de ponto de cruz, essas coisas. Mas também foi uma fase porque havia época que ela tinha que pesquisar muito o Cascudo e ficava lendo, então não bordava. Bordava muito quando estava perto de chegar um bebê na família ou no tempo que a Caterina morava fora e ela fez um pulôver para o Júnior, marido dela, essas coisas de tricô. Quando o Thiago e a Natércia estavam perto de nascer fez sapatinho de tricô e muita tapeçaria, isso eu me lembro, eu era pequena. É porque eu não estou dando uma faixa cronológica linear. Vamos organizar pelas casas, já que a gente está falando d' *A Casa*. Eu não me lembro da casa da Tibúrcio Cavalcante, onde eu nasci, era lindíssima, um casarão, aqui na Aldeota. Ela fica na Tibúrcio Cavalcante com Desembargador Leite Albuquerque. Hoje em dia é um prédio, era uma casa linda que tinha ali. Depois, por problemas financeiros, a gente foi para a Pajuçara, que era nosso sítio. Eu só vou me lembrar da vida a partir de Pajuçara, porque tinha perdido a casa. Nesse tempo de primeira infância, eu não me lembro da Mamãe contando história. Minhas lembranças tinham muito a ver com fantasias de São João que a gente ia comprar ou coisas de colégio, a Mamãe sempre muito presente ou ela com raiva porque eu era horrível para comer, essas coisas. Preocupada com minha bóia para eu não morrer afogada na piscina. Mas não tinha muita história que interesse literariamente.

A minha primeira memória de parte artística é a tapeçaria que a tia Badida, que é pintora, pintava e ela bordava ou quando era geométrica ela tirava dos mosaicos e fazia tapeçaria. Ela fez muito, gigantescas, no tempo em que as casas eram imensas, dava para andar de bicicleta dentro e as pessoas tinham seis filhos, dez. Ela até chegou a exportar para os Estados Unidos e começou a negociar com a Ethel, mas não foi para frente. A mamãe vendeu, fazia exposições. Era ela e a irmã dela porque a tia Badida tinha o traço, era pintora e a Mamãe bordava e tinha até uma tapeceira que a ajudava, a Salete. Ela parecia uma índia, bonita, cabelo bem comprido preto, liso, as maçãs salientes, lembro muito dela. Eu aperreava e às vezes me davam uma linha, porque eu ficava pertinho. Essa é a imagem que eu tenho muito marcada da Mamãe fazendo tapeçaria na minha primeira infância no Sítio Botija.

A Mamãe fala muito da Praia de Iracema e do Benfica, mas, na verdade, não foi aí maior parte de sua vida, como eu tinha lido no seu texto. Foi uma época muito marcante da vida dela, porque a Praia de Iracema foi o começo de tudo, quando ela era pequena.

E.S.- A casa dos avós

A casa dos avós era quase vizinha, ela não morava com eles. Era assim: a casa do Vovô e da Vovó, a três ou quatro casas para cá, e na esquina era a do avô e da avó dela que ela adorava, às vezes dormia lá. Era na Rua dos Tabajaras que é a da Praia de Iracema. Nisso, o Vovô já estava construindo, porque foi ele que construiu a casa do Benfica.

E.S.- Era Tabajara ou Potiguara?

C.C.- Não sei, sempre faço confusão.

E.S.- Acho que é Potiguara

C.C.- Mas eu sei qual é a casa, acho que ainda está em pé, graças a Deus! Bem bonitinha, acho que era uma pousada, na esquina. Depois, ela foi para essa do Benfica, que era do vovô e que agora é um estacionamento. Casou nessa casa, noivou, são daí as fotos dela de noivado. A Mamãe casou menina, com dezessete anos. Logo em seguida, vamos supor que ela casou em 29 e em 30 ela fez dezoito, acho que foi na véspera dos dezoito, se não me falha a memória, mas eu tenho todos os documentos. Nisso, depois do casamento, ela foi morar voltou um tempo para Praia de Iracema, você tem razão, sabe onde naqueles primeiros prédios da cidade de três andares, perto do Ideal, atrás de onde era a Kibon.

E.S.- Na diagonal do Ideal?

C.C.- É um de três andares que hoje tem até o Café Castangno, era por ali. Depois eu não sei mais, porque eu só vou aparecer no final de 74. A gente já estava na Tibúrcio Cavalcante, antes ela morou ali perto da Balu, que a gente chamava de Vovó Angelita,

nossa vizinha e depois fomos para a Tibúrcio. Quando eu completei três anos, fomos para o sítio da Pajuçara e de lá para a Marcos Macedo, no coração da Aldeota, Marcos Macedo com Professor Dias da Rocha, onde depois abriram um restaurante La Nuit, não sei. Depois, fomos para o Papicu passamos um ano lá e voltamos para o Benfica, oito anos de Benfica. Depois que o Vovô faleceu, a mamãe quis ficar mais perto da Vovó, o Benfica era muito longe, porque a vovó estava no Dionísio Torres, e, então a Mamãe vai para o Meireles. Ela ficou lá até o fim da vida, gostava muito. Era Nunes Valente 240, apartamento 401. Depois que ela faleceu, foi vendido para a nossa vizinha.

E.S.- A Socorro?

C.C.- A Socorro é filha da Dona Ledinha.

No Sítio me marcou muito essa parte da tapeceira. No Papicu, ela continuava na tapeçaria. Na Marcos Macedo, talvez tenha sido o primeiro passo dela escrevendo, porque ela mandava muitas cartas para a minha irmã que morava fora, a Caterina. Era caudalosa a produção de cartas e encomendas, porque esta morava nos Estados Unidos. No Papicu, eu não me lembro dela bordando tanto, era mais coisas para os netos mesmo. Lá ela começou a escrever, porque uma vez nós fomos passar um final de semana maravilhoso em Tianguá, na Serra Grande, na casa do Chicão Neves. Fomos eu, a Mamãe, a minha irmã Emmanuela, a minha avó por parte de pai, a Voca. Na descida, a gente estava na caminhonete, a Emmanuela dormiu, porque ela fica enjoada com o sobe e desce e eu nunca consegui dormir em nada que se mexe avião, carro, não consigo. Eu, muito manhosa, a caçula, pedi para a Mamãe contar uma história e ela começou a contar a história que é o cerne da *A Noite das Fogueiras*, que durante muito tempo teve como primeiro título *A Noite das Bruxas*. Nesse tempo, o Zé ainda era vivo, ela começou a escrever aí. Eu até falei, “Mãe, você deveria publicar isso. Que história linda!”, que é o começo da Noite das Fogueiras. Porque é o seguinte a *Noite das Fogueiras* é imenso porque ele é enciclopédico, é cheio de pesquisa, mas se você for sugar a história ela contou toda do Tianguá descendo a serra até Fortaleza, até chegarmos em casa, no Papicu. Depois, ela foi para Barcelona, porque o Thiago nasceu, o primeiro neto dela, ela escreveu lá no inverno, que tem um clima diferente, ela chegou, sentou e escreveu *A Casa*.

E.S.- *A Casa*?

C.C.- Não, “A Escada”. Eu brinco digo que ela começou com “A Escada” e terminou com *A Casa*. “A Escada” foi o primeiro conto dela e uma das primeiras pessoas - olha como o mundo é pequeno - a quem ela mostrou foi ao que é hoje meu namorado, o Pablo, que ele mora em Barcelona. Ele ficou impressionado.

E.S. É o filho da Margarita?

C.C.- É o filho da Margarita.

“A Escada” é o meu preferido. Ela ficou muito amiga da Margarita, mas eu acho que ela estava aqui no Brasil quando a Mamãe estava lá. Elas se encontraram aqui pela primeira vez, vou até perguntar para ter certeza. A Margarita sabe muito da Mamãe, eram amicíssimas.

Quando o Zé faleceu, a gente já tinha ido embora do Papicu e estava no Benfica que era a casa que foi do vovô e depois da mamãe. Na verdade sempre foi do vovô ele cedeu para a Mamãe morar - Juvenal Galeno 494 - que hoje, como já disse, é um estacionamento.

Quando o Zé veio a falecer em 87, há 21 anos, foi dia 4 de abril de 87, eu tinha doze anos. O prêmio Sudameris veio no final de 87. Em agosto, a gente foi para São Paulo, foi uma viagem boa. A gente foi para São Paulo, até Botucatu, onde recebeu o prêmio, lá era frio gostoso, foi o meu primeiro contato com o frio, 11 graus em São Paulo, achei que estava no gelo. Ela fez um discurso lindo de agradecimento, não estava nem no protocolo, mas ela quis discursar, foi ótimo. De Botucatu, passamos uma semana no Rio e fomos embora, foi maravilhoso.

Ela continuou escrevendo. Depois teve outros prêmios, como o Prêmio Nestlé.

E.S.- Ela sempre ia receber os prêmios?

C.C.- Ela sempre ia receber, só teve uma vez que eu fui receber. Foi um prêmio aqui.

E.S.- O do Ideal?

C.C.- Não. O do Ideal ela foi. A todos ela foi, só teve um que não.

Eu tenho uma idéia muito plástica da mamãe, rodeada de arte. As tapeçarias da Mamãe eram gigantescas, lindas. Ela ficava ali rodeada por aquele artesanato tão lindo e depois quando começou a escrever, ela nunca se deu muito bem com o computador, o nosso “copiar-e-colar”, “control v, control c”, ela fazia assim, você já deve ter visto: pegava o papel e, vamos supor, entre esse primeiro parágrafo e esse segundo que ela começou a escrever - ela escrevia a mão - ela cortava e colava com durex onde queria que ficasse. Tinha uns papéis com metros ou um metro e meio de papel pregado. Porque ela ia juntando. Ela pesquisava e escrevia e depois dizia “eu tenho que colocar isso aqui” e colava. Tem gente que escreve grande e vai cortando e ela, pelo contrário, ia enxertando as pesquisas dela. Escrevia a história e enxertava os dados, porque quando escrevia, mesmo a parte ficcional, era de roldão. Era fluida, fluente, mas quando ia encaixar as pesquisas enxertava os pedaços com durex. Eu até falava, ave maria, Mamãe isso parece um papiro que a gente vai desenrolando e fica um papel bem comprido.

Eu tenho muito a imagem da mamãe cercada de arte, no caso da tapeçaria, um artesanato muito apurado. E tem até uma parte de criação, porque a minha tia criava mesmo, era pintora e criava. A Mamãe inventava certos pontos e por isso algumas tapeçarias dela são uma preciosidade. Ela nunca patenteou, mas era impressionante como fazia bem e tem até uma parte de arte de descoberta e de novas técnicas.

E.S.- Nos momentos vagos o que ela gostava de ler? O que fazia para descansar?

C.C.- Ela gostava de olhar o mar, lá da varanda. Gostava de ouvir música, no radinho de pilhas, aonde ela ia, levava. Gostava de ler de tudo. Sempre lia, tinha livros na cabeceira.

E.S.- Como foi a morte de José Thomé para a família? Caso você não queria comentar pode ficar a vontade.

C.C.- Muito triste, um horror. É triste, mas a vida é cheia disso. Eu tinha doze anos, como já disse. Foi uma estupidez, essas coisas brutais. Ele tinha 27 anos e saiu para passar um final de semana e ele não morava com a gente, e sim com o Agostinho. Acho que a gente precisa falar nele, porque para mim é a figura de tio, de amigo, pessoa doce da minha infância, muito marcante. Ele foi namorado da minha avó paterna, essa do teatro, com quem minha mãe se dava muito bem, era sogra dela, um amor, a Nadir. Eu a chamava de Voca, não podia chamar de vovó porque ela não gostava. Eram duas antíteses de avó, porque a vovó Zezé é aquela de conto, coque branco e que ensinava a fazer crochê e a Voca usava as roupas de malha da Benetton e os olhos bem pintados. Ela se pintava bem por causa do teatro e o cabelo pintado curto, fumando e indo ao teatro. Mas a Vovô Zezé também rompeu muita coisa ela só teve três filhos numa época em que não se falava em controle de natalidade, trabalhava fora, numa época em que era até vergonhoso uma mulher trabalhar fora. Como? uma mulher servidora pública? Ela também foi para frente, mas o jeito das duas era diferente, mas se davam muito bem. O Vovô Zé Maria era muito amigo da Voca, eles conversavam muito, discutiam Guimarães Rosa. Lembro deles debatendo na varanda desse sítio, onde a gente morou e os dois eram fumantes, mas o teor da conversa eu não me lembro, era muito pequena.

O Zé. Eu conto, é verdade, mas parece que é mentira, a última frase que ele me disse foi “Vou-me embora pra Pasárgada” Ele era muito brincalhão. E nessa história eu perguntei “Zé para onde você vai?” Ele respondeu batendo o portão “Vou-me embora pra Pasárgada”. Foi a última frase do meu irmão. No caminho entre Beberibe e Cascavel tem um rio que deveria ter uma placa avisando que é perigoso, é enganador, porque na frente parece um remanso, um rio calmo, mas por baixo é cheio de redemoinho por causa da barragem. Ele foi andar em cima da barragem, porque as meninas foram trocar de biquíni

dentro do carro. Pararam o carro para elas se trocarem e o Zé não ia ficar dentro do carro. Ele começou a andar e resolveu andar em cima da barragem como se fosse uma ponte, mas tinha lodo e ele escorregou. Ele nadava como um peixe e ninguém nunca esperou que o Zé se fosse afogado. Isso é até uma marca muito triste da família porque o Zé foi afogado, meu avô foi com enfisema e a mamãe começou a sufocar porque o dreno não estava mais dando conta, ela estava cheia de água, sempre com problema de fôlego. Com sufocamento, asfixia. O Zé escorregou e bateu a cabeça, então morreu por afogamento. E foi muito triste para a gente, porque foi ao meio-dia do dia 4 e a notícia só chegou lá em casa à noite alta. Eu me lembro dessa noite, eu estava assistindo o concurso para Miss Brasil, então já era bem tarde e Mamãe tinha isso, ela nunca dava notícia ruim à noite. Disseram para a gente que estavam numa reunião de família, achei estranho porque vieram até os irmãos do meu pai, com quem a gente não tinha contato. Ficaram no jardim e a gente não podia passar porque estavam em reunião de família. A mamãe não ia contar para a gente não perder a noite, era uma coisa muito dela. Ela esperava a gente acordar de manhã cedo para dar uma notícia ruim. De manhã, ela disse que o Zé estava desaparecido, porque não encontraram o corpo, se tivessem avisado na hora podiam ter começado no mesmo dia as buscas, mas como só avisaram à noite não tinha como o Corpo de Bombeiros ir. De manhã bem cedo, começaram as buscas e encontraram o Zé na curva de um rio. E, por incrível que pareça, isso aconteceu depois que a Mamãe já tinha escrito “O rio”, que conta a morte de um rapaz que fica na curva do rio. Mamãe escreveu “O rio” antes do Zé se ir, encantar-se como ela dizia. A Mamãe era muito forte, não me lembro dela chorando, puxando os cabelos, gritando, dando ataque, por tristeza não. Ela sabia que menino às vezes tem uma vida mais danada, de viajar com os amigos. Esses carros, esse trânsito, a gente sabe que pode acontecer, não é? Mas uma mãe nunca espera, nunca quer. E eu me lembro de uma marca da não aceitação da Mamãe foi que o caixão foi fechado, apesar de poder ser de caixão aberto, foi fechado, ninguém via o José morto. Ela estava como se fosse em estado de choque, ela não chorou, decidiu tudo, o caixão. Ela disse “Eu não escolhi o berço? Escolho o caixão.” Ela decidiu tudo. Lembro muito do barulho da aliança na mão da mamãe no caixão, porque todo caixão é trabalhado, cheio de relevo e ela ficou alisando como quem alisa um bebê ou um bercinho mesmo, passando a mão de cima para baixo, como quem está alisando um rosto, consolando. Ela ficou ali em pé olhando como quem está divagando e passando a mão. Uma coisa que ela fincou o pé é que o caixão não se abria, vieram minha tia e minha prima de Recife, que gostavam muito dele. A Ticiana (prima) pediu para ver o rosto do Zé e a Mamãe não deixou, ela não

queria que ninguém visse o Zé morto. Foi muito triste, chorei muito, lembro do Agostinho me consolando, era uma pessoa que eu queria muito bem e que já se foi também.

Quando a Mamãe soube da doença dela, eu estava no consultório e comecei a chorar e ela disse “Minha filha eu já vivi minha vida e seu irmão?”

A gente vai ficando mais pobre, as pessoas vão indo. Quando se juntavam para conversar a Mãe, o Agostinho e a Voca nunca era uma coisa óbvia, tinha uma coisa inusitada, que podia lhe surpreender, sempre valia à pena, não era algo clonado, que parece produção em série. Outra visão, outra maneira de ser, não era essa vidinha de granja, tudo igual, ter que trabalhar, fazer isso e aquilo. Se bem que a Mamãe dava muito incentivo para a gente nessa parte profissional. Ela sempre dizia que queria que suas filhas só se casassem depois de formadas, fossem donas do nariz, independentes, sempre bateu nessa tecla. Ela não pôde terminar nem o colégio e sempre dizia que a foto mais bonita das filhas dela não era de noiva, casava se quisesse, mas era a de formada, na formatura.

E.S.- Ele (Zé) incentivava Natércia a escrever?

Isso de o Zé incentivar a Mamãe a escrever, eu tenho na minha cabeça a Mamãe falando que ela leu um conto para ele e ele disse “Mãe você deve publicar, está muito bonito, muito bom.” Eu acho que eu me lembro disso sim. Agora, como uma coisa que ele dissesse sempre... Faz tanto tempo, eu tinha doze anos eu acho que ela realmente disse isso.

E.S.- Quais as sua lembranças dela escrevendo?

C.C.- Lembranças da Mamãe escrevendo, eu acho que já disse. Era bem fluente e ela fazia muita pesquisa. Ela puxava de fatos para escrever. Fazia uma ciranda, enchia de livros ao redor dela e puxava. Tinha que ter perto o Dicionário do Cascudo e várias referências.

Você vê como ela escreve e coloca epígrafes.

E.S.- Ela lia para você o que estava escrevendo?

C.C.- Ela lia o tempo todo, quando eu queria e quando eu não queria e ai de mim se eu dissesse que não queria. Lia o que estava escrevendo e pedia para eu corrigir e pedia para mil pessoas lerem, era uma confusão. Porque a gente começava a corrigir e vinha outro com outra correção e ela escolhia a que ela achava a melhor e todo mundo corrigia e depois ela achava que ia fazer do jeito dela mesmo, era uma confusão. Quem tinha moral com ela era o Sânzio.

E.S.- Ela gostava de inventar histórias ou contava as dos livros?

C.C.- As dos livros eram para nós lermos mesmo, teve essa que ela inventou, e leu para mim a do Saramago. Lá em casa tinha livros e era uma coisa que a gente sabia que tinha que se servir.

E.S.- Como ela gostava de escrever? Com música, televisão, em silêncio? Tinha uma caneta ou lápis da preferência?

C.C.- Sentada de um jeito que só uma pessoa que tem aquela coluna privilegiada por Deus, porque a Mamãe nunca soube o que era dor de cabeça nem dor nas costas. Ela escrevia toda torta, pegava o banco do bar que era alto e botava o Aurélio, ela dizia que era o pai dos burros, uma edição antiga que era do Vovô e ela adorava. Abria o dicionário do Cascudo e colocava na mesinha e tinha também várias folhas que já tinham sido impressas e ela aproveitava as costas. E nesse corta e cola com durex. Ela não escrevia numa mesa, escrevia numa bancada em baixo da janela e depois até mandou fazer uns buracos por dentro da bancada e que eram do alicerce, da estrutura do prédio, então a janela ficava aqui e ela escrevia com o rosto de lado para a bancada, porque não tinha como colocar as pernas. Ela escrevia de lado ou com o papel no colo. Era nessa bancada e dava para ver o mar, hoje em dia não dá mais. Depois, ela mandou fazer uma mesa grande, dupla. Acho que está com a Neidinha.

O quarto dela, apesar de ser muito grande, tinha uma cama onde cabia todo mundo, depois do almoço de domingo, ela achava isso animado, engraçado, mas ela fez isso depois que se separou. Então, mesmo para colocar uma mesinha ficava apertado. Eu lembro que coube a Emanuella, o meu cunhado e os dois meninos. Cabiam quatro ou cinco pessoas.

Ela adorava escrever com música, porque a música inspirava, puxava como se puxasse um tema dela. Ela era louca pelo concerto de Aranjuez. Adorava uma fita cassete que eu gravei *Em algum lugar do passado*, que tem a Rapsódia sobre o tema de Paganini, do Rachimaninov. Clair de Lune e também a música The man I Love, eu até gravei na frente de um cassete inteiro que era para ela não precisar voltar, ela tinha em todas as versões. O último presente que eu dei para ela, no dia das mães, foi o CD do Caetano, só porque tinha essa música. Para escrever, ouvia sempre sem letra, era música, não era canção, quando era canção ela ouvia Elomar, Xangai, Geraldo Azevedo. Ela gostava tanto com música quanto às vezes em silêncio, mas tinha que ser silêncio total. Com televisão não. Ela nunca foi de televisão porque dormia. Algumas vezes escutava o Jornal Nacional e na novela já estava dormindo.

Ela tinha uma caneta pilot que adorava, uma branca que tem no fundo uma bolinha com a cor da tinta, porosa. Ela tinha na bolsa sempre um papelzinho, não usava agenda, e um

lápis com uma borracha na ponta. Era essa a preferência, mas ela usava tudo. Às vezes ela queria fazer um coração escolhia a vermelha. Engraçado, apesar dela ter irmã pintora, ela, para desenho, era uma negação. Os corações eram tortinhos. Escrevia em verso de convite, qualquer papel que fosse um pouco rígido, que desse para apagar várias vezes. Apagava os aniversários, as listinhas, os afazeres, quando ia cumprindo e reescrevia.

E.S.- Quanto às críticas sobre suas obras, como ela as recebia? Ficava ansiosa ou não tinha importância?

C.C.- Bem. Ela nunca recebeu crítica ruim, não me lembro que alguém tenha falado mal da obra dela, uma crítica ruim que tenha saído.

Ela não ficava ansiosa, porque sabia que havia feito uma obra boa. Era uma coisa que a Mamãe tinha e eu fico muito feliz. Ela sabia que tinha feito um grande livro, *A Casa*, ela possuía essa segurança da qualidade. Eu me lembro dela ficar sem jeito de mostrar ao pai. Para o Vovô, ela só mostrou depois de mostrar para Medauar, que foi aquela história engraçadíssima da carta, eu não preciso te contar, não é?

E.S.- Não, eu sei qual é.

C.C.- Que ele falou “- Por que você não procura aí o mestre do conto, Moreira Campos?”

“- Porque eu sou filha dele.” Foi o começo da correspondência dela com o Medauar.

E.S. Ela convidada escritores, intelectuais para a sua casa ou ia à casa deles?

C.C.- Sempre tinha escritores, intelectuais que iam muito lá, o Boris Schnaiderman, a Côca, a Mamãe gostava muito dela, a artista plástica; a Maria Inês Figueiredo. Quando ela morava aqui elas viviam se visitando, eram irmãs, amicíssima, ela e a Margarita, mãe do Pablo e elas tinham uma turma. A Margarita tem liderança e chamava os intelectuais e a Mamãe ia. A Marga arregimentou dois grupos de poetas, que publicaram e intitularam suas obras coletivas assim: Poesia Plural e 3x4 (a mamãe publicou em ambas). Depois, na casa da Mamãe, havia as presenças também do Virgílio e do João Soares.

E.S.- A amizade e confiança no Sânzio foi herdada do Moreira?

C.C.- Essa foi uma herança maravilhosa do Vovô, eu também adoro o Sânzio e fui colega do Lívio, filho dele, no Colégio Batista. Ele, o Sânzio, é fora de série, o grande revisor dos textos da Mamãe. Ela depositava confiança absoluta, admiração intelectual pela capacidade dele, pela sensibilidade. Porque, além dele ser excelente na técnica, é amabilíssimo. Era amiga da Fernanda também, esposa dele, que depois ela conheceu. Ela era fã dele.

E.S.- Até agora descobri quatro pessoas que corrigiram *A Casa*: Moreira, Oswaldo, Regina e Sânzio, havia mais alguém?

C.C.- Foi uma construção coletiva, não da parte ficcional e nem de pesquisa, apenas de gramática, mas os textos da Mamãe passavam por muita gente. Aquele *A Noite das Fogueiras* eu corrigi muitas vezes. Foi mandado para a Caterina e para o Vovô corrigirem. Eu também brigava, porque eu dizia que ela precisava de vírgula e o Vovô dizia que ela precisava de ponto. Ela dizia assim “Meu pai diz que eu careço de ponto, você diz que eu preciso de vírgula”. Eu dizia: “Mãe, eu acho que você precisa de ponto, mas como você gosta de frase longa, é da sua prosódia, vamos pelo menos negociar e colocar uma vírgula, porque três linhas sem uma vírgula, tem dó. Isso está ambíguo.” Mas ela não gostava muito não. Ela queria ir pela música e não pela técnica de uma menina de dezessete anos, que estava estudando para o vestibular e tinha que fazer tudo certo. Na Literatura, uma ambiguidade também é interessante.

O Vovô corrigindo *A Casa*? Eu não me lembro. Nos “alfarrábios” não tem a correção com a letra dele?

E.S.- Ainda não encontrei, mas já vi com a letra do Oswaldo Lamartine.

E.S.- Quando Natércia começou a escrever *A Casa*, em que ano?

C.C.- *A Casa* é um projeto muito antigo. *A Casa* não dá para entender assim, porque antes de escrever *A Casa* a mamãe queria escrever “O espelho”.

E.S.- Sim, eu já vi muitas pesquisas sobre espelho.

C.C.- “O espelho” é o embrião d’ *A Casa*, só que depois era melhor ser a casa porque um espelho fica preso numa parede e a casa vê tudo mesmo.

Sabe o diabo, o Asmodeu que ela fala. O Jadeilson se inspirou nisso quando ele foi montar *A Casa*. *A Casa* é um pouco o demônio Asmodeu, pode ver mais, mas no começo era para ser o espelho veneziano e depois ele volta para casa sendo o espelho veneziano. Eu acho que tudo convergiu para que virasse *A Casa*, tudo é muito simbólico, a mamãe começou com “A Escada” que é uma parte de casa. Depois eu acho que você nota que tudo está dentro da casa, o jardim está dentro da casa. No começo a gente não sabe para quê que veio, mas no fim das contas, o Saramago fala isso. E *A Casa* é muito ela, muitas vezes a mãe vê o sofrimento do seu filho, mas não pode evitar.

E.S.- Eu já li ensaios que diziam que Eugênia era Natércia.

C.C.- Não é que seja. É a mesma coisa do Madame Bovary c'est moi, do Flaubert. A Eugênia tem muito, mas o nome de Eugênia veio de uma colega dela do trabalho e ela era muito forte e bonita, existe sim. Mas tem muita coisa da Mamãe: de casar menina, essa alegria e beleza, ela era linda quando nova.

E.S.- A Regina também comentou que ela mostrou *A Casa* para o Moreira Campos.

C.C.- *A Casa* para o Vovô? Não sabia disso. Porque ele morreu há 13 anos e eu não sei se já tinha projeto d' *A Casa*, talvez d' “O espelho”.

E.S.- Natércia comenta que mostrou para a D. Zezé.

C.C.- A Vovó se foi depois da Mamãe. Eu sei que “O espelho” era um conto longo e quem disse para ela que achava que a escolha pelo conto era influência do Vovô, mas que a vocação dela era mais extensa, para o romance, foi a Raquel de Queiroz. Elas eram muito amigas, até a Rachel brincava dizendo que a Mamãe poderia ser filha dela. Ela perdeu uma filha que era alguns meses ou anos mais velha que a Mamãe. Além disso, tinha sido amiga do Vovô no tempo do colégio.

A Rachel incentivou demais a Mamãe, ela dizia “minha filha escreva como uma condenada. Escreva de madrugada.” Era uma dificuldade para a mamãe fazer isso, porque ela tinha muito sono, entre 21 e 21:30 h ela estava com as pálpebras pesadas, dormia na novela das oito. Ela acabou o livro de madrugada mesmo, obedeceu. Sentou, começou a escrever e saiu *A Casa*.

Às vezes na produção artística as coisas não são muito organizadas, por exemplo, “O espelho” não vou mais escrever, vai virar *A Casa*, mas eu acho que nesse caso foi. Sinceramente, nesse caso eu dou fé que foi.

E.S.- Você já viu um exemplar de *A Casa* que tem a capa branca?

C.C.- Acho que eram as prévias. A Mamãe deixava os editores doidos porque ela mudava de idéia no meio.

E.S.- Ela ia lá corrigir?

C.C.- Mandavam para ela e ela mandava de volta

E.S.- Quem digitava o livro para ela? Como ela escolheu essa pessoa?

C.C.- Era uma menina bem boazinha, Lilá. A Mamãe pagava e ela ia lá digitar. Digitava as cartas do Medauar. Ela tinha tanto ciúmes dessas cartas que não deixava Lilá levar para casa. A Lilá almoçava, lanchava lá em casa e a Mamãe lia, ficava vendo ela digitar e depois dizia o que era para corrigir, na hora. Era com a Mamãe a correção, mas ela não tinha jeito para digitar.

Ela escolheu porque trabalhava na Secult, foi através do trabalho.

E.S.- Encontrei no inventário prévio um livro intitulado Alvíssaras e uma peça de teatro, você já ouviu falar deles?

C.C.- Alvíssaras? Um livro inteiro? Essa peça não era uma publicada na *Poesia Plural*, da Cecília? Do Fernando?

E.S.- Eu acho que não porque eu já vi também uma poesia que ela publicou no jornal.

C.C.- A Mamãe não escreveu poesia. Ela escrevia prosa poética, tem uma prosódia única, um embalo, uma cadência que eleva à poesia.

E.S.- Ela tinha projetos para outros livros? Encontrei muitas pesquisas sobre dança e minerais brasileiros.

C.C.- Minerais. Era porque ela teve um namorado José Edílio, que morava nos Estados Unidos, e tinha uma mineradora. Então, ela, que se interessava por tudo, e até mesmo para conversar com ele sobre os minerais. A Dança era por conta do Antônio Nóbrega de quem ela gostava.

E.S.- Regina me falou que o livro *Por Terras de Camões e Cervantes* era inicialmente uma carta para Jorge Medauar, ela comentou sobre isso alguma vez?

C.C.- Sem dúvida.

E.S.- A Casa era a princípio um conto ou sempre foi um romance?

C.C.- Com isso ela não se preocupa, mas queria mesmo escrever esse romance e foi incentivado pela Rachel. Foi um esforço literário.

E.S.- Sobre o texto “Pele de Asno” e “Infância no Minho” você já leu ou ouviu falar alguma vez?

C.C.- “Infância no Minho” foi a do Vovô, deve ser falando nele, pois o pai dele era português. “Pele de Asno” ela contava para a gente quando éramos pequenas.

E.S.- Quem recebeu Natércia na Academia Cearense de Letras?

C.C.- Não sei.

E.S. Quando Natércia começou a bordar, havia um motivo?

C.C.- Ela era bem pequena. Eu tenho uns panos de prato e outras coisas lindas que ela bordou com seis anos de idade, a avó dela que ensinou. Não havia um motivo, todas as moças bordavam e ela também fazia essas coisas.

E.S. Como era a relação dela com Nadir Saboya?

C.C.- Era de ótima amizade, admiração mútua. A Mamãe queria muito bem a ela e ela a Mamãe, era xodó.

E.S.- Natércia retirou do *Iluminuras* uma dedicatória para o El, qual motivo?

C.C.- Porque ela se separou do meu pai, Emanuel Saboya. E ficava complicado manter seu El, tão carinhoso e não foi uma separação fácil, não existe separação fácil. Avalie 33 anos de casada, ela casou menina.

E.S.- Obrigada pela entrevista.

C.C.- Qualquer coisa estou aqui para ajudar.

AUTORIZAÇÃO

Eu, CAROLINA MARIA CAMPOS DE SABOYA, autorizo a publicação da entrevista sobre Natércia Campos na dissertação de mestrado “*A Casa: Arquitetura do texto, uma investigação sobre a origem do romance de Natércia Campos*”, de Elisabete Sampaio

Fortaleza, 15 de abril de 2009.

Carolina Campos

ANEXO B – Termo de Cessão**CONTRATO DE COMODATO****PARTES**

COMODANTES: OS HERDEIROS DE **JOSÉ MARIA MOREIRA CAMPOS**, brasileiro, casado, escritor e professor universitário, RG: 19746-SSP-CE, CPF: 000.972.503-25, falecido em 07 de maio de 1994;

Marisa Alcides Campos, brasileira, divorciada, artista plástica, RG: 2053345-SSP-PE, CPF: 519.745.414-87, residente e domiciliada na rua do Amparo, 33, bairro: Carmo – Olinda-PE, CEP: 53.020-190;

Cid Alcides Campos, brasileiro, casado, advogado, inscrição na Ordem dos Advogados do Brasil-CE 3092, CPF: 002.498.823-53, residente e domiciliado na rua Beni Carvalho, 225, ap. 502 – Dionísio Torres – Fortaleza-CE, CEP: 60.135-400;

Os herdeiros de NATÉRCIA MARIA ALCIDES CAMPOS, brasileira, divorciada, escritora, portadora de identidade nº 91002013170 SSP/CE, CPF nº 461.900.823-00, falecida no dia 2 de junho de 2004, em Fortaleza-CE;

Caterina Maria de Saboya Oliveira, brasileira, casada com José de Oliveira Alves Júnior sob o regime de comunhão parcial de bens, médica, carteira de identidade nº 548.509-CE, CPF 144.393.363-53, residente na Rua Deputado Moreira da Rocha, 655, ap. 402, Meireles, Fortaleza-CE;

Clarissa Maria Campos de Saboya Camillo, brasileira, casada com Ronaldo Camillo sob o regime de comunhão parcial de bens, servidora pública federal, carteira de identidade nº 2.129.631-DF, CPF 211.126.063-00, domiciliada no Condomínio Ville D'Montagne, quadra 01, casa 128, Lago Sul, Brasília-DF, CEP: 71.680-357;

Rodrigo José Campos de Saboya, brasileiro, solteiro, comerciante, carteira de identidade nº 94002298692, SSP-CE, CPF 383.996.873-91, domiciliado na Avenida Rogaciano Leite, 320, casa 5, Cocó, Fortaleza-CE;



A handwritten signature in black ink, appearing to read "Rodrigo José Campos de Saboya". The signature is somewhat stylized and includes some initials or abbreviations.

Emmanuela Maria de Saboya Furtado, brasileira, casada com Lucas Rocha Furtado sob o regime de comunhão parcial de bens, servidora pública, carteira de identidade nº 1549041, SSP-DF, CPF 635.631.001-44, domiciliada no SMDB conjunto 23, lote 2, casa A, Lago Sul, Brasília-DF, CEP: 71.680-230 e

Carolina Maria Campos de Saboya, brasileira, divorciada, advogada, inscrição na Ordem dos Advogados do Brasil-CE: 12451, CPF: 561.657.493-72, domiciliada na Rua Arquiteto Reginaldo Rangel, 155, ap. 902, Papicu, Fortaleza-CE, CEP: 60.191-250;

A escritora teve ainda outro filho, José Thomé de Saboya e Silva Neto, pré-falecido, ou seja, não herdeiro, solteiro, que não deixou sucessores;

COMODATÁRIA: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC, pessoa jurídica de direito público interno, inscrita no CNPJ sob nº 07.272.636/0001-31, com endereço na Av. da Universidade, nº 2863, bairro do Benfica, Fortaleza-CE;

têm, entre os mesmos, de maneira justa e acordada, em conformidade com a legislação regente da matéria, em especial o art. 579 e seguintes do vigente Código Civil brasileiro, o presente INSTRUMENTO PARTICULAR DE COMODATO, ficando desde já aceito, pelas cláusulas abaixo descritas.

CLÁUSULA 1 - OBJETO DO CONTRATO

O presente tem por OBJETO os acervos de propriedade dos comodantes supra qualificados. O acervo do escritor Moreira Campos tem por proprietários seus dois filhos vivos e os filhos de Natércia Maria Alcides Campos, primogênita do mesmo. O acervo da escritora tem por proprietários seus cinco filhos vivos. Os documentos e bens integrantes dos referidos acervos estão listados nos anexos I e II deste contrato.

(R) (S) (C)
JL ZC
Uld Cpd
2

CLÁUSULA 2 - PRAZO DO COMODATO

Prazo de 5 (cinco) anos, podendo ser prorrogado automaticamente, se não houver oposição, formal e motivada, de algum dos comodantes ou da comodatária, iniciado com a assinatura deste instrumento.

CLÁUSULA 3 - DO USO DOS ACERVOS

Os acervos (anexos I e II) deverão ser empregados para o fim precípua de divulgar a vida e obra de **JOSÉ MARIA MOREIRA CAMPOS** e **NATÉRCIA MARIA ALCIDES CAMPOS**.

A UFC deve conservar os acervos e fazer com que o uso e gozo deles sejam condizentes com a função social que eles têm, ou seja, estes devem estar disponíveis à pesquisa e ao estudo da vida e obra dos escritores **MOREIRA CAMPOS** e **NATÉRCIA CAMPOS**, divulgando-lhes nome e produção artística.

Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, os Proprietários Originários dos documentos de que trata este contrato – **MOREIRA CAMPOS** e **NATÉRCIA CAMPOS** – terão definitivamente assegurados os seus direitos morais sobre os acervos cedidos, de sorte que sempre terão os seus nomes citados por ocasião de qualquer utilização desses acervos.

A UFC se obriga a inventariar, organizar, catalogar, conservar em local adequado e divulgar os acervos documentais recebidos, colocando-os em condições de serem utilizados em estudos e pesquisas de caráter acadêmico e cultural. A Comodatária fica obrigada a zelar pelos acervos, a mantê-los em boas condições de higiene e limpeza, dentro das normas arquivísticas.

Para cumprimento da cláusula acima, deverão participar dos trabalhos de exame, organização e classificação do acervo pessoa(s) habilitada(s) e de confiança, cuja seleção

A handwritten signature and initials of the parties involved in the contract. The signature appears to be 'MOREIRA CAMPOS' and the initials are 'M.C.'. There are also other smaller initials and numbers like '3' and 'ibid'.

caberá à curadoria do acervo. A indicada pelos comodantes para ser a curadora é a Professora Dra. Maria Neuma Barreto Cavalcante (q. v. Cláusula 4). Esta, dentre outras atribuições, também elegerá o local de instalação do acervo.

A Universidade Federal do Ceará - UFC deve manter os acervos indivisíveis, não podendo ser separados os elementos integrantes dos mesmos, minudenciados nos anexos I e II, salvo com expresso pedido ou autorização dos comodantes.

Enquanto vigorar o acordo de COMODATO, a Comodatária, em concordância com a curadoria, pode utilizar de forma plena, permanente e irretratável o conteúdo dos acervos ora cedidos -ressalvada a documentação de caráter pessoal e íntimo, cuja publicação dependerá de anuência prévia de, pelo menos, um descendente do escritor José Maria Moreira Campos- sem ônus de qualquer espécie incluindo, mas não limitando, seu uso a: ensino, estudo, pesquisa; publicação, edição e divulgação; criação dramática em artes cênicas; utilização publicitária; radiofônica; utilização em televisão aberta ou fechada; cinematográfica; audiovisual em geral; incluindo videocassete doméstico, DVD e todas as tecnologias digitais existentes ou que venham a ser desenvolvidas no futuro, aptas a portar sons e/ou imagens. A UFC garantirá aos comodantes os direitos autorais patrimoniais sobre qualquer uso comercial dos acervos, no percentual, desde logo estipulado, de 10% (dez porcento).

É vedado à Comodatária expor os acervos a qualquer risco de deterioração, bem como locá-los ou repassá-los a outrem a qualquer título.

CLÁUSULA 4 – DA CURADORIA

Os acervos terão como curadora a Professora Dra. Maria Neuma Barreto Cavalcante, brasileira, casada, professora universitária, residente à Rua Coronel Linhares, n. 930, ap. 302, Aldeota, CEP 60.170-240, em Fortaleza, CE, portadora do RG 6.006.273 – SSP-SP, e CPF de n. 531.216.198-53.

A cluster of handwritten signatures and initials, including 'M', 'N', 'C', 'B', and 'J', along with some numbers like '4' and '2'. There is also a small drawing of a stylized figure.

CLÁUSULA 5 – DA SANÇÃO EM CASO DE DESCUMPRIMENTO

Em caso de descumprimento de qualquer das disposições estipuladas neste, a qualquer tempo, qualquer descendente de José Maria Moreira Campos poderá rescindir, formal e motivadamente, imediatamente o presente contrato, sem ônus, e ter restituído o objeto deste comodato pela Universidade Federal do Ceará. Da mesma forma, a Comodatária poderá rescindir o presente acordo, por descumprimento da outra parte ou por motivada conveniência administrativa.

Da decisão de rescisão amigável do presente acordo, deverá ser dada ciência formal à outra parte com antecedência mínima de 90 (noventa) dias.

Ressaltando que à Comodatária não restará o direito de cobrar dos Comodantes as despesas realizadas pela primeira, oriundas do uso, gozo, restauração e manutenção da coisa dada em empréstimo. Mas, restará aos Comodantes o direito de pleitear perdas e danos, excluídos os referentes a vícios redibitórios. O direito de pleitear perdas e danos só poderá ser exercido com a comprovação de responsabilidade da Comodatária.

CLÁUSULA 6 - DISPOSIÇÕES FINAIS

Este contrato passa a vigorar a partir da assinatura do mesmo. As partes elegem o foro da cidade de Fortaleza-CE, para dirimirem quaisquer dúvidas provenientes da execução e cumprimento do mesmo.

E, por estarem justas e convencionadas, as partes assinam o presente CONTRATO DE COMODATO, juntamente com a Professora Dra. Maria Neuma Barreto Cavalcante, aceitando ser a curadora, e mais três testemunhas.

Fortaleza-CE, 02 de outubro de 2007.

acomodantes:

Marisa Alcides Campos

Cid Alcides Campos

Caterina Maria de Saboya Oliveira

Caterina Maria de Saboya Oliveira

Clarissa Maria Campos de Saboya Camillo

Rodrigo José Campos de Saboya

Emmanuela Maria de Saboya Furtado
Emmanuela de Saboya Furtado
Emmanuela Maria de Saboya Furtado

Carolina Maria Campos de Saboya

de Ofício	de Tabelia
Bff. Marisa Alcides Campos de Saboya	Tabelia
Substitutos:	
Mr. Lício Fransca Santos Souza	
Josélio Sátiros de Albuquerque	
Praça do Camo, 15 - Olinda PE	
Fones: 3439-4343/39-9154	
Reconheço por autenticidade a(s) firma(s)	
aposta(s) na minha presença de MARISA	
ALCIDES CAMPOS	
Olinda, 06/02/2006 de	
Em Testemunha da Verdade.	
Tabelião	
Emolumento Pago R\$ 2,21	
T. S. N. R. R\$ 0,44	
Total: R\$ 2,65	
VALIDO SOMENTE COM O SELO DE AUTENTICIDADE E FISCALIZAÇÃO	

Selo de Autenticidade
BLANDO ESPECIAL PARA O REGISTRO CIVIL
AN 223884
RECONHECIMENTO DE FIRMA
AN 223883
RECONHECIMENTO DE FIRMA

2º. OFÍCIO DE NOTAS E PROTESTO
SRTV/SUL QD, 701 BL. QI L1 24 TERED
ED. ASSIS CHATEAUBRIANO - BRASÍLIA/DF
CNPJ/MF 00.618.421/0001-80

RECONHECIDO e dou fei por SEMELHANCA a(s)
firma(s) de:
[Seledas] Cid Alcides Campos de Saboya
Emmanuela Maria de Saboya Furtado

Em testemunho _____ da verdade,
BRASÍLIA, 06 de Fevereiro de 2007

GOIANO BORGES TEIXEIRA - TABEIÃO
RAMILDO SÍLVIO CARRERA - TABEIÃO SUBSTITU
ENOBRES ALVES GOMES - ESC. NOT. AUT.
IRITA ALCIDES S. L. P. 1429 - ESC. NOT. AUT.
CLAYTON NASCIMENTO BERNARDO - ESC. NOT. AUT.

2º. OFÍCIO DE NOTAS E PROTESTO
SRTV/SUL QD, 701 BL. QI L1 24 TERED
ED. ASSIS CHATEAUBRIANO - BRASÍLIA/DF
CNPJ/MF 00.618.421/0001-80

RECONHECIDO e dou fei por SEMELHANCA a(s)
firma(s) de:
[Seledas] Clarissa Maria Campos de
Saboya Camillo

Em testemunho _____ da verdade,
BRASÍLIA, 07 de Fevereiro de 2007

GOIANO BORGES TEIXEIRA - TABEIÃO
RAMILDO SÍLVIO CARRERA - TABEIÃO SUBSTITU
ENOBRES ALVES GOMES - ESC. NOT. AUT.
IRITA ALCIDES S. L. P. 1429 - ESC. NOT. AUT.
CLAYTON NASCIMENTO BERNARDO - ESC. NOT. AUT.

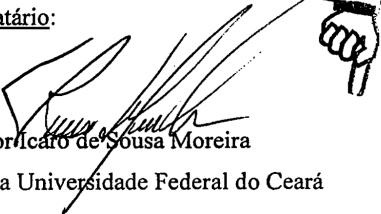
3º. TAB. DE NOTAS E PROTESTO DE TÍTULOS
TAB. AQUARI - Fortaleza - CE / tel: 85-3466-7777
VALIDO SOMENTE COM SELO DE AUTENTICIDADE

Reconheço por SEMELHANCA a firma de:
[Selos] CATERINA MARIA DE SABOYA
OLIVEIRA
[Selos] RODRIGO JOSÉ CAMPOS DE SABOYA
Fortaleza, 12 de Março de 2007

Em testemunho _____ da verdade,
[Selos] RODRIGO JOSÉ CAMPOS DE SABOYA

ICARO ASSIS OLIVEIRA DE SOUSA
- ESCREVENTE AUTORIZADO

Comodatário:


 Professor Icaro de Sousa Moreira
 Reitor da Universidade Federal do Ceará

Selo de Autenticidade 3. DE NOTAS E PROTESTO DE TITULOS
 FUNDO SOCIAL PARA RECONHECIMENTO DE FIRMA AR 808274
 SOLENTE COM SELO DE AUTENTICIDADE
 RECONHECIMENTO DE FIRMA 03T711-ELISABETE SAMPAIO ALENCAR..
 LIMA.....
 Fortaleza, 24 de Novembro de 2008
 Em testemunho 
 PAULO TEIXEIRA FILHO
 ESCREVENTE AUTORIZADO

De acordo:


 Professora Dra. Maria Neuma Barreto Cavalcante

Curadora do Acervo

Testemunhas:

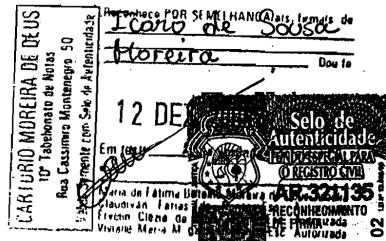
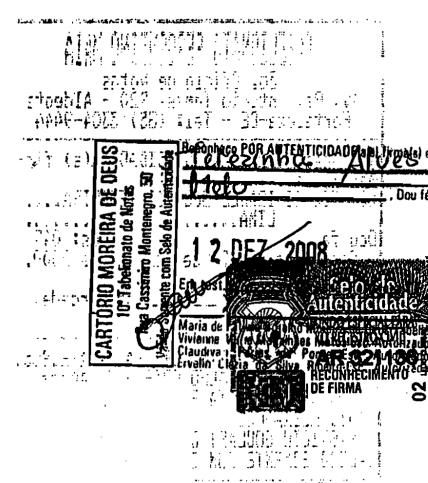

 1. Elisabete Sampaio Alencar Lima
 RG: 98003006-213 – SSP-CE

Reconheço por autenticidade a(s) firma(s) de:
Maria Neuma Barreto Cavalcante,
 Em test.  da verdade. Fortaleza-CE.
 24 NOV. 2008
 Selo de Autenticidade
 FUNDO SOCIAL PARA RECONHECIMENTO DE FIRMA
 AR 713657
 RECONHECIMENTO DE FIRMA


 2. Isabel Gouveia Ferreira Lima
 RG: 97002181-293 – SSP-CE

TABELIONATO PERGENTINO MAIA
 3º Ofício de Notas
 Av. Pe. Antônio Tomás, 920 - Aldeota
 Fortaleza-CE - Tel: (85) 3304-9444
 Reconheço POR AUTENTICIDADE a(s) firma(s) de:
C2DdFE0n21-ISABEL GOVEIA FERREIRA....
 LIMA.....
 Dou fe. 
 Fortaleza-CE, 26 de Janeiro de 2009.
 Em testemunho 
 da verdade.
 CONCEIÇÃO DE MARIA CORREIA MAIA-E.Sub.
 JANAINA CARVALHO/E.DT. - F. Autor
 MARIA MARLY MOTA M. - F. Autor
 ANT. ALEXANDRE P. - F. Autor
 FÁBRICIO GOULART DE ANDRADE - F. Autor
 VALÍDO SOMENTE COM SELO DE AUTENTICIDADE
 RECONHECIMENTO DE FIRMA


 3. Terezinha Alves Melo
 RG: 200100209651-9 – SSP-CE



ANEXO C- 3x4

Agora, chegou o vento sacudindo a acácia e
 uma chuva de flores amarelinhas voou e pousou na grama.
 “Chuva de ouro de Zeus sobre Danae”.
 Lembrou-me de campos verdes pintados de
 Pequenas giestas amarelas onde se ouvia
 vindo de longe os sons dos pífanos dos
 pastores. Pois. Deu-me agora vontade de
 tomar caldo e vinho verde ... com você.

(Natércia Campos)

E volto no tempo.

Lembro-me que alguém, cedinho, lia em
 voz alta o Lunário Perpétuo e eu
 espreguiçava-me, friorenta, ouvindo na
 penumbra aquela voz rouca, que me dizia sobre os Santos do dia, sobre a neve ou
 verão, de sol-posto e de geadas, das estrelas
 em fuga, da peregrinação, das messes, de se fazer
 geléias e serões, dos lutos e penitências da
 Quaresma, das festas de fogueiras, cepo
 do Natal posto ao lume, das adivinhas, das citações em latim: “Astra movent
 hominis, sed deus Astra movet”. E sobretudo me
 ensinava a viver. Tudo tão longe . esbatido.
 Névoa. Perdura em mim a voz.

(Natércia Campos)

Que este imaginário tenha de vocês a
 bênção e seja como a zelação (as estrelas
 cadentes), que, ao correr nos céus da minha
 terra, sertão-mar, nos causa por instante
 supresa e mistério, embroa tudo longo se
 aquiete, perdurando, no entanto, em que a
 vê, seu rastro de magia ouro e luz.

ANEXO D -Poema- pôster de Natércia Campos

Quando menina escutei a história
Mais difundida no mundo inteiro,
Que chegou ao nosso sertão, a do
“Bicho Manjaléu”, cuja alma era guardada
Fora do seu corpo. Tive medo de que
Também minha vida, ou melhor, minha
“chama” não me pertencesse. Hoje não
Temo que isso assim seja. Acho até apaziguador
Pensar que minha alma está talvez
Guardada numa ave como a do Mago
Punchkin da lenda hindu, ou em uma flor
De cedro ou de acácia como a de Batau, do
Conto egípcio, como a de Meliágro,
Príncipe eólio que teve ao nascer a vida ligada a uma acha que
ardia numa lareira.

Em um lugar externo mágico, recôndito,
Secreto, imagino que ali estou mais segura
Do que dentro de mim mesma... que sabe
Num peixe, num delfim, já que nasci numa
Praia, ou em uma andorinha-do-mar, numa
Fonte, numa árvore...O importante é não
Deixar que o desalento se infiltre. Temos
De pensar sempre que tudo conosco vai
bem, já que não sabemos nem o paradeiro
da nossa luz. Ela às vezes é quase
palpável, outras, invisível e transparente
como os ventos estivais...

(Natércia Campos)

ANEXO E- texto publicado em *Poesia Plural 2***alvíssaras**

e escrevemos... nas suas cartas absorvo imagens,
o verso e o reverso das palavras,
filtramos gota a gota
a poalha dulcíssima do imaginário.
e conversamos... ao vencermos o silêncio
e proferirmos as palavras, fizemos surgir o invisível,
o submerso, o emparedado como faz
a semente do sésamo
que abre os umbrais e aldrabas
dos pórticos e cavernas ao som da voz humana.
e o que amordaçamos, não mais terá retorno
pela tocaia sofrida.
e nesta travessia as palavras
foram revelando emoções,
num caminhar lento, de duna,
a metamorfosear horizontes,
a ampliar paisagens interiores como mutações de luz.

ANEXO F- Carta de Oswaldo Lamartine para Natércia

Rio de Janeiro,
10/mai/95

Prezada Natércia

Vi seus rastos. Mas, antes de me abancar, rogo q entenda: Já inteirei 76 novembros com os achaques naturais dessa sobrevivência, somados ainda à rabujice e aos aleijões da alma - para dizer somente dos confessáveis...

Não me pergunte sobre o rastejar literário do seu rastro. Não faço literatura nem tenho esteira no suador-da-sela para tanto. A minha leviandade foi botar no papel alguns momentos do viver sertanejo. E até isso esbarrei de fazer. E é por essa brecha q os amigos, talvez para me encabular dizem ser etnografia - q vcu espiar seu rastro. Vamos lá:

1º - Sei do município de Cerro Corá na Serra de Sant'Ana/RN - divisa do Seridó. Mas aquilo é nome "estrangeiro" - bajulação de feitos da Guerra do Paraguai. Mesmo pq "cerro" é nomenclatura geográfica sulina - equivalente parecido com o nosso "serrote". Pq não Rajeda, Acauã, Coité, Trincheiras, do Chapéu, etc - nomes da gente (pp. 1, 5, 8).

2º - Cutia é um roedor extinto em nossa fauna há muitos anos (p. 2).

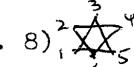
3º - Não sei de certeza certa do tatu-bola em loca de pedra. Os tatus costumam morar em buracos (galerias) cavados na terra (p.2 e 4).

3º - "mel de abelhas uruçu" (p.3). A uruçu habita o litoral - Mata Atlantica - e não tenho notícia dela na caatinga. Pq não substitue pela jandaíra?

4º - O mundé não chega a estragar o couro de vez q mata por fratura na cabeça - quase sempre (p.4).

5º - Sem querer meter minha colher de pau na estória do Bicho Manjaleú (p. 7) pq não porco caitetu em vez do porco-espinho, estranheiro naqueles sertões(?)

6º - Se não estou enganado o "sino Salomão" é uma estrela de 5 pontas, cabalística, de vez q pode ser riscada sem se tirar o "ponteiro" (lápis) do papel; 

A de 6 raios é a Cruz de David, dos judeus (p. 8); 

7º - O rasto-fêmea é deixado por animais de casco fendido: vaca, veado, cabra, etc. (p. 9).

8º - As plantas q conheço com o nome vulgar de tiririca têm, na verdade, os bordos das folhas um tanto cortantes mas não são armadas de espinhos (p. 10). O nosso vulgar carrapicho, com dezenas de variedades, parece mais apropriado.

10º - e o xique-xique é uma cactácea. Não tem vagens como as leguminosas. E, na verdade, "comida braba" nos anos de seca qdº é queimado para eliminação do espinho. Come-se o miolo. (p. 10). Tem, na verdade, um arbusto de vargens farfalhantes, com o mesmo nome. Não conheço, mas sei q existe. E não é comum na caatinga - imagino eu.

10º - Desconheço, confesso, as "virtudes" do mororó para desen-
cantar lobisomem (?). Lembro, assim, de momento, q̄ desencantava qdº
"se fazia sangue, lá nule, com ferro-frio". E tb recordo q̄ o pião-ro-
xo era tido como específico para quebrar as forças de catimbozeiros
- usado à guisa de cacete (pp. 12, 13).

Olhe, moça, não se caningue com tanto palpite. Ninguém sabe tu-
do nem eu sei de nada. Sou apenas um palpiteiro a mais. E espero, que-
ro e desejo q̄ veja em tudo a vontade de ajudar - passar o cipio,
alisar, melhorar. Fiquei até meio cururu-de-goteira em saber q̄ escre-
vinhou seu conto cutucada pelos feitos dos nossos rastejadores. Eu e
eles ficamos felizes e agradecidos. Não se doa com os meus palpites.
As mãos dos velhos são trêmulas e, mamãe, mais das vezes, pensam q̄
estão alisando e estão é entronchando...

E bom saber q̄ é amiga do Virgílio (Estou e estarei sempre em
falta com ele em nossa correspondência. Mas o bem querer é do mesmo
tamanho).

E da Amarela - a Leonia - essa nem se fala. É paixão velha, ca-
duca. Amiga grávida. É ouro de libra - não mareia nunca.

Fico por aqui,
Do velho

*HK
Oswaldo*